

52

SABERES DO DIREITO

*Português  
Jurídico*

EDUARDO SABBAG

COORDENADORES

ALICE BIANCHINI  
LUIZ FLÁVIO GOMES

 **Editora  
Saraiva**

## DADOS DE COPYRIGHT

### Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

### Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Net](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link

*Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.*





Rua Henrique Schaumann, 270, Cerqueira César — São Paulo — SP  
CEP 05413-909 – PABX: (11) 3613 3000 – SACJUR: 0800 055 7688 – De 2ª a  
6ª, das 8:30 às 19:30  
E-mail: [saraivajur@editorasaraiva.com.br](mailto:saraivajur@editorasaraiva.com.br)  
Acesse: [www.saraivajur.com.br](http://www.saraivajur.com.br)

## **FILIAIS**

### **AMAZONAS/RONDÔNIA/RORAIMA/ACRE**

Rua Costa Azevedo, 56 – Centro – Fone: (92) 3633-4227 – Fax: (92) 3633-  
4782 – Manaus

### **BAHIA/SERGIPE**

Rua Agripino Dórea, 23 – Brotas – Fone: (71) 3381-5854 / 3381-5895 – Fax:  
(71) 3381-0959 – Salvador

### **BAURU (SÃO PAULO)**

Rua Monsenhor Claro, 2-55/2-57 – Centro – Fone: (14) 3234-5643 – Fax:  
(14) 3234-7401 – Bauru

### **CEARÁ/PIAUI/MARANHÃO**

Av. Filomeno Gomes, 670 – Jacarecanga – Fone: (85) 3238-2323 / 3238-1384  
– Fax: (85) 3238-1331 – Fortaleza

### **DISTRITO FEDERAL**

SIA/SUL Trecho 2 Lote 850 — Setor de Indústria e Abastecimento – Fone:  
(61) 3344-2920 / 3344-2951 – Fax: (61) 3344-1709 — Brasília

### **GOIÁS/TOCANTINS**

Av. Independência, 5330 – Setor Aeroporto – Fone: (62) 3225-2882 / 3212-  
2806 – Fax: (62) 3224-3016 – Goiânia

## **MATO GROSSO DO SUL / MATO GROSSO**

Rua 14 de Julho, 3148 – Centro – Fone: (67) 3382-3682 – Fax: (67) 3382-0112 – Campo Grande

## **MINAS GERAIS**

Rua Além Paraíba, 449 – Lagoinha – Fone: (31) 3429-8300 – Fax: (31) 3429-8310 – Belo Horizonte

## **PARÁ/AMAPÁ**

Travessa Apinagés, 186 – Batista Campos – Fone: (91) 3222-9034 / 3224-9038 – Fax: (91) 3241-0499 – Belém

## **PARANÁ/SANTA CATARINA**

Rua Conselheiro Laurindo, 2895 – Prado Velho – Fone/Fax: (41) 3332-4894 – Curitiba

## **PERNAMBUCO/PARAÍBA/R. G. DO NORTE/ALAGOAS**

Rua Corredor do Bispo, 185 – Boa Vista – Fone: (81) 3421-4246 – Fax: (81) 3421-4510 – Recife

## **RIBEIRÃO PRETO (SÃO PAULO)**

Av. Francisco Junqueira, 1255 – Centro – Fone: (16) 3610-5843 – Fax: (16) 3610-8284 – Ribeirão Preto

## **RIO DE JANEIRO/ESPÍRITO SANTO**

Rua Visconde de Santa Isabel, 113 a 119 – Vila Isabel – Fone: (21) 2577-9494 – Fax: (21) 2577-8867 / 2577-9565 – Rio de Janeiro

## **RIO GRANDE DO SUL**

Av. A. J. Renner, 231 – Farrapos – Fone/Fax: (51) 3371-4001 / 3371-1467 / 3371-1567 – Porto Alegre

## **SÃO PAULO**

Av. Antártica, 92 – Barra Funda – Fone: PABX (11) 3616-3666 – São Paulo

ISBN 978-85-02-17111-4  
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Sabbag, Eduardo  
Português jurídico /  
Eduardo Sabbag. – São  
Paulo :

Saraiva, 2012. –

(Coleção saberes do  
direito ; 52)

1. Direito - Brasil -  
Linguagem - Problemas,  
questões,  
exercícios 2. Redação  
forense - Problemas,  
questões,  
exercícios I. Título. II.  
Série.

Índice para catálogo sistemático:  
1. Português jurídico 340.113.2

**Diretor editorial** Luiz Roberto Curia  
**Diretor de produção editorial** Lúgia Alves  
**Editor** Roberto Navarro  
**Assistente editorial** Thiago Fraga  
**Produção editorial** Clarissa Boraschi Maria  
**Preparação de originais, arte e diagramação** Know-how Editorial  
**Serviços editoriais** Maria Cecília Coutinho Martins / Vinicius Asevedo  
Vieira  
**Capa** Aero Comunicação  
**Produção gráfica** Marli Rampim  
**Produção eletrônica** Know-how Editorial

**Data de fechamento da  
edição: 25-4-2012**

**Dúvidas?**

**Acesse: [www.saraivajur.com.br](http://www.saraivajur.com.br)**

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei n. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.



## **EDUARDO SABBAG**

Doutorando em Direito Tributário e em Língua Portuguesa pela PUCSP. Mestre em Direito Público e Evolução Social pela UNESA/RJ. Advogado. Professor. Palestrante e conferencista.

Conheça o autor deste livro:  
<http://atualidadesdodireito.com.br/conteudonet/?ISBN=17110-7>

## **COORDENADORES**

### **ALICE BIANCHINI**

Doutora em Direito Penal pela PUCSP. Mestre em Direito pela UFSC. Presidente do Instituto Panamericano de Política Criminal – IPAN. Diretora do

Instituto LivroeNet.

## LUIZ FLÁVIO GOMES

Jurista e cientista criminal. Fundador da Rede de Ensino LFG. Diretor-presidente do Instituto de Pesquisa e Cultura Luiz Flávio Gomes. Diretor do Instituto LivroeNet. Foi Promotor de Justiça (1980 a 1983), Juiz de Direito (1983 a 1998) e Advogado (1999 a 2001).

Conheça a LivroeNet:  
[http://atualidadesdodireito.com.br/conteudonet/?page\\_id=2445](http://atualidadesdodireito.com.br/conteudonet/?page_id=2445)

Dedico esta obra à Dina, esposa e companheira,  
que compartilha comigo os tantos momentos de  
felicidade de nossa vida em comum.

Dedico, também, à Jamile, fruto de nosso amor,  
que, dia a dia, torna nossas vidas  
mais cheias de sentido.

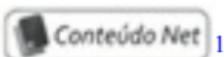


## Apresentação

O futuro chegou.

A Editora Saraiva e a LivroeNet, em parceria pioneira, somaram forças para lançar um projeto inovador: a **Coleção Saberes do Direito**, uma nova maneira de aprender ou revisar as principais disciplinas do curso. São mais de 60 volumes, elaborados pelos principais especialistas de cada área com base em metodologia diferenciada. Conteúdo consistente, produzido a partir da vivência da sala de aula e baseado na melhor doutrina. Texto 100% em dia com a realidade legislativa e jurisprudencial.

### Diálogo entre o livro e o



A união da tradição Saraiva com o novo conceito de *livro vivo*, traço característico da LivroeNet, representa um marco divisório na história editorial do nosso país.

O conteúdo impresso que está em suas mãos foi muito bem elaborado e é completo em si. Porém, como organismo vivo, o Direito está em constante mudança. Novos julgados, súmulas, leis, tratados internacionais, revogações, interpretações, lacunas modificam seguidamente nossos conceitos e entendimentos (a título de informação, somente entre outubro de 1988 e novembro de 2011 foram editadas 4.353.665 normas jurídicas no Brasil – fonte: IBPT).

Você, leitor, tem à sua disposição duas diferentes plataformas de informação: uma **impressa**, de responsabilidade da Editora Saraiva (livro), e outra disponibilizada na **internet**, que ficará por conta da LivroeNet (o que chamamos de ).<sup>1</sup>

No  <sup>1</sup> você poderá assistir a **vídeos** e participar de **atividades** como simulados e enquetes. **Fóruns de discussão e leituras complementares** sugeridas pelos autores dos livros, bem como comentários às novas leis e à jurisprudência dos tribunais superiores, ajudarão a enriquecer o seu repertório, mantendo-o sintonizado com a dinâmica do nosso meio.



Você poderá ter acesso ao  <sup>1</sup> do seu livro mediante assinatura. Todas as informações estão disponíveis em [www.livroenet.com.br](http://www.livroenet.com.br).

Agradecemos à Editora Saraiva, nas pessoas de Luiz Roberto Curia, Roberto Navarro e Lígia Alves, pela confiança depositada em nossa Coleção e pelo apoio decisivo durante as etapas de edição dos livros.

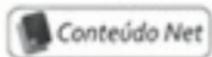
As mudanças mais importantes que atravessam a sociedade são representadas por realizações, não por ideais. O livro que você tem nas mãos retrata uma mudança de paradigma. Você, caro leitor, passa a ser integrante dessa revolução editorial, que constitui verdadeira inovação disruptiva.

**Alice Bianchini | Luiz Flávio Gomes**  
Coordenadores da Coleção Saberes do Direito  
Diretores da LivroeNet

*Saiba mais sobre a LivroeNet*

<http://atualidadesdodireito.com.br/?video=livroenet-15-03-2012>



<sup>1</sup> O  deve ser adquirido separadamente. Para mais informações, acesse [www.livroenet.com.br](http://www.livroenet.com.br).



## Sumário

### Capítulo 1 Introdução

1. A importância da leitura e do hábito da escrita
2. Biblioteca

### Capítulo 2 Características da Boa Linguagem

1. Clareza
2. Correção
3. Concisão
4. Precisão
5. Naturalidade
6. Nobreza
7. Harmonia

### Capítulo 3 Técnicas de Redação

1. Esquemas e estruturas dissertativas
  - 1.1 Pensamento dialético
  - 1.2 Texto expositivo e argumentativo
  - 1.3 Raciocínio indutivo e dedutivo
  - 1.4 Causa e consequência
2. Características do texto
  - 2.1 Impessoalidade
  - 2.2 Estrangirismos
  - 2.3 Gerundismo
  - 2.4 Chavões
  - 2.5 Pleonasmos
3. Para a sua prova escrita/dissertativa
  - 3.1 Letra
  - 3.2 Rasura

## Capítulo 4 Ortografia

### 1. Alfabeto

### 2. Letras minúsculas e maiúsculas

### 3. Abreviaturas

### 4. Emprego de letras

#### 4.1 Letra “e”

#### 4.2 Letra “i”

#### 4.3 Letra “j”

#### 4.4 Letra “g”

#### 4.5 Letra “h”

### 5. Emprego das letras “s”, “ss”, “sc”, “ç”, “x”, “ch” e “xc”

#### 5.1 O fonema /S/

#### 5.2 O fonema /Z/

#### 5.3 O fonema /š/ (como em “abacaxi” e “anchova”)

#### 5.4 O fonema /KS/

### 6. Hifen

#### 6.1 Regras gerais

#### 6.2 Casos específicos

### 7. Revisão

#### 7.1 Palavras de pronúncia complexa

#### 7.2 Palavras de grafia complexa

#### 7.3 Palavras parecidas na grafia, mas com acepções distintas (paronímia)

#### 7.4 Palavras de dupla prosódia, aceitas pelo VOLP em uma ou outra formas

### 8. Importantes modificações do Acordo Ortográfico

## Capítulo 5 Acentuação

### 1. Regras gerais de acentuação gráfica

#### 1.1 Monossílabos

#### 1.2 Oxítonas

### 1.3 Paroxítonas

### 1.4 Proparoxítonas

## 2. Casos específicos

### 2.1 O caso dos hiatos

### 2.2 O caso dos ditongos

### 2.3 O caso do trema

### 2.4 O caso da supressão do acento agudo no -u tônico de formas verbais de ARGUIR, AVERIGUAR, entre outros verbos similares

### 2.5 O caso do acento diferencial em PÁRA (com acento) e PARA (sem acento)

### 2.6 O caso da permanência do acento diferencial em PÔR (com acento circunflexo) e POR (sem acento)

### 2.7 O caso da supressão do acento circunflexo em certas formas dos verbos CRER, DAR, LER e VER

### 2.8 O caso da supressão do acento circunflexo nas paroxítonas terminadas em "o" duplo

## Capítulo 6 Crase

### 1. Casos obrigatórios

### 2. Casos proibitivos

### 3. Casos facultativos

## Capítulo 7 Classes Gramaticais

### 1. Substantivo

### 2. Artigo

### 3. Adjetivo

### 4. Numeral

### 5. Pronome

### 6. Verbo

7. Advérbio

8. Preposição

9. Conjunção

10. Interjeição

11. Palavras denotativas (ou de realce)

## Capítulo 8 Regência Verbal e Nominal

1. Regências verbal e nominal

1.1 Regência verbal

1.2 Regência nominal

## Capítulo 9 Concordância Verbal e Nominal

1. Concordância verbo-nominal

2. Concordância verbal

2.1 Princípio geral

2.2 Regras específicas de concordância verbal

3. Concordância nominal

3.1 Princípio geral

3.2 Regras específicas de concordância nominal

## Capítulo 10 Verbos

1. Verbo

1.1 Quanto à conjugação

1.2 Quanto ao modo

1.3 Quanto ao tempo

1.4 Quanto à pessoa e ao número

1.5 Quanto à voz

## Capítulo 11 Colocação Pronominal

1. Colocação Pronominal

1.1 Uso do pronome proclítico

1.2 Uso do pronome enclítico

1.3 Uso da mesóclise

## Capítulo 12 **Uso de Infinitivos**

### 1. Uso de infinitivos, gerúndio e participio

#### 1.1 Uso do infinitivo

#### 1.2 Uso do gerúndio

#### 1.3 Uso do participio

## Capítulo 13 **Dificuldades da Língua Portuguesa**

### 1. Dicas de Português – 1ª parte

### 2. Dicas de Português – 2ª parte

#### 2.1 Dicas rápidas

## Capítulo 14 **Revisão – Acordo Ortográfico**

### 1. Alfabeto

### 2. Acentuação

### 3. Trema

### 4. Hífen

#### 4.1 Regras gerais

#### 4.2 Casos específicos

## Referências



## Índice de Artigos

- Artigo 1 [Fazendo graça com a aprendizagem](#)
- Artigo 2 [Locuções em conflito: em vez de \*versus\* ao invés de](#)
- Artigo 3 [Os sabores do cardápio gramatical](#)
- Artigo 4 [O “mesmo” – há um maniaco nos elevadores?](#)
- Artigo 5 [O sorveteiro e o verbo “entreter”](#)
- Artigo 6 [A Língua Portuguesa do consumidor: uma história real](#)
- Artigo 7 [A “queda do circunflexo” em CREEM, DEEM, LEEM e VEEM](#)
- Artigo 8 [As dez estranhezas do Acordo Ortográfico](#)
- Artigo 9 [Os escarcéus dos réus revéis](#)
- Artigo 10 [As “encruzilhadas” do Acordo Ortográfico \(Autópsia/necrópsia ou autopsia/necropsia? Tão-somente ou tão somente? Dia-a-dia ou dia a dia? À-toa ou à toa?\)](#)
- Artigo 11 [Reforma Ortográfica: o que parece ter mudado, mas não mudou](#)
- Artigo 12 [Podemos falar “se isso lhe APROUVER”?](#)
- Artigo 13 [Quem sabe o que é prosopopeia?](#)
- Artigo 14 [A gramaticalidade no júri](#)
- Artigo 15 [O extremo do argumento estreme de dúvidas](#)
- Artigo 16 [“Por si só” vive só?](#)
- Artigo 17 [Implicando com o verbo “implicar”](#)
- Artigo 18 [O verbo dá o recado](#)

Artigo 19 [Não faça previsões erradas: diga “quando eu previr”!](#)

Artigo 20 [O resgate do pronome “cujo”](#)

Artigo 21 [Usa-se vírgula antes do “e”?](#)

Artigo 22 [O que é melhor: “melhor” ou “mais bem”?](#)

Artigo 23 [O recorrente problema dos porquês](#)

Artigo 24 [Os “supersalários”: como se escreve o vocábulo?](#)



#### 1. A importância da leitura e do hábito da escrita

Indica o senso comum que quem lê muito, necessariamente, escreve bem. Todavia, na prática, não é bem assim. Nem todos que leem bastante escrevem textos de qualidade. Por outro lado, é impossível escrever bem sem uma boa dose de leitura constando do “currículo”.

A propósito, para o operador do Direito, o escrever bem é fundamental, na medida em que utiliza a linguagem na exteriorização das normas e conceitos jurídicos.

Adquire-se, com o hábito da leitura, cultura geral, um requisito para ser um bom e crítico escritor. Além disso, o contato com o texto de qualidade faz com que se apreenda, mesmo que inconscientemente, a forma da narrativa, a estrutura das orações, a colocação e a intensidade das palavras.

A propósito, os artigos de opinião e os editoriais de jornais e revistas, por exemplo, são ótimos mecanismos para a observação e a aquisição do domínio das estruturas dissertativas, além, é claro, de serem uma excelente fonte para o enriquecimento do vocabulário e do senso crítico. Entretanto, é bom frisar: nada substitui a prática habitual da escrita.

Não há grandes segredos para se escrever bem, ainda que o propósito seja variado: artigos, reportagens, dissertações, poemas, romances, peças processuais etc. Se tiver empenho, esforço, disciplina e uma boa dose de paciência, tenderá a adquirir o controle da técnica redacional. Sobre esse tema, podemos citar o ilustre escritor português Eça de Queiroz, o qual já dizia: “A simplicidade do texto resulta sempre de um violento esforço. Não se atinge uma expressão fácil, concisa e harmoniosa, sem longas e tumultuárias lutas em que arquejam juntos espírito e vontade”.

Sempre ensino aos meus alunos: “leia com vontade tudo o que lhe cair à mão, mas dê preferência aos textos de qualidade. E, na mesma medida, exercite a escrita, por meio de atividades que estimulam a criatividade textual. Entretanto, lembre que é preciso dominar a gramática normativa para não ‘fazer feio’”.

Com o propósito de praticar a escrita, sugiro que se mantenha um diário, no qual façam redações, escrevam contos, poemas e até romances. A leitura e a escrita são igualmente importantes para se escrever bem e, conseqüentemente, para fazê-lo um melhor operador do Direito.

## 2. Biblioteca

É indispensável que, durante os estudos, você tenha acesso a boas obras, ou seja, bons livros de referência. São eles que sanarão as suas dúvidas e darão elementos para enriquecimento das suas capacidades. Sejam próprios, emprestados ou de bibliotecas, procure manter fácil acesso a eles. Acompanhe a lista a seguir:

- a) Um bom **Dicionário**: recomenda-se o dicionário completo e atualizado, especialmente após o recente Acordo Ortográfico. Hoje já existem as versões digitais dos dicionários, que são uma verdadeira “bênção” para os mais preguiçosos. Tais versões suprem satisfatoriamente o material impresso.
- b) Uma **Gramática**: há várias gramáticas de qualidade disponíveis. Escolha a de sua preferência, com a linguagem que mais lhe agrada. Mas só valem as gramáticas completas. As versões “míni” só são úteis em situações emergenciais.
- c) Um **Dicionário de Dificuldades**: em muitas ocasiões, as dúvidas de Língua Portuguesa, afetas às regras da gramática normativa, não são facilmente sanadas. Por conta disso, é importante que você tenha um bom *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa*, no qual você poderá elucidar as questões mais sutis e delicadas quanto ao bom uso do nosso idioma.
- d) O **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP)**: editado pela Academia Brasileira de Letras – hoje em sua 5ª edição (2009), já atualizada com o Acordo –, representa um levantamento de todas as palavras registradas em Língua Portuguesa, com indicação de: grafia, prosódia, ortoépia, classe gramatical e outras informações úteis. Se a palavra não está no VOLP, ela não existe no idioma pátrio, pelo menos oficialmente. Difere do dicionário, por não conter o significado das palavras. Atualmente, é obra fundamental, tendo em vista o recente Acordo Ortográfico celebrado entre os países que têm como principal idioma a Língua Portuguesa e as dezenas de dúvidas advindas de suas

**IMPORTANTE:** ao surgir uma dúvida quanto, por exemplo, à grafia de uma palavra ou quanto à sintaxe de uma oração, busque socorro imediatamente na obra de referência adequada. Não deixe para depois nem permaneça

com a dúvida. É muito comum ouvir por aí que se tem “preguiça” de consultar uma gramática ou um dicionário. Tal conduta não é adequada a quem almeja escrever bem. Abra o livro! Encontre a solução para esse obstáculo! O conhecimento é

cumulativo, e, cada vez que nos socorreremos de uma obra de referência, significa que uma vez a menos teremos de consultá-la no futuro.

### **Artigos do professor**

*Ao final de cada capítulo, como forma de incrementar o estudo e solidificar o conhecimento, apresento alguns artigos de minha autoria, que abordam a gramática de maneira leve e didática. Tais artigos podem ser estudados na sequência ou individualmente, conforme for mais conveniente ao leitor. Forte abraço e bons estudos! Professor Eduardo Sabbag*

*Observação: os artigos que constam desta obra foram publicados pelo Jornal "Carta Forense".*



Certa vez, um aluno, referindo-se à complexidade das regras da gramática normativa, fez um curioso comentário e, a seu modo, recomendou como se devia proceder diante de uma questão de Português: “*Na dúvida, escolha a outra resposta, não aquela em que você acredita...*” – dizia ele, quase em tom profético.

Com exagero ou não, há uma certa pertinência na sincera opinião do discente. Para ele, quando se achar, em nosso idioma, que algo está certo, a probabilidade de “o certo” estar definitivamente errado é quase certa. De fato, aproveitando o mote para mais um trocadilho, eu complementaria: “*Aprendemos português, todos os dias, e poderemos errar várias vezes ao dia, se não estivermos em dia com o estudo de todo dia*”.

Em palavras diversas, o caro aluno quis vaticinar que devemos sempre ter uma boa dose de hesitação diante das insidiosas regras da gramática normativa. Nada de afoiteza ou, mesmo, segurança demasiada. O Português “prega peças”, e vai continuar pregando. Não é à toa que a disciplina tem sido a recorrente “vilã” nas provas de concursos públicos. Sempre procuro orientar os alunos em sala de aula, com uma pitada de severidade: “chegando de ‘salto alto’, poderá ‘beijar o chão’”. Tem dado certo o recado.

Diante disso, as “pérolas” do Português merecem destaque em nossos estudos. Chamamos de “pérolas” aqueles deslizos a que todos estamos sujeitos, é bem verdade, mas que devemos, com todas as forças, evitar. Tudo isso porque a “pérola” costuma ser chocante, quer pelo aspecto gramatical, quer pelo aspecto da jocosidade, dando uma má impressão sobre o emissor. Por outro lado, é inquestionável o aspecto pedagógico do erro. Sim, isso mesmo, pedagógico. A nosso ver, o deslizos gramatical, se for gritante, marca e, sendo corrigido a tempo, educa. E tal perpetuação de conhecimento permitirá que não se insista nele, que se afaste dele e, sobretudo, que se aprenda com ele. Todavia, é bom frisar, há opiniões divergentes, que insistem na pedagogia pautada na não reiteração do erro. Respeitamos o modo de ver.

Nesse passo, o propósito deste artigo é dividir com o leitor algumas “pérolas”, que acabam “ensinando” muito – e com graça, o que é mais importante – aquilo que devemos evitar. Passemos a elas.

Lembro-me de ter encontrado em um texto a expressão “**ao léo**”. O responsável pela gafe talvez desconhecesse que a expressão aceita em nosso idioma é “**ao léu**”, com -u, na acepção de “à toa”, “a esmo”, “ao deus-dará”, “à vontade”. E não foi a única vez. Conta-se que, certa feita, um advogado

desavisado usou a expressão “ao léo” (com -o) em uma petição, sendo questionado pelo magistrado, acertadamente, sobre o ingresso de um novo interessado na lide: o “Léo” (de Leonardo). Só rindo...

O equívoco acima só não foi pior que a opinião de um entrevistado, quando comentava sobre o risco de certas doenças. Fez menção, com muita autoridade, a umas tais “**doenças venéricas**”. Venéricas? Como se não bastasse a gravidade da enfermidade, houve, ainda, a impropriedade vocabular. Grafa-se, com correção, “venéreo”, logo, no feminino, “doenças venéreas”.

Também já me causou certa aflição o incrível “**tenção nervosa**”. Como qualidade do que é “tenso”, somente existe “tensão”. Por outro lado, a forma “tenção” possui a acepção de “intenção”, sendo, sim, dicionarizada, mas o sentido é diverso. Portanto, não “troque as bolas”, sob pena de provocar uma “tensão geral”...

*A propósito da busca da “calmaria”, é melhor restituir a paz evitando a “passificação”.* Aqui, com franqueza, o repórter poderia ter tomado mais cautela. O substantivo derivado do verbo “pacificar” é “pacificação”, como “ato de apaziguar, tranquilizar ou restituir a paz”. Com essa “passificação” equivocada, teremos menos paz... e muito mais tensão. Não acha?

Por fim, a diferença entre a flexão verbal “há” e a preposição “a” continua complicando a vida dos desatentos. Não faz muito tempo, corriji um texto de um concursando, em que ele escreveu “**ser humano apto há receber**”. Ora, a expressão adequada é “apto a receber”, sem a flexão verbal “há” – indicadora de tempo passado ou decorrido – e, também, sem a crase, uma vez que não se coloca acento grave no “a” antes de verbo. Disse-lhe, em tempo, que deveria tomar todos os cuidados, pois as Bancas de concursos não costumam tolerar a falha.

Aliás, o jocoso virou profético. No último dia 11, a Fundação Getúlio Vargas (FGV) exigiu o tema em seu vestibular/2011 para o curso de Administração de Empresas – um dos mais concorridos do Brasil. Na prova de Português, a partir de um texto sobre a ópera *O Guarani*, de Carlos Gomes (Coleção *Folha Grandes Óperas*. São Paulo: Moderna, 2011. Adaptado), apresentou a expressão “daqui a tempos” e perguntou ao vestibulando se, no Português atual, a preposição “a” deveria ser substituída por “há”, formando a expressão “**daqui há tempos**”. É claro que a resposta é negativa, uma vez que a referência a um tempo futuro avoca a preposição “a”, e não a flexão verbal (*há*).

A solicitação no recente vestibular serve de prova cabal: podemos aprender muito “fazendo graça”, o que é bem diferente, como sabemos, de fazer graça com a aprendizagem. Não recomendo.



## **Artigo 2 Locuções em conflito: em vez de versus ao invés de**

A dúvida é recorrente: as expressões “em vez de” e “ao invés de” são equivalentes ou não? Ou, na verdade, uma tem sentido diverso da outra?

Enquanto a celeuma persiste aqui e acolá, nota-se que o usuário da língua titubeia diante de tais expressões parônimas, optando pelo que lhe convém: usa “ao invés de”, por achar que transmite melhor sonoridade – quando não uma possível imagem de erudição; utiliza “em vez de”, sem saber se é caso de oposição ou substituição.

Conforme já esclarecemos em nossa obra *Redação Forense e Elementos da Gramática* (5. ed., 2012, São Paulo: RT, p. 246), permanece válida a tradicional diferenciação: a locução “ao invés de” indica uma ideia de *oposição* (viver *x* morrer; subir *x* descer; sair *x* entrar; crescer *x* diminuir), enquanto “em vez de” aponta para um contexto de “substituição” (*alfa* no lugar de *beta*, sem a presença de antagonismos).

Em outras palavras: se quero afirmar, por exemplo, que o magistrado infligiu uma pena de três anos, no lugar de impor uma pena de dois anos, direi que “alguém foi condenado a três anos EM VEZ DE dois”. Observe que prevaleceu a mera ideia de *substituição de elementos*, de uma coisa no lugar de outra, e não de oposição de contextos.

Por outro lado, se desejo afirmar que o magistrado condenou o réu no lugar de absolvê-lo, será possível assegurar que “o magistrado condenou o réu AO INVÉS DE absolvê-lo”.

Com efeito, a locução “em vez de”, indicando uma opção do falante, pode ser substituída por “no lugar de”, enquanto a outra locução (“ao invés de”), unindo frases antitéticas e antagonicas, significa “ao contrário de” – e, também, admite como sinônima a forma “ao revés de”. Vale lembrar, ainda, que o substantivo “invés”, sem as preposições, significa “avesso, contrário, o próprio lado oposto”.

Vejamos, desse modo, entre tantos outros exemplos possíveis, alguns deles com a forma “ao invés de”:

## AO INVÉS DE

Situação	Elementos antitéticos	Exemplos
Oposição	Viver x Morrer	<i>Ele morre ao invés de viver.</i>
Oposição	Sair x Permanecer	<i>Ela sai ao invés de permanecer aqui.</i>
Oposição	Subir x Descer	<i>Ele subiu a árvore ao invés de descer.</i>
Oposição	Comer x	<i>O homem</i>

Oposição	Comer x Jejuar	Comer comeu muito invés de jejuar.
Oposição	Vingar-se x Perdoar	Ao invés de vingar-se perdoar delinquir

Em outro giro, a expressão “em vez de” também pode ser bem exemplificada:

<b>EM VEZ DE</b>		
<b>Situação</b>	<b>Elementos substitutivos</b>	<b>Exemplo</b>
Substituição	Disciplinas	Es

Substituição	Disciplinas jurídicas	Di Tr er Di Pe
Substituição	Esportes	Pr na er fu
Substituição	Idiomas	Ap fr er in
Substituição	Carros	El cc ur

		er ur Fe
Substituição	Horário	O er SE 14 VE 16

Ainda que a distinção das expressões pareça bastante evidente, a língua de hoje tem sancionado certas liberalidades, em face da força natural do uso. Há muitos estudiosos que aceitam a utilização da forma “em vez de” no lugar de “ao invés de”, ou seja, a expressão valeria indistintamente para os dois casos (substituição, o que lhe é normal, e oposição). Portanto, seriam válidas tanto a forma “Entrei ao invés de sair” como “Entrei em vez de sair”. Como se sabe, à luz da norma culta, só a primeira hipótese se mostra sustentável, em razão dos elementos antitéticos (entrar x sair). A nosso ver, tal flexibilidade pode ser danosa, principalmente se estivermos em um ambiente de provas de concursos públicos, em que a norma culta é cobrada de modo cartesiano. Por isso, a cautela é necessária.

Nessa linha de maior rigor semântico, temos recomendado que se evite a locução “ao invés de” para os casos em que prevalecer a ideia de *substituição*. Assim, na adequada frase “Joana pagou com dinheiro *em vez de* cheque”, evite a

outra possibilidade: “Joana pagou com dinheiro *ao invés de* cheque”. Veja que não há espaço para o uso da locução “ao invés de”, em face da ausência de oposição entre os elementos cotejados (dinheiro e cheque).

A propósito, citem-se dois bons exemplos, colhidos da letra de lei – do Código Penal, no caso –, que denotam o mau uso da expressão “ao invés de”, sem que os elementos confrontados impliquem inequívoca oposição:

1. **Art. 73, CP:** “Quando, por acidente ou erro no uso dos meios de execução, o agente, **AO INVÉS DE** atingir a pessoa que pretendia ofender, atinge pessoa diversa, responde como se tivesse praticado o crime contra aquela, (...)” (grifo nosso)

**COMENTÁRIO:** o contexto é o de se atingir uma pessoa no lugar da outra, e não o de uma “oposição” entre elas. Daí concluímos que o melhor uso seria o da locução “em vez de”.

2. **Art. 81, § 3º, CP:** “Quando facultativa a revogação [da suspensão condicional da pena], o juiz pode, **AO INVÉS DE** decretá-la, prorrogar o período de prova até o máximo, se este não foi o fixado”. (grifos nossos)

**COMENTÁRIO:** o contexto é o de poder prorrogar-se o período de prova no lugar de se decretar a revogação da suspensão condicional da pena, e não o de uma “oposição” entre os elementos jurídico-processuais. Daí concluímos que, também, o melhor uso seria o da locução “em vez de”.

Por fim, vale lembrar que, no último mês de novembro de 2011, o tema esteve presente na prova de Língua Portuguesa do vestibular para ingresso na ESPM (*Escola Superior de Propaganda e Marketing*), exigindo dos vestibulandos o conhecimento da diferenciação das locuções. Coube aos candidatos perceber que a frase adiante estava **corretamente** grafada:

Mas como um todo, afirma, eles ainda estão apostando que as ações vão subir, **ao invés de** descerem. (*Julie Creswell – Folha de S. Paulo*)

Da mesma forma, ofertaram-se aos vestibulandos outras situações, colhidas do meio jornalístico, nas quais deveria prevalecer o uso apropriado da locução “em vez de”, e não a forma “ao invés de”, como foi inadequadamente utilizada. Observe as frases:

1. **Ao invés de** manter o alvo em 4,5% pelo nono ano seguido, caberia firmar um compromisso decidido com a inflação baixa e diminuir a meta para 4,25%. (*Editorial Folha de S. Paulo*)

2. **Ao invés de** esperar as pessoas e as situações ideais, arregace as mangas e dê exemplo de iniciativa e coragem. *(Barbara Abramo – Folha de S. Paulo)*
3. **Ao invés de** próteses de silicone, o cirurgião utiliza depósitos de gordura da própria paciente, enriquecida com células-tronco. *(Mariana Pastore – Folha de S. Paulo)*
4. As autoridades, **ao invés de** lançar mão só da taxa de juros, começaram a apelar para medidas “prudenciais”, que inibem diretamente o crédito. *(Editorial Folha de S. Paulo)*

Desse modo, com os parâmetros acima expostos, acreditamos que ficou fácil separar uma locução da outra.

Em tempo, não posso deixar de narrar aqui um marcante episódio que se passou com um aluno, em uma de minhas aulas de Português. Eu havia terminado as explicações sobre as duas locuções. Ele as ouviu atentamente, escreveu tudo no caderno e, de modo confiante, partiu para o exercício que coloquei na lousa. Entretanto, algo inesperado aconteceu: ele acabou errando o teste e, com muita frustração, disse-me:

– Professor! Errei! Estou desanimado...

Aproveitei o momento e, em bom trocadilho, respondi-lhe:

– Se errou **ao invés de** acertar, estude mais **em vez de** reclamar!

## Capítulo 2



### Características da Boa Linguagem

Neste capítulo, trataremos de algumas características textuais importantíssimas para quem deseja elaborar textos de qualidade. São as chamadas “Características da Boa Linguagem”. Vamos a elas:

#### 1. Clareza

É uma virtude essencial da comunicação, caracterizando-se pela nitidez de pensamento e pela simplicidade da forma. A *clareza* se evidencia na exposição límpida do pensar, sendo considerada clara aquela mensagem que não estabelece dúvidas sobre o seu sentido. A *clareza* indica, como características opostas, a obscuridade e a ambiguidade, conhecidos vícios de linguagem. Uma frase peca pela falta de clareza em razão de fatores diversos, entre eles a pontuação inadequada e a desorganização das ideias.

Quanto à pontuação, tanto o excesso quanto a falta geram o mesmo efeito nocivo ao texto. Por isso, além das regras gerais de pontuação, tenha os princípios norteadores do uso da vírgula na ponta da língua, para não cometer deslizes.

Por seu turno, a desorganização de ideias, problema comum nas peças processuais, pode ser significativamente controlada, dosando-se a quantidade de temas por trechos escritos. Evite “despejar” informações no leitor. O mais indicado, nesse caso, é desenvolver somente uma sentença ou afirmação por parágrafo, deixando a configuração da estrutura dissertativa, seja por meio de raciocínio dialético, seja por qualquer outra estrutura textual, para a relação criada entre os parágrafos, e não entre as frases de um mesmo trecho.

Além disso, há outros pequenos macetes dos quais você pode se utilizar para evitar prejuízos quanto à clareza de um texto, vamos a eles:



“Corte” o que for irrelevante em relação ao conteúdo, para não o tornar desnecessariamente repetitivo, mas sim, que tenha acréscimos significativos.



Verifique se há uma sequência lógica quanto ao desenvolvimento de ideias.

- ◆ Não fuja do assunto.
- ◆ A melhor forma de dispor uma frase é confeccioná-la de forma linear e na ordem direta.
- ◆ Não repita palavras, especialmente os conectores.
- ◆ Procure palavras com o sentido adequado ao tema.
- ◆ Siga a recomendação do eminente gramático Celso Cunha, que aqui reproduzimos: “Ser claro é uma gentileza com o leitor”.

## 2. Correção

A *correção gramatical* refere-se ao ato comunicativo que se põe de acordo com as normas gramaticais, com total respeito às normas linguísticas. A correção se alcança com uma linguagem limpa e livre de vícios, o que permite aos receptores da mensagem uma imagem favorável do comunicador. Entretanto, é preciso ter bom-senso. Não há motivo para a utilização, nos textos do dia a dia ou até mesmo em uma peça processual, de herméticos termos ou expressões, que, inevitavelmente, dificultarão o bom entendimento.

## 3. Concisão

A *concisão* refere-se à objetividade e à justeza de sentido no ato de redigir. Deve-se sempre evitar a prolixidade e a repetição de informações. As frases muito longas, que também devem ser rechaçadas, são uma fonte de dubiedade extremamente prejudicial ao texto, em especial se o autor não tem, por exemplo, pleno domínio das regras de pontuação. Além do dano evidente quanto à apreensão do conteúdo, tais sentenças cansam o leitor, que pode interromper de pronto a leitura ou prosseguir-la, mas com ressalvas. O período precisa ser completo, mas sem excessos, devendo-se dizer tudo com o mínimo de palavras. Não há espaço para enrolação. A linguagem concisa e direta, sem rebuscamentos e artifícios dispensáveis, comunica melhor e denota amplo domínio da linguagem.

## 4. Precisão

A *precisão* convém com a escolha do termo adequado, da palavra exata. A expressão precisa é fundamental para que o objetivo maior da comunicação seja alcançado – a transmissão da mensagem correta. No entanto, a busca pelo

termo mais apropriado exige riqueza de vocabulário e sensibilidade. A utilização habitual de um dicionário de sinônimos e antônimos pode auxiliá-lo muito nesse processo, assim como a prática da leitura e da escrita, por meio de exercícios de sinonímia.

## 5. Naturalidade

A *naturalidade* é o atributo que caracteriza a escrita veiculada de modo simples, sem que se percebam o esforço da arte e a preocupação do estilo. Para alcançar a naturalidade, deve-se evitar o artificialismo na linguagem, que remete o emissor da rebuscada mensagem ao campo da linguagem obscura, com o emprego de expressões empoladas e de vocábulos inacessíveis para a maioria das pessoas.

## 6. Nobreza

A *nobreza* é o atributo da linguagem que não é grosseira, nem indecorosa; aquela que não polui o texto. A linguagem jurídica não dispensa o véu do pudor e do decoro, repudiando no texto escrito a presença de palavras ou termos equivalentes, que só vêm atentar contra a qualidade do trabalho. Muitas pessoas extrapolam o limite do bom-senso e da boa educação. Uma peça processual não é o momento adequado para o indivíduo extravasar sua indignação de modo grosseiro. Poderemos considerar “nobre” o texto que qualquer pessoa pode ler “sem censura”. Aliás, é muito importante estar atento à utilização inapropriada da gíria: ela deve, em regra, ser evitada, salvo situações muito particulares e plenamente justificadas.

## 7. Harmonia

Esse atributo representa a prosa harmônica, que se caracteriza pela adequada escolha e disposição dos vocábulos, pelos períodos não muito longos e pela ausência de cacofonias. O cacófato é o som desagradável ou o vocábulo de sentido ridículo, resultante da sequência das sílabas formadoras das palavras. A *harmonia*, assim, é o componente musical da frase, e só a confecção cuidadosa dos períodos imprime ao texto o equilíbrio melódico e rítmico. Em resumo, o texto harmônico é aquele cuja leitura dá prazer; portanto, insistimos: para aperfeiçoar a sua escrita, evite as cacofonias e a repetição vocabular – daí a importância dos exercícios com sinônimos e do uso do dicionário.



Muito se diz sobre o prato predileto do brasileiro: arroz, feijão e bife. Na combinação, entra algum ingrediente aqui – a salada ou as fritas, por exemplo –, varia outro item acolá – o feijão preto ou marrom, talvez. Mas, no geral, o brasileiro prefere a simplicidade dessa tríade alimentar e a considera infalivelmente clássica.

Entre as opções de bife, que transitam apetitosamente pelos cardápios dos restaurantes e lanchonetes, destaca-se uma que, conquanto sonoramente estranha, suscita importante questão gramatical: a crase (ou a ausência dela) na expressão “bife a cavalo”. Passemos à análise:

De início, urge relembrarmos o que vem a ser esse importante fenômeno gramatical conhecido por “crase” – um nome que se dá para a fusão de duas vogais da mesma natureza (“a” + “a”). Trata-se da soma de uma preposição “a” com um artigo definido feminino “a”. Tal adição resultará no chamado “a” *acentual* ou, como preferem alguns, no “a” *com o acento grave indicador da crase*, cuja representação é bastante conhecida: [à = a (prep.) + a (artigo)].

Relembrando alguns casos:

#### **Eu cheguei à escola.**

Explicando: Eu cheguei [a<sup>1</sup> + a<sup>2</sup> = à] escola.

a<sup>1</sup> = preposição própria do verbo “chegar” (quem chega, chega “a”);

a<sup>2</sup> = artigo definido feminino singular, próprio do substantivo feminino “escola”.

#### **Homenagem à escola.**

Explicando: Homenagem [a<sup>1</sup> + a<sup>2</sup> = à] escola.

a<sup>1</sup> = preposição própria do nome “homenagem” (quem faz homenagem, faz homenagem “a”);

a<sup>2</sup> = artigo definido feminino singular, próprio do substantivo feminino “escola”.

Entre as regras impostas pelo uso do acento grave da crase, vem a calhar a que ocorre quando se subentendem as expressões “à moda de” ou “à maneira de”. Tais construções mostram a ocorrência da crase pela fusão elíptica que se estabelece com o termo “feito” ou “realizado”, que avocam a presença da preposição “a”. Observe:



Algo feito [a + a] moda de = Algo feito [à] moda de = à moda de (com

crase);

◆ Algo feito [a + a] maneira de = Algo feito [à] maneira de = **à maneira de** (com crase);

Da mesma forma:

◆ Algo realizado [a + a] moda de = Algo realizado [à] moda de = **à moda de** (com crase);

◆ Algo realizado [a + a] maneira de = Algo realizado [à] maneira de = **à maneira de** (com crase);

Observe que a crase só encontrou lugar nas expressões “à moda de” e “à maneira de” porque “moda” e “maneira” são substantivos femininos, que avocam a presença do artigo definido feminino.

Portanto, se escrevemos, por exemplo, que “o drible foi realizado à maneira/moda de Garrincha”, podemos afirmar, sucintamente, que “o drible foi à maneira/moda de Garrincha”, ou, ainda, em resumo, que “o drible foi à Garrincha” (com crase). Da mesma forma, outros exemplos podem ser indicados:

Gol realizado à maneira/moda de Pelé. Ou:

Gol à maneira/moda de Pelé. Ou, ainda:

**Gol à Pelé.**

Estilo realizado à maneira/moda de Machado de Assis. Ou:

Estilo à maneira/moda de Machado de Assis. Ou, ainda:

**Estilo à Machado de Assis.**

A exemplificação ofertada nos autoriza a enfrentar o dilema do nosso “bife”. É plenamente aceitável que escrevamos, com o acento grave da crase, “bife à milanesa”, pois se quer afirmar que o corte foi feito à moda ou à maneira de Milão. De igual modo, recomenda-se a crase nas expressões:

◆ “Bife à portuguesa” (à moda/maneira de Portugal);

◆ “Bife à Camões” (à moda/maneira de Camões);

◆ “Bife à parmegiana (à moda/maneira *parmegiana*);

Sob o enfoque gastronômico, como o bife estará sempre bem

acompanhado ao lado do inseparável “arroz”, a propósito, devemos aproveitar o ensejo e aplicar a este a mesma regra: escreva “arroz à grega”, uma vez que tal arroz foi feito à moda ou à maneira grega.

Entretanto, se o desejo é pedir mesmo o tal “bife a cavalo”, recomendamos que o faça sem a presença do acento grave indicador da crase. A motivação é simples. Aqui não cabe a regra acima exposta. Ninguém irá comer um filé “à moda (de) cavalo”, até porque não seria compreensível tal maneira de ingestão.

Curiosamente, a expressão parece indicar que “algo vem em cima de”, à semelhança do ato de “montar” o cavalo, em que o cavaleiro se coloca sobre o animal. Para quem conhece os detalhes culinários do prato, irá notar que o “bife a cavalo” é um bife com um “ovo a cavalo”, ou seja, com um ovo que vem sobre o bife. Assim como podemos escrever, sempre sem o acento grave da crase, “homem a cavalo” (alguém montado sobre o animal), é crível falar “ovo (ou bife) a cavalo”. O detalhe é que a expressão “bife a cavalo” parece equivocadamente indicar que o bife é que está em cima de algo, mas, na verdade, é o ovo que “o monta”.

Feita a análise estética do apetitoso prato, nota-se que a crase não será adequada, pois a palavra “cavalo” – diferentemente de “moda” ou “maneira” – é masculina, rechaçando a presença do artigo definido feminino. Sem contar o fato de que a expressão “feito à moda (de) cavalo” é incompreensível. Daí não se poder falar em crase na expressão. Portanto, prefira “bife a cavalo”, sem crase.

Por outro lado, como a carne bovina nem sempre agrada a todos, é comum o restaurante oferecer mais de uma opção, o frango, por exemplo. Quem sabe um “frango a passarinho”... Nesse caso, é importante perquirirmos se a expressão está correta, sem crase, ou se o acento grave dela indicador será indispensável. Como se diz na linguagem popular, é chegada a hora de “dar nome aos bois”, ou melhor, “ao frango”. Vamos analisar:

O referido aperitivo, sempre presente nas rodas de amigos, nos bares e lanchonetes, é uma comida trivial, mas de notável predileção do brasileiro. Pense no frango, cortado em pedaços pequenos e frito em óleo bem quente. Este é o “frango a passarinho!” – e com um detalhe importante: um tira-gosto que se come apetitosamente com as mãos.

Partindo da receita em epígrafe, é possível notar que o frango, quando preparado à maneira de um passarinho, ou seja, cortado em pedaços pequenos,

deverá ser assim grafado: “frango à passarinho”, com crase.

Nessa medida, vale a pena recapitularmos as curiosidades desse curioso “cardápio gramatical”:

<b>COM CRASE</b>	<b>SEM CRASE</b>
Bife à milanesa Bife à portuguesa Bife à Camões Bife à parmegiana Arroz à grega Frango à passarinho	Bife a cavalo

Posto isso, diante dos diferentes sabores desse cardápio gramatical, há

que se fizerem as devidas escolhas para o bom uso da crase. Como dizia Confúcio, “*todos comem e bebem; são poucos os que sabem distinguir os sabores*”.



#### Artigo 4 O “mesmo” – há um maniaco nos elevadores?

A prova da segunda fase da Unicamp, realizada no mês de janeiro deste ano, trouxe à tona uma antiga questão gramatical: o uso inadequado do pronome “mesmo”, com destaque à tão conhecida frase de advertência endereçada aos usuários dos elevadores – “*Antes de entrar no elevador, verifique se o ‘mesmo’ encontra-se parado neste andar*”.

A questão pretendeu demonstrar a incrível propagação de um equívoco gramatical, destacando a existência de uma comunidade no *Orkut* denominada “*Eu tenho medo do Mesmo*”, que conta com mais de 100 mil membros – crentes na existência de um tal “Mesmo, o maniaco dos elevadores”. Trata-se de inteligente jogo de palavras, que traduz a personificação do termo com um refinado viés humorístico.

A brincadeira do *Orkut* é oportuna. Hoje em dia, tem sido recorrente a utilização equivocada do pronome “mesmo”. Ouve-se com frequência o vocábulo no lugar do nome de uma pessoa (ou coisa) ou substituindo um pronome pessoal. Tal prática virou moda, e a “praga” parece ter se espalhado, aparecendo com as repetidas expressões “*o mesmo fez*” e “*a mesma faz*”. Trata-se de modismo que empobrece o texto e fragiliza o discurso.

Em bom Português, não se deve dizer, por exemplo:

**Conversei com o professor, e “o mesmo” me confirmou o ocorrido.**

No intuito de evitar a expressão, sugerimos **três** boas soluções para a frase:

1ª. Elimine a expressão: “*Conversei com o professor, e me confirmou o ocorrido.*”

2ª. Substitua o pronome por palavra equivalente:

“*Conversei com o professor, e o mestre me confirmou o ocorrido.*”

3ª. Substitua o pronome por outro pronome equivalente:

“*Conversei com o professor, e ele / o qual me confirmou o ocorrido.*”

Deve-se registrar, todavia, que as expressões “o mesmo” ou “a mesma” podem ser toleradas em alguns casos, conforme se nota abaixo:

1. Quando seguidas de substantivo, ocupando a classe gramatical de **adjetivo**:

*“O professor ensinou a mesma regra.”*

*“Foi sempre pelo mesmo caminho.”*

2. Como **advérbio**, na acepção de *“justamente, até, ainda, de fato”*:

*“É lá mesmo que comprei o carro.”*

*“Esta moto é mesmo veloz?”*

3. Como **palavra de realce**, após substantivo ou pronome:

*“Eles mesmos retornaram à escola.”*

*“As professoras mesmas foram à festa.”*

*“Eles feriram a si mesmos.”*

4. Como **forma masculina invariável**, no sentido de *“a mesma coisa”*:

*“O professor ensinou a regra; esperamos que os demais façam o mesmo.”*

*“Disse a ela o mesmo que disse ao irmão.”*

*“Acatar não é o mesmo que acolher.”*

É perceptível, à luz dos exemplos em epígrafe, que o vocábulo “mesmo” será bem empregado quando acompanhar *substantivo*, *pronome* ou *adjetivo*. Entretanto, não os substitui. Em nenhum caso de boa redação será permitida a substituição, embora saibamos que muitos estudiosos da Língua Portuguesa, mais liberais em seus ensinamentos, até aceitam o uso do “mesmo” como *pronome substantivo*, isto é, substituindo um termo anterior.

Apesar disso, entendemos que se deve evitar o uso. Ainda que não seja “erro”, caracteriza inegável pobreza de estilo. A nosso ver, muitas vezes usa-se a palavra “mesmo”, ou porque falta vocabulário, ou porque não se sabe usar outros pronomes.

Isso nos faz voltar à paradigmática frase explorada no vestibular:

**“Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado no andar.”**

O aviso, transitando em plaquinhas aqui e acolá, recomenda algo importante, mas o faz com pouca elegância e clareza. Além disso, o descuido na elaboração do aviso desafia os cânones da colocação pronominal. É que há vício na forma *“se o mesmo encontra-se”*. Nesse caso, recomenda-se a chamada “próclise”, isto é, a antecipação do pronome, alterando-se inicialmente para *“se o mesmo se encontra”*. Portanto, procedendo-se à colocação pronominal

adequada e buscando-se uma “solução mais abrangente” para o impasse, seguem algumas sugestões de correção:

1ª. Substitua o vocábulo por pronome pessoal ou por pronome demonstrativo, preferindo-se a próclise:

*“Antes de entrar no elevador, verifique se ele/este se encontra parado no andar.”*

2ª. Faça a inversão e elimine o pronome:

*“Antes de entrar, verifique se o elevador encontra-se parado no andar.”*

3ª. Utilize forma mais concisa:

*“Não entre sem ver se o elevador está parado no andar.”*

Assim, a questão da Unicamp merece elogios, principalmente quando pretende provocar no vestibulando a ideia de que a inadequada substantivação do pronome “mesmo”, no aviso dos elevadores, é exatamente o motivo da brincadeira bem-humorada da comunidade do *Orkut*, que, inteligentemente, no jogo de palavras, continuou “substantivando” o pronome ao associá-lo a uma pessoa – o tal *Mesmo, maniaco dos elevadores*.

O teste é *atual* – por provar que o estilo deve ser adequado, e o pensamento, preciso – e *atemporal*, quando demonstra que “*a primeira qualidade do estilo é a clareza*” – uma máxima, aliás, de Aristóteles.



Neste capítulo, abordaremos algumas técnicas que irão auxiliá-lo na elaboração de peças jurídicas, pareceres, discursos, provas, textos, artigos, redações, entre outros tipos escritos de texto. Vamos a elas:

#### 1. Esquemas e estruturas dissertativas

Existem várias estruturas cristalizadas, que demarcam a boa elaboração de um texto, ou de parte dele. O uso dessas estruturas trará sofisticação ao seu material e propiciará um processo mais rápido em sua elaboração. Vejamos:

##### 1.1 *Pensamento dialético*

O processo dialético de pensamento analisa de forma objetiva os vários pontos de vista de determinada questão e o faz em três momentos: *tese*, *antítese* e *síntese*. Essa forma de raciocínio é de grande valia no momento da elaboração do conteúdo, pois nos faz olhar objetiva e criticamente para as ideias que pretendemos colocar no texto. Além disso, fornece elementos necessários para uma argumentação contrária, fortalecendo o debate.

O primeiro momento do raciocínio dialético é a *tese*, ou seja, uma situação textual na qual ocorre a exposição de um conceito, uma afirmação inicial, um argumento, uma proposição. Em seguida, deve haver a *antítese*, que é a proposição contrária à tese. Por fim, há a *síntese*, sendo este o resultado do raciocínio no qual se contrapõem *tese* e *antítese*, mantendo o que há de mais correto e adequado entre os argumentos contrários. Você pode usar o raciocínio dialético no desenvolvimento do seu texto, colocando argumentos contrários em oposição e fazendo uso da *síntese* como base para a sua conclusão.

##### 1.2 *Texto expositivo e argumentativo*

Há, também, duas elementares maneiras para se elaborar um texto. No *texto expositivo*, aborda-se uma verdade inquestionável. Leva-se ao leitor, em uma abordagem pedagógica, um assunto já cristalizado, sem apresentar argumentos contrários. Já no *texto argumentativo*, principal instrumento do operador do Direito, tem-se uma sustentação da tese por meio de argumentos:

raciocínio dialético, interpretação analítica, exemplos, entre outros. Enquanto na forma expositiva se faz somente uma apresentação do tema, na argumentativa há, necessariamente, a presença de um debate.

### 1.3 Raciocínio indutivo e dedutivo

Há dois tipos essenciais de desenvolvimento de raciocínio: o *raciocínio indutivo* e o *raciocínio dedutivo*. Na indução, partimos de um fato particular para uma generalização. Na dedução, ocorre justamente o oposto: o ponto de partida é um princípio geral, alcançando uma conclusão particularizante.

### 1.4 Causa e consequência

A propósito, nessa consagrada fórmula de argumentação, são inicialmente levantados os aspectos que deram causa a determinado problema, havendo, na sequência, o debate sobre as suas consequências.

## 2. Características do texto

### 2.1 Impessoalidade

A fim de que se alcancem objetividade e credibilidade, o texto precisa ser desprovido de qualquer traço de pessoalidade. Expressões como “Eu acho (...)” e “Eu penso que (...)” são proibidas. Existem algumas regras para garantir a impessoalidade. Vamos a elas:

- ◆ **Sujeito indeterminado** – deve ser utilizado quando desconhecemos a procedência exata de uma informação: *Fala-se muito em aumento de salários.*
- ◆ **Voz passiva** – na voz passiva, o agente pode ficar oculto. É um recurso gramatical que garante a impessoalidade: *Está sendo mostrada na televisão a cerimônia de premiação.*
- ◆ **Agente oculto** – outro recurso interessante é o uso de expressões como “É indispensável (...)”, “É preciso (...)” e “É necessário (...)”, garantindo, também, a impessoalidade do texto.
- ◆ **Agente inanimado** – para se obter a impessoalidade, é comum a utilização de agentes inanimados, por exemplo, a menção a uma instituição. A Administração Pública faz bastante uso deste recurso, afinal, dizer que “*O governo multou os funcionários*” é bem diferente do que afirmar “*O*

Fernando, chefe do departamento, multou os funcionários”. Na primeira forma, há uma diluição da responsabilidade pelo ato, o que interessa à Administração.

## 2.2 Estrangeirismos

O uso de palavras ou expressões de origem estrangeira, ainda não incorporadas ao nosso vernáculo, deve ser feito com ressalvas, porque, em vez de mostrar erudição, pode passar a imagem de petulância e falta de praticidade. Assim, em prol do bom uso da língua materna, não há razão para usar, por exemplo, “performance” se temos em nossa língua o termo *desempenho*, por exemplo. Nem motivo para usar “complô”, em lugar de *conspiração*. O que deve ser evitado e combatido é o estrangeirismo desnecessário, sempre que houver, em Português, termo equivalente.

## 2.3 Gerundismo

O “gerúndio”, como sabemos, é forma nominal do verbo, ao lado do “infinitivo” e do “particípio”. Essa forma pode e deve ser usada para expressar uma ação em curso ou uma ação simultânea à outra, ou para exprimir a ideia de progressão indefinida. Combinado com os auxiliares “*estar*”, “*andar*”, “*ir*” ou “*vir*”, o gerúndio marca uma ação durativa.

Por outro lado, o *gerundismo*, fenômeno linguístico recente no Brasil, traduz-se em equivocada maneira de falar e de escrever, em razão da má influência do idioma inglês em nosso país. Pode-se afirmar que, geograficamente, o foco de difusão da “praga” se deu nos ambientes de atendimento de “telemarketing”, já que a expressão “vou estar enviando”, quanto ao aspecto semântico, gera menor carga obrigacional ao agente do que dizer “vou enviar”. Essa forma é bastante condenável. Todavia, nem todo “gerundismo” é errado. Há algumas situações específicas em que o seu uso é correto e se faz necessário. Quando precisamos transmitir a ideia de movimento, de progressão, de duração ou de continuidade, é cabível o uso do gerundismo. Exemplo: *Não será possível estar com você no domingo, pois vou estar pagando os salários dos empregados entre segunda e quarta-feira*. Veja que não há outra maneira de expressar a ideia, pois a ação de pagamento durará mais de um dia (*de segunda a quarta-feira*). Mas lembre-se: se a ação se individualizar no tempo, como no caso do “Eu vou estar mandando”, o gerundismo deve ser evitado. Substitua-o por “Eu vou mandar”... e pronto.

## 2.4 Chavões

São frases e expressões que se mostram como lugares-comuns e demonstram falta de criatividade e originalidade do autor. Assim, devem ser evitadas no texto frases como “É dando que se recebe”, “Vale mais um pássaro na mão do que dois voando”, entre tantas outras.

## 2.5 Pleonasmos

O pleonasma, se vicioso, é um grave vício de linguagem. Trata-se da repetição desmedida de uma expressão. É o excesso de palavras para emitir um enunciado que não chega a ser claramente expresso. Exemplos: “elo de ligação”, “encarar de frente”, “subir para cima”.

## 3. Para a sua prova escrita/dissertativa

### 3.1 Letra

Uma das dúvidas mais comuns, em véspera de prova, é aquela referente à letra. Pergunta-se: devo usar letra de forma ou letra cursiva? Letra pequena ou grande? Feia ou bonita? A resposta não é tão simples. O certo é que cada um tem o seu tipo de letra, e a pior coisa que você pode fazer é tentar mudá-la na véspera da prova. Quem corrige provas está acostumado a todo tipo de letra. **Mas, atenção:** palavra ou frase ilegível, para o examinador, é como se não existisse. Ele simplesmente pula o trecho. Não pense que ele vai ficar tentando decifrar o que foi escrito. Por isso, o ideal é que você facilite a “vida do corretor”. Em verdade, não faz nenhuma diferença se a sua letra é feia ou se é bonita, se é de forma ou letra corrida, desde que seja legível. Se o corretor entender sem grande esforço o que você escreveu, já será suficiente. E mais um cuidado: diferencie bastante as letras maiúsculas das minúsculas, especialmente para quem usa letra de forma.

### 3.2 Rasura

Rasura é aquele rabisco que fazemos na prova para anular alguma palavra ou frase que escrevemos de maneira inadequada. Não é, por si só, motivo de perda de nota. Ou seja, o corretor não vai tirar décimos da sua prova só porque você rasurou uma palavra, afinal de contas, não existe a tecla “delete” na escrita manual. O problema é que um dos quesitos importantes que será levado em conta no momento da correção da prova é a *estética do texto*. Nesse sentido, um texto repleto de rasuras dará uma péssima impressão ao sujeito que

corrige a sua prova. Portanto, procure evitá-las. E se, inevitavelmente, houver erros, e você precisar rasurar, não rabisque a palavra como se a tivesse pintando. Recomenda-se utilizar parênteses no início e no final da palavra ou trecho a ser desconsiderado. Em seguida, passar um traço, e somente um, sobre o que está entre parênteses. Há, ainda, quem recomende apenas o traço. De uma maneira ou de outra, a nosso ver, devem-se garantir a elegância e a boa aparência do seu texto.

Outro detalhe importante é que, atualmente, trabalhamos cada vez mais na frente de um computador, utilizando a digitação para tudo, inclusive a correção ortográfica. Com isso, perdemos o hábito de escrever à mão. Esse fato pode contribuir para o aumento da quantidade de erros no momento da prova. Por isso, nada de computador para treinar os seus textos. A prática do uso do papel e da caneta, em linguagem manuscrita, trará benefícios a você no momento de escrever, reduzindo consideravelmente a sensação de desconforto.



#### **Artigo 5 O sorveteiro e o verbo “entertre”**

O verbo “entertre” possui conjugação capciosa. Tanto é verdade que é possível ouvir flexões curiosas – “ele /entérte/”, “ele vai /entertê/”, “ele havia /entertido/” –, principalmente, é claro, na voz daquele falante com pouca instrução... e simpática simplicidade.

Já faz um bom tempo que cheguei a São Paulo, vindo de Guaxupé, em Minas Gerais. Lá vivi até meus 17 anos e testemunhei, não poucas vezes, as “divertidas” flexões.

A propósito, vem-me à mente a fala de um simpático sorveteiro – um daqueles que andam a cidade toda, empurrando um carrinho e anunciando com buzina que está ali –, de quem comprávamos, quando crianças, os inesquecíveis “sorvetes de saquinho”. O homem vociferava, indicando o produto maior:

– Leve este, menino! Ele “enterte” mais...

Obviamente, não me valho do presente artigo para apontar, com o indicador, o “erro” de conjugação verbal daquele falante, de origem simples e limitada instrução. À luz do padrão culto da língua, há um problema, sim, na flexão verbal por ele utilizada. Todavia, se atentarmos para os fatores múltiplos que demarcam o plano da comunicação – grau de instrução do falante, coloquialidade do discurso, objetivo da mensagem, entre outros –, poderemos até defender a ausência de “erro” naquela fala. Os linguistas me apoiam – creio.

Posso dizer, assim, que aquele simpático sorveteiro, que ainda permanece em minha memória, com seu legítimo “mineirês”, inspirou-me a falar sobre a conjugação do verbo ENTRETER. É o motivo deste artigo. Passemos, então, à análise do fato.

De início, é necessário destacar que o verbo ENTRETER possui a acepção de “*distrair, ter por ocupação*”. Exemplo: “*O homem poderia entreter a criança com o sorvete*”. Nota-se que sua transitividade é dupla, podendo apresentar-se como *verbo transitivo direto* ou como *verbo bitransitivo*. Veja:

*O palhaço entreteve a criança* (verbo transitivo direto).

*O palhaço entreteinha as crianças com brincadeiras* (verbo transitivo direto e indireto).

Em tempo, é importante lembrar que o verbo pode ser pronominal:

*O palhaço entreteve-se com a plateia naquele circo.*

*Eu me entretenho com música popular brasileira.*

Passemos, agora, aos problemas de flexão verbal. Não percamos de vista, todavia, que este verbo deve ser conjugado como o verbo “ter”, do qual deriva.

Já no presente do indicativo, o verbo começa a mostrar suas “garras”. Se falamos “eu tenho”, falaremos “eu entretenho”. Da mesma forma, se dizemos “ele tem”, diremos “ele entretém”. Dessa constatação inicial, desponta que não se deve falar “ele /entérte/”, mas “ele entretém”. Aliás, o saudoso sorveteiro da infância, se quisesse se valer do Português culto, poderia dizer:

*– Leve este, menino! Ele ENTRETÉM mais...*

Cá pra nós: do jeito que criança é, desconfiada e arredia, é bem provável que deixasse de comprar aquele sorvete maior... Ficaria inibida com um verbo tão diferente e erudito... O tiro sairia pela culatra! Por isso, insistimos que, se houve “erro”, este se deu apenas na perspectiva imposta pelo Português de rigor, na esteira do padrão culto da linguagem, pois, quando analisamos o plano comunicacional, em uma abrangência superior, não veremos erro na fala. São os mistérios e ensinamentos da oralidade despretensiosa...

Bem, voltando à flexão verbal. No *pretérito perfeito do indicativo*, teremos algumas formas importantes:

Eu tive	Ele teve	Nós tive
<b>Eu entretive</b>	<b>Ele entreteve</b>	<b>Nós entretive</b>

Memorize: não existe a forma “entreteu”! Diremos, sim, que “**algo entreteve**”.

Recomenda-se, também, prestar atenção às flexões no *futuro do indicativo*. Observe as frases:

*O palhaço entretetrá as crianças no circo.*

*As brincadeiras do palhaço entretetrão as crianças.*

Por fim, o *modo subjuntivo* apresenta ao estudioso os “desafios” de sempre. Aprendamos algumas formas, por comparação:

No presente do subjuntivo:

(Que) eu tenha – (Que) eu **entretenha**

(Que) nós tenhamos – (Que) nós **entretenhamos**

(Que) eles tenham – (Que) eles **entretenham**

Escreveremos, portanto:

*Espero que nós nos entretenhamos com as brincadeiras do palhaço.*

No pretérito imperfeito do subjuntivo:

(Se) eu tivesse – (Se) eu **entretivesse**

(Se) nós tivéssemos – (Se) nós **entretivéssemos**

(Se) eles tivessem – (Se) eles **entretivessem**

Escreveremos, portanto:

*Se nós nos entretivéssemos no circo, iríamos mais vezes.*

No futuro do subjuntivo:

(Quando) eu tiver – (Quando) eu **entretiver**

(Quando) nós tivermos – (Quando) nós **entretivermos**

(Quando) eles tiverem – (Quando) eles **entretiverem**

Escreveremos, portanto:

*Quando os palhaços entretiverem as crianças, todas verão como é bom sorrir.*

Assim, pudemos percorrer, nos tópicos em epígrafe, as principais “encruzilhadas” que este verbo apresenta. E tudo porque uma agradável lembrança da infância veio à tona... e nos entreteve neste artigo. Um gramatical entretenimento...

Aliás, seria tão bom ouvir novamente aquele buzina do homem do sorvete, oferecendo o produto “*que /entérte/*”, “*que vai /entertê/ mais*”... Seria uma ótima oportunidade de lhe dizer que aquela espontânea flexão verbal, por ele utilizada, não existe, mas que seu sorvete era inesquecível! Tão inesquecível que sua fala me levou a aprender, com o tempo – e no Português de rigor –, que são melhores as formas “**ele entretém**”, “**ele vai entreter**”, “**ele havia entretido**”.



### **Artigo 6 A Língua Portuguesa do consumidor: uma história real**

Há alguns dias, resolvi fazer umas compras. Precisava de alguns objetos para o escritório e decidi adquiri-los naquela ocasião. Em meio a tantas lojas, espalhadas pela movimentada rua em que estava, uma chamou-me a atenção. Tratava-se de uma grande loja de departamentos, em cuja frente estampava-se o seguinte anúncio:

**“Toda a loja com 50% de desconto.”**

Diante da convidativa chamada, animei-me a conhecer o estabelecimento e suas ofertas. De fato, havia produtos com preços bem acessíveis, porém a maioria estava com preços elevados. Todavia, algo me tranquilizava: caso resolvesse comprar qualquer mercadoria, teria direito a 50% de desconto, conforme se anunciara na faixa colocada na porta.

Escolhi dois objetos e me dirigi ao Caixa. Lá chegando, esperei a atendente digitar os valores e percebi que os preços exigidos vieram “cheios”, e não com o desconto prometido. Diante do possível lapso da funcionária, fiz menção ao desconto anunciado:

– Parece-me que não foi computado o desconto de 50% – disse-lhe.

De pronto, a Caixa respondeu-me:

– Não, senhor. Estas mercadorias não recebem o desconto. Apenas aquelas que estiverem com a etiqueta vermelha!

– “Etiqueta vermelha”?! – indaguei-lhe.

– Sim, apenas os produtos com tal etiqueta receberão o desconto de 50%!

Diante da situação embaraçosa, tentei demonstrar o porquê de minha indignação e, sobretudo, entender a intenção daquele estabelecimento com a faixa a todos estampada.

– Segundo a faixa que está lá fora, toda a loja terá 50% de desconto – expliquei-lhe. Não se mencionou que há mercadorias com desconto e outras sem desconto...

Curiosamente, a atendente, com certa arrogância, discordou:

– O senhor não entendeu bem o que está escrito na faixa! Queremos dizer que em todas as lojas de nossa rede há mercadorias com desconto. Por isso, escrevemos **“Toda a loja com 50% de desconto”**.

Procurei controlar-me e, mais uma vez, em tom cordial, tentei explicar a impropriedade na faixa:

– Minha amiga, entendi bem o que está escrito na faixa. Talvez a loja é que não tenha compreendido bem aquilo que pretendeu escrever... Quando se diz que “TODA A loja está com 50% de desconto”, quer-se mencionar que todos os produtos da loja estão mais baratos, contendo o desconto mencionado.

A atendente olhava-me com bastante desconfiança, mas ainda não estava disposta a concordar:

– Pelo jeito, o senhor está querendo insinuar que não respeitamos os consumidores em nossa loja! Aqui se respeita o Direito do Consumidor!

Sem me exaltar, continuei tentando esclarecer:

– De modo algum. Não estou insinuando isso! Acho que estamos diante de uma dúvida de Português e, se quiser, posso orientá-la.

Como eu me mostrava “desarmado”, a atendente não encontrou espaço para extravasar seu inconformismo e resolveu, finalmente, dar-me ouvidos.

– Já que o senhor conhece, pode explicar, então! – disse-me.

– Veja, minha amiga, se a loja pretende anunciar que todos os estabelecimentos da rede estão dispostos a dar um desconto de 50% em produtos, deve reproduzir a ideia da seguinte forma: “TODA LOJA com 50% de desconto”. Note que não utilizo o artigo definido depois do pronome indefinido “toda”. Assim, “toda loja” significará “qualquer loja”.

E prossegui na explicação, notando que já contava com uma pequena plateia interessada – é que a atendente já tinha solicitado a presença da supervisora e da gerente para reforçarem “a bancada da oposição”.

– Por outro lado – disse-lhe –, se há a intenção em dizer que todos os produtos da loja estão com 50% de desconto, deve-se divulgar a seguinte informação: “TODA A LOJA com 50% de desconto”. Note que utilizo o artigo definido depois do pronome indefinido “toda”, criando a formação “toda a”. Assim, “toda a loja” significará “a loja inteira”.

Nessa altura da discussão, a dúvida já estava desaparecendo. A supervisora, que havia chegado há pouco, interveio no acalorado debate e deu sua opinião:

– É verdade! Pelo que noto, acho que cometemos, sim, um equívoco. De fato, pela explicação que o senhor gentilmente nos dá, deveríamos ter escrito de outra forma lá fora, suprimindo a palavrinha “a”, depois de “toda”. Em vez de “toda a loja”, deveríamos ter anunciado “toda loja”.

Confirmei, de pronto, sua conclusão:

– É verdade! Havendo o artigo, o pronome dará sempre o sentido de “inteiro” (“toda a semana” equivale a “a semana inteira”); sem o artigo, o pronome reveste-se da sua condição de palavra com alcance indefinido (“toda semana” equivale a “todas as semanas”, “uma semana após a outra”).

E complementei:

– Trata-se de um equívoco comum. Aliás, quem escreveu a faixa não deve se sentir mal. A norma gramatical é estranha, mesmo! Veja que quando escrevemos “todo homem”, querendo dizer, portanto, “qualquer homem”, o singular passa a valer pelo plural, pela totalidade, daí a estranheza para quem enfrenta tal encruzilhada linguística. Portanto: se alguém quer falar que trabalha diariamente, dirá que labuta “todo dia”; porém, se quer afirmar que trabalha o dia inteiro, anunciará que labuta “todo o dia”.

A gerente, que também já se mostrava convencida, acabou enriquecendo a conversa, em tom jocoso:

– Puxa! Coincidência! Há poucos dias, minha filha questionou-me se deveria falar “todo mundo” ou “todo o mundo” e, pela minha resposta, não sei se me saí bem. Como deveria ter dito? – indagou-me.

Como o “clima” estava bem melhor, e todos pareciam ter-se acalmado, senti-me à vontade para esclarecer a “mãe desesperada”:

– A expressão “todo mundo”, bastante utilizada na linguagem coloquial, desperta muitas dúvidas. Desde já, posso lhe assegurar que as duas formas – “todo mundo” (mais comum ao falante) e “todo o mundo” (com maior rigor gramatical) – são aceitáveis, quando queremos nos referir ao “mundo inteiro”, ou seja, em sentido figurado, a “todas as pessoas”. Aliás, recentemente, a revista *Veja* publicou em sua capa o título “*Todo mundo de olho no Brasil*”, sem o artigo definido após o pronome. A meu ver, entretanto, a forma ideal será aquela com a presença do artigo definido. Assim, sugiro que ensine para sua filha que a expressão “todo o mundo” é melhor do que a forma “todo mundo”, ainda que ambas sejam aceitáveis.

Nesse momento, a atendente houve por bem intervir, já em tom pacificador:

– Peça desculpas ao senhor. Parece que o “Português” pegou todo o mundo daqui da loja. Com todo o respeito, perdoe-me.

Aceitei as desculpas, sem problemas, mas não pude perder o “gancho”:

– Não se preocupe! Pelo que acaba de me dizer, percebo que aprendeu muito bem a matéria... Disse-me que “(...) o ‘Português’ pegou **TODO O** mundo (...)”, e me pede perdão “(...) com **TODO O** respeito (...)”. Expressou-se muito bem! Parabéns! De fato, quis mencionar todas as pessoas da loja (daí a expressão “**TODO O** mundo”) e fez menção a um substantivo abstrato, mostrando-o que é pleno e completo (daí a expressão “**TODO O** respeito”).

– Obrigada – disse a atendente. Gosto de aprender as coisas e vi que o senhor me convenceu.

A gerente da loja, percebendo que tudo havia se resolvido, prometeu-me a tomada de providências:

– Tiraremos, agora, a faixa lá de fora! Iremos substituí-la, divulgando a outra frase “**Toda loja com 50% de desconto**”, já que queremos nos referir ao desconto dado em qualquer loja da Rede, e não a todos os produtos desta loja.

E, em conformidade com os melhores princípios de justiça, a graduada funcionária arrematou:

– Como o senhor nos ajudou, (e muito!), deve levar os seus produtos com o desconto de 50%!

Senti-me satisfeito e não recusei a oferta. Por outro lado, embora acredite na importância de se conhecer bem as encruzilhadas da língua, não imaginava que tal episódio comigo pudesse acontecer, repercutindo tão incisivamente em meu dia a dia.

Pegando os pacotes, despedi-me das funcionárias. Uma delas, todavia, deixou escapar:

– Muito obrigada, senhor. Quando houver a próxima liquidação, avisaremos.

Quase chegando à porta da loja, aproveitei para gracejar:

– É melhor me avisarem quando houver a próxima “colocação”... de faixa!

Todos riram, e a atendente voltou a atenção para toda a fila que se formara. A propósito, TODA A fila, ou ainda restam dúvidas?

## Capítulo 4



### Ortografia

*Ortografia* é a parte da gramática que trata do adequado emprego das letras e dos sinais gráficos.

De início, é importante mencionar que a palavra **ORTOGRAFIA** é formada por dois elementos de origem grega: “**orto**”, na acepção de “direito, reto, exato” e “**grafia**”, significando a “ação de escrever”. Desse modo, a palavra pode ser traduzida como a “ação de escrever corretamente”.

Nesse sentido, costumam dizer que “só se aprende a escrever, escrevendo”. Nesse gesto repetido, a ortografia é cultivada mediante a atividade de observação do estudioso no “ato de escrever direito”.

Desse modo, a partir de agora, percorreremos as balizas da matéria, retirando o que há nela de mais essencial. No decorrer deste capítulo, daremos à explicação um enfoque objetivo, trazendo a lume os temas fundamentais, sem deixar de apresentar as importantes novidades do Acordo Ortográfico, que, por sua vez, trouxe algumas novidades à temática.

Frise-se que a grafia aqui recomendada seguirá os parâmetros impostos pela Academia Brasileira de Letras, à luz do compêndio oficial que registra o correto modo como se deve escrever as palavras no Brasil – o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP, 5. ed., 2009).

#### 1. Alfabeto

Após o recente Acordo Ortográfico, o alfabeto do Português ganhou três letras (**K, W e Y**) e passou a ser composto de *vinte e seis letras*:

[a, b, c, d, e, f, g,  
h, i, j, K, l, m, n, o,  
p, q, r, s, t, u, v,  
W, x, Y, z] = 26  
**LETRAS**

**Nomes das letras:** *á, bê, cê, dê, é, éfe, gê, agá, i, jóta, cá, éle, éme, éne, ô, pê, quê, érre, ésse, tê, u, vê, dâbliu (ou dablíu), xis, ípsilon (ou ipsilão), zê.*

## 2. Letras minúsculas e maiúsculas

A **LETRA MINÚSCULA** inicial é usada:

- Ordinariamente, em todos os vocábulos da língua nos usos correntes.
- Nos nomes dos dias, meses, estações do ano: *segunda-feira; outubro; primavera.*
- Nos bibliônimos (após o primeiro elemento, que é com maiúscula, os demais vocábulos podem ser escritos com minúscula, salvo nos nomes próprios nele contidos, tudo em grifo): *Menino de Engenho ou Menino de engenho, Árvore e Tambor ou Árvore e tambor.*
- Nos usos de *fulano, sicrano, beltrano.*
- Nos pontos cardeais (mas não nas suas abreviaturas); *norte, sul* (mas: *SW sudoeste*).
- Nos axiônimos e hagiônimos (opcionalmente, neste caso, também com maiúscula): *senhor doutor Joaquim da Silva, bacharel Mário Abrantes, o cardeal Bembo; santa Filomena (ou Santa Filomena).*

- g) Nos nomes que designam domínios do saber, cursos e disciplinas (opcionalmente, também com maiúscula): *português* (ou *Português*), *matemática* (ou *Matemática*); *línguas e literaturas modernas* (ou *Línguas e Literaturas Modernas*).

A **LETRA MAIÚSCULA** inicial é usada:

- a) Nos antropônimos, reais ou fictícios: *Pedro Marques, Branca de Neve, D. Quixote*.
- b) Nos topônimos, reais ou fictícios: *Lisboa, Luanda, Maputo, Rio de Janeiro; Atlântida*.
- c) Nos nomes de seres antropomorfizados ou mitológicos: *Adamastor, Netuno*.
- d) Nos nomes que designam instituições: *Instituto de Pensões e Aposentadorias da Previdência Social*.
- e) Nos nomes de festas e festividades: *Natal, Páscoa, Todos os Santos*.
- f) Nos títulos de periódicos, que retêm o itálico: *O Estado de São Paulo* (ou *S. Paulo*).
- g) Nos pontos cardeais ou equivalentes, quando empregados absolutamente: *Nordeste*, por nordeste do Brasil; *Norte*, por norte de Portugal, *Ocidente*, por ocidente europeu; *Oriente*, por oriente asiático.
- h) Em siglas, símbolos ou abreviaturas internacionais ou nacionalmente reguladas com maiúsculas, iniciais ou finais ou o todo em maiúsculas: *FAO, NATO, ONU; H<sub>2</sub>O; Sr., V. Ex.<sup>o</sup>*.

**Facultativamente**, a letra inicial **MAIÚSCULA** ou **MINÚSCULA** é usada:

- a) Nas categorizações de logradouros públicos, de templos e de edifícios:

*Rua* ou *rua da Liberdade; largo* ou *Largo dos Leões*

*Igreja* ou *igreja do Bonfim*

*Templo* ou *templo do Apostolado Positivista*

*Palácio* ou *palácio da Cultura*

*Edifício* ou *edifício Azevedo Cunha*

- b) Nos nomes que designam domínios do saber, disciplinas, curso e semelhantes:

*Matemática* ou *matemática*

*Letras Clássicas* ou *letras clássicas*

*Português ou português*

*Belas Artes ou belas artes*

- c) Nos nomes, pronomes, adjetivos e expressões de tratamento ou reverência:

*Bacharel ou bacharel Sérgio*

*Prefeito ou prefeito João*

*Senhor Doutor ou senhor doutor Pedro Silva*

*Santa ou santa Ifigênia*

- d) Nos títulos que compõem uma citação bibliográfica (exceto no primeiro vocábulo e naqueles obrigatoriamente grafados com maiúscula):

*Memórias Póstumas de Brás Cubas ou Memórias póstumas de Brás Cubas*

*O Apanhador no Campo de Centeio ou O apanhador no campo de centeio*

*O Crime do Padre Amaro ou O crime do padre Amaro*

**IMPORTANTE:** o texto do recente Acordo Ortográfico observa que as disposições sobre os usos das minúsculas e maiúsculas não

obstam a que obras especializadas observem regras próprias, provindas de códigos ou normalizações específicas (terminologias antropológica, geológica, bibliológica, botânica, zoológica etc.), promanadas de entidades científicas ou

normalizadoras,  
reconhecidas  
internacionalmente.

### 3. Abreviaturas

As *abreviaturas* são as expressões simplificadas que têm por objetivo o aproveitamento do espaço e do tempo na comunicação, ou seja, trata-se de recurso da língua que representa, de forma reduzida, certas palavras e expressões. Também fazem parte dessa classe de expressões as *siglas* e os *símbolos*.

Vamos, então, analisar algumas orientações quanto às Abreviaturas:

- 1) O ponto substitui as letras eliminadas e é empregado, na maioria das vezes, após as consoantes:

Feminino = f.

Masculino = m.

Adjetivo = adj.

Complemento = compl.

Observação: hodiernamente, abreviaturas modernas empregam o ponto depois de vogal:

Memorando = memo.

Agosto = ago.

- 2) Em palavras que apresentam encontro consonantal, o ponto é usado após a última consoante:

Geografia = geogr.

Diploma = dipl.

Plural = pl.

- 3) Algumas palavras apresentam abreviatura por contração, ou seja, pela supressão de letras no meio da palavra:

Companhia = Cia.

Doutor = Dr.

Departamento = Depto.

- 4) As abreviaturas de símbolos científicos, como medidas, pesos, distâncias etc., são escritas sem ponto. Para o plural, não há a letra “s”:

Quilômetro = Km

Litro = l

Quilograma = Kg

Metro = m

Gramma = g

- 5) Algumas palavras mantêm a(s) última(s) letra(s) sobrescrita(s):

Vossa Excelência = V. Ex.<sup>a</sup>

Excelentíssima = Ex.<sup>ma</sup>

- 6) O acento gráfico, quando houver, deve ser mantido, se vier antes do ponto abreviativo, assim como o hífen:

Página = pág.

Técnica = téc.

Gênero = gên.

Século = séc.

Decreto-lei = dec.-lei

- 7) O plural da abreviatura de certas palavras geralmente é formado pelo acréscimo de “s”:

Folhas = fls.

Capítulos = caps.

Páginas = págs.



Quando a abreviatura é formada por letras maiúsculas, duplicam-se essas letras para o plural:

Autores = AA.

Vossas Majestades = VV.MM.



Entretanto, algumas letras maiúsculas dobradas representam abreviaturas no grau superlativo:

Meritíssimo = MM.

Santíssimo = SS.

Digníssimo = DD.

## **IMPORTANTE:** **abreviatura *versus*** **abreviação**

Não confunda uma coisa com a outra.

Diferentemente de *abreviatura*,

definida

anteriormente, a *abreviação* é

apenas a redução

de uma palavra, e não a sua representação por meio de letras (Exemplos: *quilo*, de quilograma; *foto*, de fotografia).

#### 4. Emprego de letras

Vamos a algumas regras sobre o emprego de letras:

##### 4.1 Letra “e”

Utiliza-se a letra “e” nas seguintes situações:

-  Em palavras derivadas de substantivos primitivos com **-eio/-eia**: *areia* – *areal*, *areento*; *cadeia* – *cadeado*.
-  No prefixo **ante-**, significando “anterioridade, posição anterior”: *antessala*, *antediluviano*, *antebraço*.
-  No prefixo **des-**, significando “ação contrária, separação, negação, oposição”: *desperdício*, *desacordo*, *desamor*, *desleal*.
-  Nos verbos terminados em **-uar** e **-oar**, no presente do subjuntivo: (que

eu/ele) *abençoe*, (que eu/ele) *continue*, (que eu/ele) *magoe*.

#### 4.2 Letra “i”

Utiliza-se a letra “i” nas seguintes situações:

- ◆ No prefixo **anti-**, significando “oposição, ação contrária”: *antifascista*, *anticoncepcional*, *antissepsia*, *anti-inflamatório*.
  - ◆ Na 3ª pessoa do singular do *presente do indicativo* dos verbos terminados em **-uir**, **-air** e **-oer**: *Ele constrói* (construir), *Ele sai* (sair), *Ele corrói* (corroer).
  - ◆ Nos sufixos **-iano** e **-iense** de palavras derivadas: *açoriano* (Açores), *ciceroniado* (cicerone), *freudiano* (Freud), *machadiano* (Machado).
- Veja, abaixo, duas **tabelas** com palavras que podem ensejar dúvidas:

## PALAVRAS COM “E” (E

acarear	de antemão	encó
aéreo	deferir	endi
ante-	delação	ento
antecipar	demitir	entro
antevéspera	derivar	entro
aqueduto	descortinar	enur
área	descrição	estru
beneficência	despender	false

beneficente	despensa	grar
betume	despesa	hast
boreal	elucidar	hom
cardeal	embutir	ideo
carestia	emergir	inde
cedilha	emigrar	legít
cercear	eminência	men
cereal	empecilho	meto
continue	empreender	nom

## PALAVRAS COM “I” (E N

aborígene	diferir	imerg
acrimônia	dilação	imigra
adiante	dilapidar	iminer

ansiar	dilatar	imiscu
anti-	discrição	se
(prefixo =	discricionário	inclina
contra)	discriminar	incorp
arqui-	dispêndio	incrus
artifício	dispensa	indigit
atribui	distinguir	infesta
cai	distorção	influi
calcário	dói	inigua
cárie	feminino	iniludí
chefiar	frontispício	inquiri
cordial	imbuir	intitula
desigual		irrupç
diante		

## PALAVRAS COM “EI” (E N “E”)

aleijado

alqueire

ameixa

cabeleireiro

ceifar

colheita

desleixo

madeira

peixe

queijo

queixa

reitera

## PALAVRAS COM “E” (E NÃO)

adrede	cereja	entrec
alameda	cortejo	estrea
almejar	despejar,	estrea
azulejo	despejo	frear,
bandeja	drenar	freada
calejar	embrear	igreja
caranguejo	embreagem	lampe
carqueja	enfear	lugare
	ensejar,	malfaz
	ensejo	manej
		manej

## PALAVRAS COM “O”

PA

abolir	explodir	acu
agrícola	marajoara	bôn
bobina	mochila	cinc
boletim	ocorrência	cun
bússola	pitoresco	cun
cobiça(r)	proeza	cúp
comprido	Romênia	Cur
comprimento	romeno	(e)l
concorrência	tribo	emk
costume	veio	entã
encobrir	( <i>substantivo</i> <i>e verbo</i> )	légu
	vinícola	

Veja, ainda, mais algumas palavras grafadas com as letras “o” e “u”:

## PALAVRAS COM “OU” (E N COM “O”)

agourar	dourar	lavoura	rou
arroubo	estourar	pouco	tesc
cenoura	frouxo	pousar	tesc

## PALAVRAS COM “O” (E “OU”)

alcova	arrojar,	empola
ampola	arrojo	engodo
anchova	barroco	estojo
(ou enchova)	cebola	malograr,
arroba	desaforo	malogro
arrochar,	dose	mofar,
arrocho		mofo

### 4.3 Letra “j”

Utiliza-se a letra “j” nas seguintes situações:



Em várias palavras de origem latina, africana e tupi-guarani: *hoje, majestade, pajé, jiboia, jequitibá, jirau, jeribá, jerivá.*

**Exceção:** *Mogi das Cruzes, Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu e Sergipe.*



Nas flexões dos verbos terminados em **-jar** e palavras derivadas: *arranje, arranjemos, despejes, despejeis, viajar, viajando, caixeiro-viajante.*

**Exceção:** *o substantivo viagem, com “g”.*

#### 4.4 Letra “g”

Utiliza-se a letra “g” nas seguintes situações:

◆ Nos sufixos **-agem**, **-igem**, **-ugem**: *homenagem*, *voragem*, *ferrugem*, *fuligem*, *vertigem*.

**Exceção:** *lajem*, *lambuje*, *pajem*.

◆ Nos verbos terminados em **-ger** e **-gir**: *proteger*, *fingir*.

◆ Nas terminações **-ágio**, **-égio**, **-ígio**, **-ógio**, **-úgio**: *estágio*, *egrégio*, *prodígio*, *relógio*, *refúgio*.

◆ Nas palavras derivadas de palavras primitivas grafadas com “g”: *afligem* (afligir); *tingido* (tingir).

Veja, abaixo, uma tabela para não confundir mais:

## PALAVRAS COM “G” (E N “J”)

adágio	digestão	garage
agenda	efígie	geada
agiota	égide	gelosia
algema	Egito	gêmeo
algibeira	egrégio	gengiv
apogeu	estrangeiro	gesso
argila	evangelho	gesto
auge	exegese	Gibralt
Bagé	falange	gíria
(mas	ferrugem	giz
bajeense)	fuligem	herege
Cartagena		
digerir		

## PALAVRAS COM “J” (E NÃO “G”)

ajeitar	interjeição	lojista
encoraje	jeca	majestade
enjeitar	jeito	majestoso
enrijecer	jenipapo	objeção
gorjeta	jerimum	ojeriza
granjear	jesuíta	projeção
injeção	lisonjear	projétil (ou projétil)

### 4.5 Letra “h”

Utiliza-se a letra “h” nas seguintes situações:

- ◆ No início das palavras, em razão da etimologia: *humano, hipótese, habitar, herói.*
- ◆ No final de certas interjeições: *Ah!, Oh!, Bah!, Eh!.*
- ◆ Na adoção convencional: *Hã?, Hein?, Hum!.*



Como integrante dos dígrafos -ch, -lh, -nh: *banho, telha, cachimbo*.



Em palavras unidas por hífen, quando o segundo elemento possui “h” etimológico: *pré-histórico, super-homem, extra-humano*.



Por tradição: *Bahia*.

**Observação:** Não se usa “h” nos derivados *baiano, baianismo, laranja-da-baía* etc.

Veja, abaixo, uma lista de palavras com a letra “h”:

## PALAVRAS COM

Haiti

herbáceo

halo

(mas erva)

hangar

herdar

harmonia

herege

haurir

hermenêutica

Havana

hermético

Havaí

herói

haxixe

hesitar

hebdomadário

hiato

hebreu

híbrido

histeria

hidráulico

<b>n</b> ectare	<b>n</b> idráulica	
<b>h</b> ediondo	<b>h</b> idravião	
<b>h</b> edonismo	<b>h</b> idroavião	
<b>H</b> égira	<b>h</b> idrogênio	
<b>H</b> elesponto	<b>h</b> idro-	
<b>h</b> élice	(prefixo)	
<b>h</b> emi-	<b>h</b> ierarquia	
(prefixo)	<b>h</b> ieróglifo (ou	
<b>h</b> emisfério	<b>h</b> ieróglifo)	
<b>h</b> emorragia	<b>h</b> ífen	
<b>h</b> erança	<b>h</b> igiene	
	<b>H</b> imalaia	

5. Emprego das letras “s”, “ss”, “sc”, “ç”, “x”, “ch” e “xc”

Para fins didáticos,  
em vez de

sobrecarregar o leitor com centenas de regras pouco abrangentes e recheadas de exceções, optamos aqui por uma abordagem diferente, utilizando-nos de quadros comparativos a partir dos **FONEMAS /S/, /Š/, /Z/ e /KS/**, originados pelas

referidas letras, a fim de que a grafia das palavras possa ser mais bem assimilada.

#### 5.1 O fonema /S/

### ESCREVE-SE COM “S” (E “X”)

adens**ar**

advers**ário**

amanuense

âns**ia**, ansiar

apreens**ão**

ascens**ão**

convuls**ão**

Córsega

defens**ivo**

defens**or**

descans**ar**

descens**o**

e

ir

ir

ir

ir

ir

autópsia	desconsertar	ir
aversão	despensa	ir
avulso	despretensão	(t
balsa	dimensão	ir
bolso	dispensa	ir
bom-senso	dispersão	r
canhestro	dissensão	o
cansaço	distensão	(r
censo	diversão	o
compreensão	diverso	o
compulsão	emersão	o
condensar	espoliar	p
consecução	estender	p
conselheiro	(mas	p
conselho	extensão)	P
consenso	estorno	p
consentâneo	estorricar	p
consertar	excursão	n

consentir  
contraversão  
controvérsia  
conversão

excursão  
expansão  
expensas  
extensão  
extorsão

p  
p  
re  
re  
re  
re

## ESCREVE-SE COM “S” (E

adest <b>ra</b> r	esô <b>f</b> ago	espr <b>e</b> r
cont <b>e</b> star	es <b>p</b> ectador	es <b>q</b> uis
dest <b>r</b> eza	es <b>p</b> erteza	est <b>a</b> gr
dest <b>o</b>	es <b>p</b> erto	est <b>á</b> tic
es <b>c</b> avar	es <b>p</b> iar	est <b>e</b> nc
es <b>c</b> larecer	es <b>p</b> irar	est <b>e</b> nc
es <b>c</b> orreito	es <b>p</b> lanada	est <b>e</b> rn
es <b>c</b> usa	es <b>p</b> lêndido	est <b>i</b> rpe
es <b>d</b> rúxulo	es <b>p</b> lendor	est <b>r</b> an
es <b>f</b> olar	es <b>p</b> oliação	est <b>r</b> an
es <b>g</b> otar	es <b>p</b> ontâneo	est <b>r</b> atc
es <b>g</b> oto	es <b>p</b> raiar	est <b>r</b> atc

ESCREVE-SE COM “C” E “Q”  
“S”, “SS” OU “Ç”

à beça

absorção

abstenção

açaí

açambarcar

acender

acento

acepção

acessório

acerbo

acerto

acervo

aço

açodar

açúcar

açude

adoção

assunção

babaçu

baço

balança

Barbacena

Barcelona

berço

caça

cacique

caçoar

caiçara

calça

calhamaço

cansaço

carecer

carroçaria

castiço

cera

cerân

cerca

cerce

cerea

céreb

cerne

cerraç

cerrai

cerro

certar

certei

certez

certid

certo

cessa

cessã

afiançar  
agradecer  
alçar  
alicerçar  
alicerce  
almaço  
almoço  
alvorecer  
amadurecer  
amanhecer  
ameaçar  
aparecer  
apreçar

cebola  
cê-cedilha  
cédula  
ceia  
ceifar  
célere  
celeuma  
célula  
cem  
cemitério  
cenário  
censo  
censura

cessa  
cesta  
chacir  
chanc  
chanc  
cicatr  
ciclo  
ciclón  
cifra  
cifrão  
cigarr  
cilada  
cimen  
cimo

apreço  
aquecer

centavo  
cêntimo

cir  
cí

arrefecer

arruaça

asserção

exceção

excepcional

exibição

expeço

extinção

falecer

fortalecer

Iguaçu

impeço

incerto

incipiente

inserção

intercessão

isenção

centro

ceticismo

cético

lúcido

maçada

maçante

maçar

macerar

maciço

macio

maço

maçom/mação

manutenção

menção

mencionar

muçulmano

noviço

ci

ci

ci

pa

pa

pa

pe

pe

pi

pc

pr

pr

qu

re

re

re

re

faço	obcecação	re
liça	obcecar	re
licença	opção	ro
lucidez	orçamento	ru
	orçar	

E, ainda:

## ESCREVE-SE COM “SC” (E

ab <b>sc</b> esso	cre <b>sc</b> er
ab <b>sc</b> issa	de <b>sc</b> endênc
acres <b>sc</b> entar	de <b>sc</b> ender
acres <b>sc</b> er,	de <b>sc</b> entraliz
acré <b>sc</b> imo	de <b>sc</b> er
adoles <b>sc</b> ente	de <b>sc</b> errar
apas <b>sc</b> entar	de <b>sc</b> ida
aquies <b>sc</b> ência	dis <b>sc</b> ente
aquies <b>sc</b> er	discernimen

**ascender**

**ascensão**

**asceta**

**condescendência**

**consciência**

**côncio**

**convalescer**

**crescente**

**disciplina**

**discípulo**

**efervescência**

**fascículo**

**fascismo**

**florescer**

**imissão**

## ESCREVE-SE COM “SS” (E)

**Abissínia**

**acessível**

**admissão**

**aerossol**

**agressão**

**assassinar**

cccccc

**compromisso**

**concessão**

**cromossomo**

**demissão**

**depressa**

**depressão**

cccccc

gr

idi

im

im

ing

ins

m

assear	deavassar	mi
assecla	dezesseis	m
assediar	dezessete	m
assentar	digressão	m
assento	discussão	m
asserção	dissensão	m
asserto,	dissertação	pa
assertiva	ecossistema	pa
assessor	eletrocussão	pa
asseverar	emissão	pe
assíduo	endossar	pé
assimetria	escassear	pe
assinar	escassez	pe
Assíria	escasso	pe
assolar	excessivo	pr
aterrissagem	excesso	pr
atravessar	expressão	pr
cessão	fissura	or

comissão

compasso

compressa

fosso

fracasso

gesso

pr

pr

re

re

## ESCREVE-SE COM “X” (E “SS”)

apople <b>x</b> ia	expi <b>ç</b> ão	extens
aproximar	expiar	extenu
auxí <b>l</b> io	expirar	extern
cont <b>x</b> to	explanar	extirpa
ex <b>cl</b> usivo	expletivo	extrac
ex <b>pe</b> ctador	explicar	extrap
ex <b>pe</b> ctativa	explícito	extrato
ex <b>pe</b> nder	explorar	extren
ex <b>pe</b> nsas	expoente	extrov
ex <b>pe</b> riência	expor	in <b>ex</b> pe
ex <b>pe</b> rimentar	ê <b>x</b> tase	in <b>ex</b> tri
ex <b>pe</b> rto	extático	máxim

## ESCREVE-SE COM “XC”, E

exceção	excelente	exce
excedente	excelso	exce
exceder	excentricidade	exce
excedível	excêntrico	exce
excelência	excepcional	exci

### 5.2 O fonema /Z/

## ESCREVE-SE COM “Z” (L

abalizado	agonizar	lgoz
abalizar	agudez(a)	altez
acidez	ajuizar	altiv
aduzir	alcoolizar	Ama
agilizar	algazarra	ame
Andaluzia	cafezal	delic
antipatizar	cafezeiro	dem

apaziguar

aprazar

aprazível

aprendizado

arborizar

arcaizar

aridez

Arizona

armazém

aromatizar

arrazoar

arrazoado

arroz

aspereza

assaz

atemorizar

aterrorizar

atriz

catezinho

cafuzo

canalizar

canonizar

capataz

capaz

capitalizar

caracterizar

carbonizar

cartaz

categorizar

catequizar

(mas

catequese)

cauterizar

celebrizar

centralizar

certeza

desa

dest

desl

desl

desl

desl

desp

dest

dez

deze

deze

deze

deze

deze

deze

diret

divir

dize

atriz

atroz

atualizar

audaz

automatizar

autorizar

avalizar

avareza

avestruz

avidez

avizinhar

certeza

chafariz

chamariz

cicatriz(ar)

circunvizinho

civilizar

cizânia

clareza

climatizar

coalizão

colonizar

comezinho

concretizar

duzo

dizir

dízir

dogi

doze

drar

dure

duze

dúzi

ecor

eficá

eleti

emb

azar

azedar

azeite

condizer

conduzir

confraternizar

azeite

azeitona

azimute

azul, azuis

baixeza

baliza

banalizar

barbarizar

bazar

bazuca

beleza

bel-prazer

bendizer

bezerro

bissetriz

Bizâncio

bizantino

bizarro

conmaturalizar

conscientizar

contemporiza

contradizer

contumaz

corporizar

correnteza

cotizar

cozer

cozido

cozinhar

cristalizar

cristianizar

crueza

cruzar,

cruzeiro

cruzada

cupidez

braveza (ou  
brabeza)

burocratizar

infeliz

inferiorizar

inimizar

insipidez

inteireza

intelectualizar

internacionalizar

intrepidez

introduzir

inutilizar

invalidez

ironizar

jaez

jazida

czar

deduzir

motorizar

motriz

mudez

nacionalizar

nariz

naturalizar

natureza

Nazaré

nazismo

neutralizar

nitidez

nobreza

noz

nudez

obstaculizar

jazigo  
juiz, juízes  
juízo  
justeza  
largueza

ojeriza  
oficializar  
organizar  
orizicultura  
quartzo

latinizar

lazer

legalizar

ligeireza

localizar

loquaz

lucidez

luz

maciez(a)

madureza

magazine

magnetizar

ozônio

palidez

parabenizar

particularizar

pasteurizar

paz

penalizar

pequenez

permeabilizar

perspicaz

pertinaz

placidez

re:

rid

rig

rije

ris

riv

ro

ro

ro

ru

sa

ca

magnetizar	placidez	sa
magreza	pluralizar	sa
maldizer	pobreza	sa
malfazer	polidez	se
martirizar	popularizar	re
materializar	pormenorizar	se
matiz(ar)	prazer,	se
matriz	prazeroso	sir
mazela	prazo	sir
menosprezar	preconizar	sir
mercantilizar	prejuízo	sir
meretriz	pressurizar	sir
mesquinhez	presteza	sis
mezinha	prezado	sis
militarizar	primaz(ia)	so
miudeza	privatizar	so
mobilizar	produzir	so
modernizar	proeza	so

monopolizar	profetizar	so
moralizar	profundeza	su
morbidez	pulverizar	Su
mordaz	pureza	Su
	quartzo	

## ESCREVE-SE COM “S” (E

aburguesar	brasão	desc
abusar,	Brasil	desí
abuso	brasileiro	desí
aceso	brisa	desi
acusar,	burguês,	desi
acusativo	burguesia	desp
adesão,	busílis	detr
adesivo	Cádis	deus
afrancesar	campesino	diag
agachar	campesão	diag

aga**sa**nar  
aguarrá**s**  
aliá**s**  
al**is**ar (mas  
desl**iz**ar)  
ama**si**ar-**se**  
amnés**ia**  
anal**is**ar,  
anál**is**e  
ananá**s**  
anest**es**ia  
ap**es**ar de  
ap**or**tugues**ar**  
apó**s**  
ap**os**entar  
ap**ote**ose  
ap**re**sar  
ap**ri**sionar

camp**o**nes  
carm**es**im  
casa**(r)**  
cas**am**ento  
cas**eb**re  
cas**er**na  
cas**o**  
cas**u**al  
cas**u**ísta  
cas**u**lo  
catál**is**e,  
catal**is**ar  
catequ**es**e  
(mas  
catequ**iz**ar)  
centés**im**o  
Cés**ar**  
ces**ar**iana

dioc  
div**is**  
div**is**  
div**is**  
dolo  
dos**e**  
dos**a**  
duq  
ecle  
emp  
emp  
êncli  
enés  
ent  
enva  
envie  
erisi  
escc

ardósia  
arquidiocese  
arrasar  
arrevésado  
artesanato,  
artesão  
ás  
asa  
Ásia  
asilar, asilo  
asteca  
atrás  
atrasar,  
atraso  
através  
avisar, aviso  
azul-

chinês  
cisão  
coesão  
coeso  
coisa  
colisão  
comiserar  
conciso  
concisão  
conclusão  
consulesa  
contusão  
convés  
cortês  
cortesia  
coser  
crase

escu  
esôf  
esot  
esqu  
euta  
evas  
excl  
êxta  
extr  
extre  
falés  
fanta  
fase  
ferro  
finês  
finlar  
form

turquesa  
baronesa  
basalto  
base(ar)  
Basiléia  
basílica  
besouro  
bis(ar)

crise  
cútis  
decisão  
decisivo

bisavô  
Biscaia  
bisonho  
brasa  
jesuíta  
Jesus  
jus  
jusante

defesa  
demasia  
descamisar  
norueguês  
obesidade,  
obeso  
obséquio  
obtuso

fra  
fra  
fra  
fre  
raj  
ras  
ras  
rec

láp <b>is</b>	our <b>iv</b> es(aria)	rec
les <b>ã</b> o	ou <b>s</b> ar	rep
les <b>io</b> nar	ou <b>s</b> adia	rep
les <b>a</b> r	pa <b>í</b> s	rep
les <b>iv</b> o	pa <b>is</b> agem	rep
lil <b>á</b> s	para <b>f</b> uso	rep
l <b>is</b> o	para <b>l</b> isar	rec
l <b>is</b> onja	Pa <b>r</b> is	rec
l <b>is</b> ura	para <b>m</b> esão	rec
lo <b>s</b> ango	pa <b>s</b>	rés
lo <b>u</b> sa	pa <b>u</b> -brasil	rês
lu <b>s</b> o	pe <b>s</b> adelo	rés
ma <b>gn</b> ésio	pê <b>s</b> ames	chã
ma <b>is</b> ena	pe <b>s</b> ar, pe <b>s</b> o	res
mal <b>t</b> ês	pe <b>s</b> quisar	res
mar <b>qu</b> ês	pi <b>s</b> ar	res
ma <b>s</b> oquismo	Pol <b>in</b> ésia	res

mausoleu	portugues	res
mês	pôs	res
mesa	precisão	res
mesário	precisar	res
mesóclise	preciso	res
Mesopotâmia	presa	res
mesquita	presente(ar)	res
mesura	preservar	res
metamorfose	presidente	res
Micronésia	presídio	ret
milanês	presidir	ret
misantropo	presilha	rev
miséria	princesa	rev
misericórdia	profetisa	rev
montanhês	profusão	rev
montês	prosa	sa
mosaico	prosaico	Sil
Mosela	prosélito	sír

trussola

música

Nagasáqui

narcisismo

nasal

náusea

presente

quadris

querosene

quesito

quis

quiseste

en

sin

sis

sis

so

so

só

sui

## ESCREVE-SE COM “X” (E N OU “S”):

exageto

exalar

exaurir,

exausto

execução,

executar

exegese

exemplo

exéquias

exequível

exercer

exercício

exaltar

exame,

examinar

exército

exibir,

exibição

exigir

exíguo

exiguidade

exílio,

exilar

exímio

existir

exangu

exarar

êxito,

exitoso

êxodo

exonera

exorbita

exortar

exótico

exuber

exultar

## ESCREVE-SE COM “X” (E)

abacaxi	enfaixar	haxix
afrouxar	enfeixar	Hirox
almoxarife,	engraxar	lagar
almoxarifado	engraxate	laxar
ameixa	enxada	laxa
atarraxar	enxaguar	lixeiros
baixa	enxame	lixívia
baixada	enxaqueca	lixo
baixela	enxergar	luxaç
baixeza	enxerir	luxar
baixo	enxertar	Luxe
bauxita	enxofre	luxo
bexiga	enxotar	luxúr
caixão	enxovalhar	malg
caixeiro	enxovia	Mad

caixote

capixaba

coxa

coxear

coxo

deixar

desleixado

desleixo

elixir

encaixe

encaixotar

enxugar

enxurrada

enxuto

esdrúxulo

faixa

faxina

faxineiro

feixe

frouxo

graxa

guanxuma

mexe

mexe

mexi

mixó

orixá

paxá

praxo

puxa

relax

relax

reme

repux

repux

## ESCREVE-SE COM “CH

achacar,

achaque

archote

archote

b

b

<b>acnaque</b>	<b>arrocnar,</b>	<b>u</b>
<b>achincalhar</b>	<b>arrocho</b>	<b>b</b>
<b>ancho</b>	<b>azeviche</b>	<b>b</b>
<b>anchova</b> (ou <b>enchova</b> )	<b>bacharel</b>	<b>b</b>
<b>apetrecho</b>	<b>belchior</b>	<b>d</b>
<b>cambalacho</b>	<b>chicote</b>	<b>d</b>
<b>capacho</b>	<b>chimarrão</b>	<b>d</b>
<b>caramanchão</b>	<b>chimpanzé</b>	<b>d</b>
<b>cartucheira</b>	<b>(ou chipanzé)</b>	<b>d</b>
<b>chá</b> (planta, infusão de folhas)	<b>chique</b>	<b>e</b>
<b>chácara</b>	<b>chiqueiro</b>	<b>e</b>
<b>chacina</b>	<b>choça</b>	<b>e</b>
<b>chacoalhar</b>	<b>chocalho</b>	<b>e</b>
<b>chacota</b>	<b>chofre</b>	<b>e</b>
<b>chafariz</b>	<b>choldra</b>	<b>e</b>
	<b>chope</b>	<b>e</b>
	<b>chuchu</b>	<b>e</b>
	<b>chumaco</b>	<b>fa</b>

**chafurdar**

**chalaça**

**chalé**

**chaleira**

**chamariz**

**chambre**

**chaminé**

**charada**

**charco**

**charlatão**

**charolês**

**charque(ar)**

**charrua**

**charuto**

**chávena**

**cheque**

**chicória**

**churrasco**

**chusma**

**chute, chutar**

**cochichar,**

**cochicho**

**cochilar,**

**cochilo**

**cocho**

(vasilha)

**cochonilha**

**colcha**

**colchão**

**colchete**

**concha**

**conchavo**

**coqueluche**

**cupincha**

fa

fa

fe

fe

fi

fl

fr

g

g

g

g

g

íi

ir

la

debochar,  
deboche

5.4 O fonema /KS/

**ESCREVE-SE COM “X” (E  
“ÇÇ”)**

a <b>fluxo</b>	fixar,	ne <b>x</b>
am <b>plexo</b>	fixação	obr
an <b>ex</b> ar,	fixo	ôni
an <b>ex</b> o	flexão	ort
as <b>fix</b> ia(r)	flexibilidade	ort
ax <b>il</b> a(r)	flexionar	oxi
ax <b>io</b> ma	flexível	oxí
bó <b>ra</b> x	fluxo	par
clí <b>ma</b> x	heterodoxia	par
com <b>ple</b> xidade	heterodoxo	par
com <b>ple</b> xo	hexágono	par

conexão,  
conexo  
convexidade  
convexo  
córtex  
crucifixo  
duplex  
durex  
empuxo

índex  
inflexível  
intoxicar  
látex  
léxico  
marxismo  
marxista  
maxila,  
maxilar

per  
per  
pire  
pro  
pro  
pro  
pro  
refl  
refl

# ESCREVE-SE COM “CC” E “X”)

cocção	defecção	fricção
cóccix (ou coccige)	dissecção	fricção
confecção	fa(c)ção	infe(c)
confeccionar	fa(c)cioso	infe(c)
convicção	ficção	inspe(

## 6. Hífen

No que se refere ao hífen, o recente Acordo Ortográfico alterou várias regras, visando à praticidade em sua utilização e aprendizado.

Apresentamos, abaixo, as principais regras que norteiam a utilização do hífen em seus usos mais comuns.

### 6.1 Regras gerais

1. Usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **-h**: *anti-histórico, bio-história, extra-humano, mini-hotel, super-homem*.
2. Se o prefixo termina em **vogal**, e o segundo elemento começa com **-r** ou **-s**, não se usa o hífen e se duplicam as consoantes: *antirreligioso, antissocial, antessala, contrarregra, extrarregular, microssistema, neorealismo*.
3. Se o prefixo termina em **vogal**, e o segundo elemento começa por consoante diferente de **-r** ou **-s**, não se usa o hífen: *autopeça, coprodução*,

*pseudofruto, semicírculo, semideus, ultramoderno.*

4. Se o prefixo termina em **vogal** diferente daquela com que se inicia o segundo elemento, não se usa o hífen: *agroindustrial, autoafirmação, sobreaviso, autoescola, autoimunizar, contraofensiva, extraoficial.*
5. Se o prefixo termina em **vogal**, e o segundo elemento começa com a **mesma vogal**, usa-se o hífen: *anti-inflamatório, arqui-inimigo, contra-ataque, micro-ônibus, micro-ondas.*
6. Se o prefixo termina em **consoante**, e o segundo elemento começa com a **mesma consoante**, utiliza-se o hífen: *hiper-requintado, inter-racial, sub-bibliotecário, super-resistente.* Caso o segundo elemento comece com **consoante diferente**, não se usa o hífen: *intermunicipal, superproteção, hipermercado.*
7. Se o prefixo terminar em **consoante**, e o segundo elemento começar com uma **vogal**, não se usa o hífen: *hiperativo, interestadual, superaquecimento, superexigente.*

## **6.2 Casos específicos**

- a) Com o prefixo **sub**, deve-se utilizar o hífen diante de palavra iniciada em **-r** ou **-b**: *sub-região, sub-raça, sub-rogação, sub-bibliotecário, sub-base, sub-brigadeiro.* Com todas as outras palavras, não se usa o hífen: *subalimentação, suboficial, subitem, subclasse.*
- b) Com os prefixos **circum** e **pan**, utiliza-se o hífen diante de palavra iniciada em **-m**, **-n**, **-h** e **vogal**: *circum-mediterrâneo, circum-navegação, circum-hospitalar, circum-ambiente, pan-mágico, pan-negritude, pan-helênico, pan-americano.*
- c) Não se usa o hífen em palavras que perderam a **noção de composição**: *girassol, mandachuva, paraquedas, paraquedista, pontapé.*
- d) Mantém-se o hífen nas **locuções consagradas**: *água-de-colônia, arco-da-velha, mais-que-perfeito, cor-de-rosa.*
- e) Com os prefixos **vice**, **ex**, **sem**, **além**, **aquém**, **recém**, **pós**, **pré** e **pró**, utiliza-se sempre o hífen: *vice-almirante, ex-marido, sem-número, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado, pós-graduação, pré-histórico, pró-análise.*
- f) Deve-se usar o hífen com sufixos de origem **tupi-guarani**: *amoré-guaçu,*

*anajá-mirim, andá-açu, capim-açu.*

- g) Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas **encadeamentos vocabulares**: *ponte Rio-Niterói, percurso Lisboa-Coimbra-Porto, eixo Rio-São Paulo.*
- h) Com o prefixo **co-**, não se utiliza o hífen: coautor, codevedor, coproprietário, copiloto.

**OBSERVAÇÃO:** se o segundo elemento iniciar-se por **-h** ou por **-r**, haverá a junção dos elementos e a perda da consoante (*coerdeiro, coabitar, corréu, corré, corresponsável*).

## 7. Revisão

### 7.1 Palavras de pronúncia complexa

Seguem, abaixo, algumas palavras que podem confundir o falante:

Empecilho (e não /imp.../)

Desplante (e não /dis.../)

Cadeado (e não /...di.../)

Receoso (e não /...cei.../)

Prazeroso (e não /...zei.../)

Disenteria (e não /desin.../)

Aficionado (e não /...afikcio.../; e um “c” apenas...)

Sicrano (e não /...cla.../; e com “s”, na sílaba “si”)

Encapuzado (e não /... puça.../)

Digladiar-se (e não /de.../)

Caranguejo (e não /... guei.../)

Cabeleireiro (e não /...le-rei.../)

Iogurte (e não /ior-gu.../)

Cadarço (e não /car-da.../)

Lagartixa (e não /lar-ga.../)

Asterisco (e não /...ristico.../)

Mendigo (e não /...din-go/)

Mortadela (e não /...tan-de.../)

Reincidência (e não /rei-ci.../)

Reincidente (e não /rei-ci.../)

Reivindicar (e não /rein.../)

Rubrica (e não /rú.../; a palavra é paroxítona não acentuada)

Recorde (e não /ré.../; a palavra é paroxítona não acentuada)

Pudico (e não /pú.../; a palavra é paroxítona não acentuada)

Ciclope (e não /cí.../; a palavra é paroxítona não acentuada)

Avaro (e não /áva.../; a palavra é paroxítona não acentuada)

Inaudito (e não /ináu.../; a palavra é paroxítona não acentuada)

Opimo (e não /ópi.../; a palavra é paroxítona não acentuada)

Estalido (e não /está.../; a palavra é paroxítona não acentuada)

Cateter (e não /caté.../; a palavra é oxítona não acentuada)

Esmoler (e não /esmó.../; a palavra é oxítona não acentuada)

Ínterim (e não /...rím/; a palavra é proparoxítona)

Beneficente (e não /...fici-en.../)

Viger (e não /... gir/)

Hilaridade (e não /...rie.../)

Frontispício (e não /...tes.../)

Meritíssimo (e não /...me-re.../)

Quiproquó (e não /...có /; fala-se “/cu-í-pro-cu-ó/”)

Inexorável (e não /ine-kso... /; fala-se “/inezo.../”)

Problema (e não /po-bre.../ ou /pó-ble.../)

Próprio (e não /pró-pi.../)

Apropriado (e não /pró-pi.../)

Subsídio (e não /...zi.../; fala-se “/...ssi.../”)

Subsidiário (e não /...zi.../; fala-se “/...ssi.../”)

Subsistência (aqui se pode falar “/...zis.../” ou “/...ssi.../”)

Subsistente (aqui se pode falar “/...zis.../” ou “/...ssi.../”)

Frustração (e não /...ta.../)

Frustrado (e não /...ta.../)

## **7.2 Palavras de grafia complexa**

Seguem, abaixo, algumas palavras que podem confundir o estudioso na hora da escrita:

Prequestionamento e prequestionar (grafa-se sem o hífen)

Predeterminado (grafa-se sem o hífen)

Preexistente (grafa-se sem o hífen)

Contrafé (grafa-se sem o hífen)

Contramandado (grafa-se sem o hífen)

Contraoferta (grafa-se sem o hífen)

Contra-almirante (grafa-se com o hífen)

Autoestima (grafa-se sem o hífen)

Autoescola (grafa-se sem o hífen)

Autoajuda (grafa-se sem o hífen)

Semiaberto (grafa-se sem o hífen)

Semi-interno (grafa-se com o hífen)

Anti-inflamatório (grafa-se com o hífen)

Anti-higiênico (grafa-se com o hífen)

Anti-horário (grafa-se com o hífen)

Extrajudicial (grafa-se sem o hífen)

Extraoficial (grafa-se sem o hífen)

Extraconjugal (grafa-se sem o hífen)

Supracitado (grafa-se sem o hífen)

Supramencionado (grafa-se sem o hífen)

Super-herói (grafa-se com o hífen)

Inter-relação (grafa-se com o hífen)

Hiper-resistente (grafa-se com o hífen)

Sobre-humano (grafa-se com o hífen)

Micro-ondas (grafa-se com o hífen)

Micro-ônibus (grafa-se com o hífen)  
Infravermelho (grafa-se sem o hífen)  
Infra-assinado (grafa-se com o hífen)  
Infracitado (grafa-se sem o hífen)  
Infraestrutura (grafa-se sem o hífen)  
Caixa-preta (grafa-se com hífen)  
Fora da lei (grafa-se sem o hífen)  
Não fumante (grafa-se sem o hífen)  
Quase delito (grafa-se sem o hífen)  
Semissoberania (grafa-se sem o hífen e com o “s” duplicado)  
Semisselvagem (grafa-se sem o hífen e com o “s” duplicado)  
Antissocial (grafa-se sem o hífen e com o “s” duplicado)  
Antirreligioso (grafa-se sem o hífen e com o “r” duplicado)  
Antissesmita (grafa-se sem o hífen e com o “s” duplicado)  
Contrarregra (grafa-se sem o hífen e com o “r” duplicado)  
Contrarrazões (grafa-se sem o hífen e com o “r” duplicado)  
Contrassenso (grafa-se sem o hífen e com o “s” duplicado)  
Ultrassom (grafa-se sem o hífen e com o “s” duplicado)  
Suprassumo (grafa-se sem o hífen e com o “s” duplicado)  
Ultrarromântico (grafa-se sem o hífen e com o “r” duplicado)  
Coerdeiro (grafa-se sem o hífen e sem a letra “h”)  
Coautor (grafa-se sem o hífen)  
Coautora (grafa-se sem o hífen)  
Corréu (grafa-se sem o hífen e com o “r” duplicado)  
Corré (grafa-se sem o hífen e com o “r” duplicado)  
Corresponsável (grafa-se sem o hífen e com o “r” duplicado)  
Corresponsabilidade (grafa-se sem o hífen e com o “r” duplicado)  
Paraquedas (grafa-se sem o hífen e sem o acento agudo no 1º elemento)  
Paraquedista (grafa-se sem o hífen e sem o acento agudo no 1º elemento)

Paraquedismo (grafa-se sem o hífen e sem o acento agudo no 1º elemento)

Para-lama (grafa-se com o hífen, mas sem o acento agudo no 1º elemento)

Para-choque (grafa-se com o hífen, mas sem o acento agudo no 1º elemento)

Para-brisa (grafa-se com o hífen, mas sem o acento agudo no 1º elemento)

Socioeconômico (grafa-se sem o hífen e sem o acento agudo em “só-”)

Sociopolítico (grafa-se sem o hífen e sem o acento agudo em “só-”)

Boa-fé (grafa-se com o hífen e com o acento agudo)

Má-fé (grafa-se com o hífen e com dois acentos agudos)

Exceção (grafa-se com “xc” e com “ç”)

Excesso (grafa-se com “xc” e com “ss”)

Excessivo (grafa-se com “xc” e com “ss”)

Idiosincrasia (grafa-se com “ss” e com “s”)

Ansioso (grafa-se com “s”, e não com “c”)

Pretensioso (grafa-se com “s”, e não com “c”)

Deslize (grafa-se com “z”, e não com “s”)

Despesa (grafa-se com “s”, e não com “z”)

Sucinto (grafa-se com “c”, e não com “sc”)

Mecha (grafa-se com “ch”, e não com “x”)

Recauchutar (grafa-se com “ch”, e não com “x”)

Maiçena (grafa-se com “s”, e não com “z”)

Jiló (grafa-se com “j”, e não com “g”)

### **7.3 Palavras parecidas na grafia, mas com acepções distintas (paronímia)**

1. VULTOSO: volumoso (Exemplo: *prêmio vultoso*).

VULTUOSO: ruborizado, vermelho (Exemplo: *bochechas vultuosas*).

2. INCIPIENTE (com a letra “c”): principiante, iniciante (Exemplo: *desidratação incipiente*).

INSIPIENTE (com a letra “s”): ignorante (Exemplo: *pessoa insipiente*).

3. EMINENTE (com a letra “e”): nobre, elevado (Exemplo: *professor eminente*).

IMINENTE (com a letra “i”): prestes a acontecer (Exemplo: *data iminente*).

4. SEÇÃO: repartição (Exemplo: *seção do Tribunal*).

SESSÃO: apresentação (Exemplo: *sessão do Júri*).

CESSÃO: ato de ceder (Exemplo: *cessão de direitos*).

5. DISCRIMINAR (com a letra “i”): separar (Exemplo: *discriminar os itens, as pessoas*).

DESCRIMINAR (com a letra “e”): descriminalizar (Exemplo: *discriminar o aborto*).

6. RETIFICAR (com a letra “e”): consertar (Exemplo: *vou retificar a data*).

RATIFICAR (com a letra “a”): confirmar (Exemplo: *ele ratificou a participação no evento*).

7. DISPENSA (com a letra “i”): desobrigação (Exemplo: *dispensa do serviço militar*).

DESPENSA (com a letra “e”): compartimento da casa (Exemplo: *a despensa está repleta*).

#### **7.4 Palavras de dupla prosódia, aceitas pelo VOLP em uma ou outra formas**

Protocolar ou protocolizar

Projétil ou projetil

Xérox ou xerox

Autópsia ou autopsia

Necrópsia ou necropsia

Veredicto ou veredito

Muçarela, muzarela ou mozzarella

Aterrizar ou aterrissar

Pôr do sol ou pôr de sol (sem hífen, mas com o acento no primeiro elemento)

Infarte, enfarte ou enfarto

## 8. Importantes modificações do Acordo Ortográfico

1. **À toa e à toinha** (com a 5ª edição do VOLP, a expressão passou a ser, ao mesmo tempo, *locução adverbial* e locução adjetiva de dois gêneros e dois números: ambas grafadas agora sem o hífen).
2. **Dia a dia** (com a 5ª edição do VOLP, a expressão passou a ser, ao mesmo tempo, *locução adverbial* e substantivo: ambos sem o hífen).



### Artigo 7 A “*queda do circunflexo*” em CREEM, DEEM, LEEM e VEEM

O Acordo Ortográfico determinou a supressão do acento circunflexo nas formas verbais dissílabas terminadas por “-eem”. Antes da medida unificadora, convivíamos com as formas acentuadas “crêem”, “dêem”, “lêem” e “vêem”. Tais palavras, ditas “paroxítonas”, isto é, aquelas cuja sílaba tônica é a penúltima, circulavam por aí com o acento circunflexo – um sinal gráfico dispensável, até certo ponto, em tais palavras. Após o Acordo, tudo mudou: passamos a escrever as formas verbais sem o acento gráfico (“creem”, “deem”, “leem” e “veem”).

No estudo dos verbos, quando conjugávamos os verbos “crer”, “ler” e “ver” na terceira pessoa do plural do *presente do indicativo*, obtínhamos as formas acentuadas:

Eu creio, tu crês, ele crê, nós cremos, vós credes, **eles crêem**.

Eu leio, tu lêes, ele lê, nós lemos, vós ledes, **eles lêem**.

Eu vejo, tu vês, ele vê, nós vemos, vós vedes, **eles vêem**.

Após o acordo, passamos a ter:

Eu creio, tu crês, ele crê, nós cremos, vós credes, **eles creem (sem acento)**.

Eu leio, tu lêes, ele lê, nós lemos, vós ledes, **eles leem (sem acento)**.

Eu vejo, tu vês, ele vê, nós vemos, vós vedes, **eles veem (sem acento)**.

Nesse passo, quando conjugávamos o verbo “dar” na terceira pessoa do plural do *presente do subjuntivo*, obtínhamos a forma acentuada:

(Que) eu dê, (que) tu dês, (que) ele dê,

(que) nós demos, (que) vós deis, **(que) eles dêem**.

Após o acordo, passamos a ter:

(Que) eu dê, (que) tu dês, (que) ele dê,

(que) nós demos, (que) vós deis, **(que) eles deem (sem acento)**.

Curiosamente, deve-se notar que tal regra, após o Acordo Ortográfico, será estendida aos verbos derivados dos acima destacados. Observe:

Se agora escrevemos “**creem**”, deve-se grafar “**descreem**”, ambas sem o acento gráfico;

Se agora escrevemos “**leem**”, deve-se grafar “**releem**”, ambas sem o acento gráfico;

Se agora escrevemos “**veem**”, deve-se grafar “**reveem**”, ambas sem o acento gráfico.

Aliás, por analogia ao verbo “ver”, sobressai o verbo “prover”, na acepção de “suprir, abastecer”, avocando a mesma regra:

Ele provê a casa de alimentos.

Eles **proveem** a casa de alimentos (sem acento).

Recomenda-se, todavia, muita cautela com um verbo similar a “ver”, mas que com este não se confunde: o verbo “vir”. Trata-se de verbo que, ao lado dos seus derivados (*convir, provir* etc.), permaneceu com o chamado *acento diferencial*. Assim, vamos continuar usando “ele vem” / “eles vêm”. Da mesma forma, o acento diferencial permanece incólume nas oxítonas “ele intervém” / “eles intervêm” e “ele convém” / “eles convêm”.

Como forma de memorização, sugiro alguns trechos colhidos da literatura e da música popular brasileira, demonstrando-se a forma que assumiriam se fossem hoje escritos em consonância com a nova regra de acentuação:

**ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Tudo isto é  
enredo grande, /  
e, por todos os  
lados, /  
falsidades se  
**vêem.**”

(Excerto de  
*Romance 52* ou  
*Do Carcereiro* –  
Romanceiro da  
Inconfidência,  
Cecília  
Meireles).

**APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Tudo isto é  
enredo gran  
e, por todos  
lados, /  
falsidades s  
**veem.**”



**ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Via o que é visível, via o que não via / O que a poesia e a profecia não **vêem** mas **vêem, vêem, vêem, vêem, vêem...**”

(“Eu sou neguinha?” – Caetano Veloso).

**APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Via o que é visível, via o que não via / O que a poesia e a profecia não **veem** mas **veem, veem, veem, veem, veem...**”



**ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Eles têm  
certeza do bem  
e do mal / Falam  
com franqueza  
do bem e do mal  
/ **Crêem** na  
existência do  
bem e do mal /  
O florão da  
América, o bem  
e o mal.”  
 (“Eles” –  
Gilberto Gil).

**APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Eles têm  
certeza do bem  
e do mal / Falam  
com franqueza  
do bem e do mal  
/ **Creem** na  
existência do  
bem e do mal /  
O florão da  
América, o  
bem  
e o mal.”



**ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Uns, com os olhos postos no passado, / **Vêem** o que não **vêem**: outros, fitos / Os mesmos olhos no futuro, **vêem** / O que não pode ver-se.”  
(“Uns” – Ricardo Reis – Fernando Pessoa).

**APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Uns, com os olhos postos no passado, / **Veem** o que não **veem**: outros, fitos / Os mesmos olhos no futuro, **v** / O que não pode ver-se

**ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“Dêem-lhe uma espada, constrói um reino; dêem-lhe uma agulha, faz um crochê / **Dêem**-lhe um teclado, faz uma aurora, **dêem**-lhe razão, faz uma briga...!”

(Trecho de Elegia Lírica, retirado de

**APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

“**Deem**-lhe uma espada, constrói um reino; **deem**-lhe uma agulha, faz um crochê / **Deem**-lhe um teclado, faz uma aurora, **deem**-lhe razão, faz uma briga..”

Retirado de  
*Antologia  
Poética, Vinicius  
de Moraes).*

Da mesma forma, seguem alguns testes de concursos e vestibulares, demonstrando-se a forma que assumiriam se fossem hoje solicitados em consonância com a nova regra de acentuação:

**CORRETO,  
ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

**(Notário  
Registro Civil –  
MG/2005)** “Os  
cidadãos vêm  
procurar o  
Notário e o

**CORRETO  
APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

(Notário Re  
Civil – MG/2005)  
“Os cidadãos  
vêm procura  
Notário e o  
Registrador

Registrador  
porque **crêem**  
na prestância  
deles e mantêm  
a certeza de  
receber  
orientação de  
profissionais  
qualificados.”

porque **creem**  
na prestância  
deles e mantêm  
a certeza de  
receber  
orientação de  
profissionais  
qualificados

**CORRETO,  
ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

**(CESGRANRIO)**

Ele **vê** / eles  
**vêm** / Que ele  
**dê** / Que eles  
**dêem**.

**CORRETO  
APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

**(CESGRANRIO)**

Ele **vê** / eles  
**veem** / Que  
**dê** / Que eles  
**deem**.

**CORRETO,  
ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

**(ESAF)** Por favor, **dêem**-lhe uma nova chance.

**CORRETO,  
APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

Por favor, **deem**-lhe uma nova chance.

**CORRETO,  
ANTES DO  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

**(FGV-RJ)**  
Nestes  
momentos os  
teóricos **revêem**  
os conceitos. /  
Eles **provêem** a  
casa do  
necessário.

**CORRETO  
APÓS O  
ACORDO  
ORTOGRÁFICO**

Nestes  
momentos os  
teóricos **revisam**  
os conceitos.  
Eles **proveem**  
a casa do  
necessário.

CORRETO, ANTES DO ACORDO ORTOGRÁFICO	CORRETO APÓS O ACORDO ORTOGRÁFICO
<p><b>(OSEC)</b> O plural de <i>tem</i>, <i>dê</i>, <i>vê</i>; é, respectivamente, <b>têm</b>, <b>dêem</b>, <b>vêem</b>.</p>	<p>O plural de <i>dê</i>, <i>vê</i>; é, respectivamente, <b>têm</b>, <b>deem</b>, <b>veem</b>.</p>

Diante do exposto, tem-se notado que os falantes veem as novidades trazidas pelo Acordo Ortográfico, leem as manchetes escritas “de acordo com o Acordo”, mas não creem no alcance delas. É vital que deem atenção à nova regra. Por essa razão, tenho dito, valendo-me do trocadilho: “*Se apenas creem quando veem, espera-se que deem atenção ao que ora leem*”. Boa sorte a todos!



#### **Artigo 8 As dez estranhezas do Acordo Ortográfico**

As aulas de *ortografia* e *acentuação* não são as mesmas. Antes do Acordo Ortográfico, todos – professores e alunos – entravam “em acordo”.

Agora, estes últimos, diante das regras que são expostas em sala de aula, mostram-se apreensivos, desconfiados e, o que é pior, mais resistentes à aprendizagem da “última flor do Lácio”.

Diante desse cenário desafiador, cabe a nós, professores, convencê-los de que as estranhezas do Acordo Ortográfico “podem” se tornar algo corriqueiro. A bem da verdade, “deverão” assim se tornar, uma vez que não nos restaram alternativas: a partir de 1º de janeiro de 2013, o “estranho” passará a ser oficial.

Em razão disso tudo, tenho sugerido em sala de aula uma espécie de “gincana”: a escolha pelos alunos das “dez mais” do Acordo. A expressão “dez mais” significa aquele rol de palavras modificadas que têm provocado maior grau de espanto; que tem levado o usuário a questionar “será mesmo?”; que o tem instado, em suma, a duvidar de que tudo aquilo possa ser verdade...

Deixei os alunos opinarem, o que para nós, professores, é muito importante. É claro que o recurso pedagógico tem um bom propósito: tornar mais “leve”, com a dose certa de comicidade, o que tem se mostrado duro... “de roer”: a nova ortografia imposta pela Academia Brasileira de Letras (ABL).

Aproveito este momento para revelar o resultado que obtive, na última semana, em uma sala de aula de concursandos. Segue adiante a curiosa classificação, em ordem decrescente, conforme consegui apurar:

<b>10º LUGAR</b>	
<b>O QUE ERA...</b>	<b>O QUE PASSA A SER...</b>
<b>MICROONDAS</b>	<b>MICRO-</b>

**COMENTÁRIO:** antes do Acordo, escrevia-se “microondas”, sem o hífen. Este sinalzinho apareceu para evitar “a briga” das duas vogais, separando-as, mas tem provocado maior confusão em sala de aula. Agora se escreve com hífen (MICRO-ONDAS) (1). O mesmo fenômeno ocorreu com o ultrapassado “microônibus”, que agora cede passo à forma

hifenizada “micro-ônibus”  
(2).

**REFERÊNCIA:**

(1) LETRAS, Academia Brasileira de.

*Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed.,

São Paulo: Global, 2009, p. 549.

(2) LETRAS, Academia Brasileira de.

*Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed.,

São Paulo: Global, 2009, p. 549.

## 9º LUGAR

O QUE  
ERA...O QUE  
PASSA A  
SER...*ELE PÁRA  
PARA  
VER.**ELE  
PARA  
PARA  
VER.*

**COMENTÁRIO:** no campo do acento diferencial, não mais se distingue a forma verbal “PARA” – antes, com o acento agudo –

da preposição  
“PARA”. Agora ambas  
as formas são  
grafadas da mesma  
forma, sem o acento  
agudo que as  
diferenciava. Cabe ao  
usuário perceber, por  
conta própria, a função  
sintática dos termos e  
distingui-los. Que  
desafio! Perceba o  
exotismo da forma “ele  
para para ver”! Será  
que vai pegar?  
Preferimos “pagar pra  
ver”...

## 8º LUGAR

**O QUE  
ERA...**

**O QUE  
PASSA A  
SER...**

*AUTO-  
ESCOLA*

*AUTOESCOLA*

**COMENTÁRIO:** quem quer aprender a dirigir veículos, deve agora “se guiar” bem... Não mais há hífen para

**AUTOESCOLA (1).**

Tenho recomendado: “tire a carteira” na autoescola e aproveite para também

“tirar o hífen”...

O mesmo raciocínio se estende para  
INFRAESTRUTURA (2):  
antes, grafada com hífen,  
mas agora grafada dessa  
forma.

## **REFERÊNCIA:**

(1) LETRAS, Academia Brasileira de.

*Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed.,

São Paulo: Global, 2009, p. 92.

(2) LETRAS, Academia Brasileira de

BRASILIANA DE.

*Vocabulário ortográfico  
da língua portuguesa. 5.*

*ed.,*

São Paulo: Global, 2009,  
p. 457.

## 7º LUGAR

**O QUE  
ERA...**

**O QUE PASSA  
A SER...**

*PÁRA-  
QUEDAS*

*PARAQUEDAS*

**COMENTÁRIO:** a  
curiosidade mostra sua  
força em PARAQUEDAS.  
Antes do Acordo,

escrevia-se com o acento agudo no primeiro elemento (“pára-”) e com hífen (“pára-quedas”). Agora devemos suprimir o acento e unir tudo em PARAQUEDAS (1). O problema é que isso não vale para outras situações análogas, o que seria razoável: o “pára-lama”, o “pára-choque” e o “pára-brisa” de ontem perderam o acento no primeiro elemento, mas mantiveram o hífen em PARA-LAMA (2), PARA-CHOQUE (3) e PARA

CHOQUE (3) e PARA-  
BRISA (4). Quanta  
uniformidade, hein?

## **REFERÊNCIA:**

(1) LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 620.

(2) LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 619.

(3) LETRAS, Academia

Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 618.

(4) LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 618.

## 6º LUGAR

**O QUE  
ERA...**

**O QUE  
PASSA A  
SER...**

ANTI

ANTISSOCIAL

**ANTI-  
SOCIAL**

**ANTISSOCIAL**

**COMENTÁRIO:** o hífen existia antes do Acordo no prefixo *anti-* quando a palavra posterior iniciava-se por -h, -r ou -s. Assim, escrevia-se “anti-social”, para indicar os seres arredios de contatos sociais.

A nosso ver, tais pessoas, geralmente “estranhas”, ficarão bem mais esquisitas com a forma

ANTI SOCIAL (1)

ANTISSOCIAL (1)...  
Você não acha?

**REFERÊNCIA:**

(1) LETRAS, Academia Brasileira de.

*Vocabulário ortográfico da língua portuguesa.*

5. ed.,

São Paulo: Global,  
2009, p. 65.

**5º LUGAR**

**O QUE  
ERA...**

**O QUE PASSA A  
SER...**

**CONTRA-  
RAZÕES**

**CONTRARRAZÃO**

**COMENTÁRIO:** o hífen existia antes do Acordo no prefixo *contra-* quando a palavra posterior iniciava-se por -h, -r, s ou vogal. Assim, escrevia-se “contra-razões”, ainda que se tratasse de um neológico termo jurídico, não aceito pela Academia Brasileira de Letras no Vocabulário Ortográfico de Língua Portuguesa (4ª edição). Antes preocupávamos com o prazo delas, no ambiente forense; agora, devemos prestar atenção ao prazo e também à grafia: recomenda-se escrever

CONTRARRAZÕES (1), sem hífen e com a duplicação da letra -r.

O mesmo raciocínio se estende a outros prefixos, quando antecederem as letras -s e -r. Portanto, agora se escreve semissoberania e semisselvagem (1), arquirrival (2), contrarregra e contrassenso (3), ultrassom (4), entre outros casos.

---

## **REFERÊNCIA:**

(1) LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* 5 ed

portuguesa. 5. ed.,  
São Paulo: Global, 2009, p.  
749.

**(2)** LETRAS, Academia  
Brasileira de. *Vocabulário  
ortográfico da língua  
portuguesa*. 5. ed.,  
São Paulo: Global, 2009, p. 78

**(3)** LETRAS, Academia  
Brasileira de. *Vocabulário  
ortográfico da língua  
portuguesa*. 5. ed.,  
São Paulo: Global, 2009, p.  
215.

**(4)** LETRAS, Academia  
Brasileira de. *Vocabulário  
ortográfico da língua  
portuguesa*. 5. ed.,

São Paulo: Global, 2009, p. 823.

<b>4º LUGAR</b>	
<b>O QUE ERA...</b>	<b>O QUE PASSA A SER...</b>
<i>CO-AUTOR e CO-AUTORA</i>	<i>COAUTOR e COAUTORA</i>
<b>COMENTÁRIO:</b> as lides agora deverão ter “mais unidos” os integrantes do mesmo lado da relação	

...do da relação  
jurídico-processual...  
Escrevem-se, sem  
hífen, COAUTOR e  
COAUTORA (1). Os  
operadores do Direito  
devem procurar se  
acostumar às formas,  
em plena “coautoria de  
esforço” para a  
assimilação da  
novidade...

## **REFERÊNCIA:**

(1) LETRAS, Academia  
Brasileira de.

*Vocabulário*

*ortográfico da língua*

*portuguesa*, 5. ed.

portuguesa. 3. ed.,  
São Paulo: Global,  
2009, p. 199.

### 3º LUGAR

**O QUE ERA...**

**O QUE PAS  
SER...**

*CO-  
RESPONSÁVEL*

*CORRESPO*

**COMENTÁRIO:** aqui aparece “medalha de bronze”. Este é o caso de supressão do hífen, com lugar a um termo de grafia por estética: CORRESPONSÁVEL na mesma linha, seguem os termos relacionados: responsabilid

corresponsabilizar,  
corresponsabilizante e  
corresponsabilizável (2).

## **REFERÊNCIA:**

(1) LETRAS, Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed.,

São Paulo: Global, 2009, p. 21.

(2) LETRAS, Academia Brasileira de Letras. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed.,

São Paulo: Global, 2009, p. 21.

## **2º LUGAR**

**O QUE**

**FRA...**

**O QUE**

**PASSA A**

	<b>SER...</b>
<i>CO- HERDEIRO</i>	<i>COERDEIRO</i>

**COMENTÁRIO:** os alunos escolheram a forma *COERDEIRO*, agora escrita sem o hífen e sem o -h, como a novidade merecedora da “medalha de prata” do exotismo... Tenho sugerido um macete: esquecendo-se da grafia imposta pela ABL, pense naquele carneirinho novo e tenro,

chamado “cordeiro”. Basta escrever este nome e inserir a vogal -e entre as letras -o e -r! Descobrirá a forma recomendada: COERDEIRO (1). Que estranha “herança” o novo Acordo nos deixou... No entanto, há que se ressaltar que o Dicionário Houaiss ainda admite a forma “co-herdeiro”.

## **REFERÊNCIA:**

(1) LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed..

Perseguição e...  
São Paulo: Global, 2009,  
p. 201.

## 1º LUGAR

**O QUE  
ERA...**

**O QUE  
PASSA A  
SER...**

*CO-RÉU e  
CO-RÉ*

*CORRÉU  
e CORRÉ*

**COMENTÁRIO:** e,  
como “medalha de  
ouro”, houve uma  
unanimidade na  
escolha do termo mais  
extravagante. Todos

escolheram as novas formas CORRÉU (1) e CORRÉ (2). De tão diferentes, dispensam comentários.

Merecem, sim, que se dê “tempo ao tempo”, a fim de que o operador do Direito possa acreditar que terá mesmo que as utilizar na lide.

Paciência... Aliás, os latinos já diziam: “*Com tempo e perseverança, tudo se alcança*”.

## **REFERENCIA:**

**(1) LETRAS,**  
Academia Brasileira  
de. *Vocabulário  
ortográfico da língua  
portuguesa*. 5. ed.,  
São Paulo: Global,  
2009, p. 222.

**(2) LETRAS,**  
Academia Brasileira  
de. *Vocabulário  
ortográfico da língua  
portuguesa*. 5. ed.,  
São Paulo: Global,  
2009, p. 221.

estamos assumindo em sala de aula para continuar a demonstrar que Olavo Bilac tinha razão: nossa língua, apesar de “inculta”, continua a ser bela...



### **Artigo 9 Os escarcéus dos réus revelés**

O título do presente artigo é provocativo: qual será o plural da expressão “*escarcéu do réu revel*”?

Mais uma vez, o problema da acentuação vem à tona. Para solucionarmos a questão, devemos lembrar o conceito de palavras “oxítonas” e “monossílabas”.

As *palavras oxítonas* são aquelas cuja sílaba tônica é a última:

1. *Mural* (Mu-ral): a sílaba tônica é “-ral”, portanto, a palavra é oxítona (não acentuada graficamente);
2. *Caju* (Ca-ju): a sílaba tônica é “-ju”, portanto, a palavra é oxítona (não acentuada graficamente);
3. *Cajá* (Ca-já): a sílaba tônica é “-já”, portanto, a palavra é oxítona, recebendo o acento agudo em razão da terminação em “-a”. Da mesma forma, acentuam-se *Pará*, *Paraná*, *gravatá* e outras.

Por sua vez, os *vocábulo monossílabos* são aqueles que contêm apenas uma sílaba:

1. *Mal*: a palavra é monossilábica (não acentuada graficamente).
2. *Pé*: a palavra é monossilábica, recebendo o acento agudo em razão da terminação em “-e”. Da mesma forma, acentuam-se *fê*, *ré* (feminino de *réu*) e outras.
3. *Céu*: a palavra é monossilábica, recebendo o acento agudo em razão da presença do ditongo aberto “-éu”. Da mesma forma, acentua-se *réu* e outras.

Os exemplos acima permitem, de um lado, que associemos as palavras “*revel*” e “*escarcéu*”, sem grande dificuldade, ao conjunto das *oxítonas*. A primeira (*revel*), como uma oxítona não acentuada; a segunda (*escarcéu*), como uma palavra que atrai o acento agudo em virtude da presença do ditongo aberto “-éu”, à semelhança de *trofêu*, *chapêu* etc. De outra banda, quanto à palavra “*réu*”, temos um nítido monossílabo, acentuado pela própria presença do ditongo aberto.

O problema é que, mesmo diante dessas orientações iniciais, não

conseguimos ainda decifrar o enigma que nos foi posto: **a expressão “escarcéus dos réus revéis” é vernácula?**

De fato, ainda que saibamos que os termos “escarcéu” e “revel” se ligam à categoria das *oxítonas*, enquanto “réu” se mostra como *palavra monossilábica*, percebemos que o problema está, verdadeiramente, na pluralização delas. E é sobre isso que falaremos agora.

A gramática normativa impõe que devemos acrescentar o “-s” final quando a oxítona terminar por **éu**:

**Chapéu – Chapéus**

**Troféu – Troféus**

**Ilhéu – Ilhéus**

Nesse passo, conclui-se que o plural de “escarcéu” será **ESCARCÉUS**.

A título de complemento, destaque-se que a mesma regra – a do acréscimo do “-s” final – deverá ser aplicada aos monossílabos que apresentem o referido ditongo aberto **éu**: **céu** (*céus*), **véu** (*véus*) e, finalmente, **réu** (*réus*). Portanto, para o singular “réu”, teremos o plural **RÉUS**.

O problema é que, se tudo parece simples, poderemos nos enganar diante de certas encruzilhadas da acentuação.

Veja que a mesma oxítona, quando vier com a terminação em **el**, fará com que este se transforme no plural em “éis”:

**Fiel – Fiéis**

**Papel – Papéis**

**Anel – Anéis**

Diante disso, temos a solução do plural de “revel”: **REVEIS**.

Embora a dúvida já se mostre solucionada, uma vez que conseguimos descobrir o plural das três palavras pesquisadas – escarcéu (*escarcéus*), réu (*réus*) e revel (*revéis*) –, a verdade é que o tema ainda apresenta detalhes curiosos.

É que, se estivermos diante da tal terminação (**el**), porém a palavra for uma *paroxítona* – aquela em que a sílaba tônica é a penúltima –, a história mudará: o plural será na forma “eis”, agora, sem o acentoônico. Exemplos:

## **Túnel – Túneis**

## **Possível – Possíveis**

Assim, já temos condições plenas de treinar o aprendizado:

1. Se digo, no singular, “chapéu do fiel”, direi, no plural, “*chapéus dos fiéis*”;
2. Se digo, no singular, “troféu com papel”, direi, no plural, “*troféus com papéis*”;
3. Se digo, no singular, “ilhéu com anel”, direi, no plural, “*ilhéus com anéis*”;
4. Se digo, no singular, “o réu viu o céu”, direi, no plural, “*os réus viram os céus*”.

A propósito, levando-se em conta que os dicionários conceituam “escarcéu” como *algazarra*, *bagunça*, *alarido*, tome cuidado com o plural de certas palavras, sob pena de o “escarcéu” não ser apenas do réu revel...

## Capítulo 5



### Acentuação

O recente Acordo Ortográfico, de 1990, assinado por oito países de Língua Portuguesa – Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste –, entrou em vigor no Brasil a partir de 2009, ainda que sua adoção venha a ser obrigatória somente a partir de 2013. O Acordo foi idealizado com a finalidade de unificar a escrita do *Português* e simplificar as suas regras ortográficas, na tentativa de aumentar o prestígio internacional do idioma.

Com as mudanças introduzidas pelo Acordo Ortográfico, a temática da acentuação tornou-se relevante para todos aqueles que querem empregar com acerto os acentos gráficos nas palavras. Sabe-se que, com a reforma ortográfica, alguns acentos caíram, mas vários outros permaneceram. Assim, pode-se dizer, sem receio de errar, que pouca coisa mudou neste capítulo da gramática normativa. Dessa forma, é recomendável que se deixe de lado o medo da matéria e, até mesmo, das pontuais modificações trazidas pela reforma ortográfica, a fim de que o tema seja assimilado tranquilamente e definitivamente.

Para o bom aprendizado das regras de acentuação, é necessário, em primeiro lugar, lembrar alguns conceitos. Vamos a eles:



**Sílabas tônicas** – a sílaba tônica é aquela proferida com maior intensidade. Pode receber o *acento gráfico* ou, simplesmente, o *acento tônico*.



**Acento gráfico** – o acento gráfico existe em algumas palavras e será usado de acordo com as regras de acentuação. Mostra-se “agudo” em certos casos; “circunflexo”, em outros: *saida*, *miriade*, *pêssego*.



**Acento tônico** – o acento tônico, também denominado acento prosódico, é apenas o acento da fala, marcando a maior intensidade na pronúncia da palavra e relacionando-se tão somente com o som: *mesa*, *cadeira*, *porta*. Nota-se que nessas palavras não há acentos gráficos (agudo ou circunflexo), mas apenas uma marcação sonora em dada sílaba (me-sa, ca-dei-ra, por-ta).

Em segundo lugar, é importante também lembrar a classificação dos

vocábulo quanto ao *número de sílabas*. Temos, assim, as palavras:

- ◆ **Monossílabas** – são aquelas formadas por apenas uma sílaba: *pé, pó, dó*.
- ◆ **Dissílabas** – são aquelas formadas por duas sílabas: *pele, pato, dolo*.
- ◆ **Trissílabas** – são aquelas formadas por três sílabas: *pelada, poleiro, doloso*.
- ◆ **Polissílabas** – são aquelas formadas por quatro ou mais sílabas: *metálico, metamorfose, relâmpago*.

As palavras também podem ser classificadas de acordo com a *posição da sílaba tônica*. Assim, temos as palavras:

- ◆ **Oxítonas** (ou Agudas) – são aquelas em que a sílaba tônica é a última: *café, cipó, amor*.

**IMPORTANTE:** a tonicidade da sílaba não tem nada a ver com o acento gráfico. Isso porque a palavra pode receber o acento gráfico (*café, cipó*) ou o acento tônico (*amor*). Em ambos os casos, teremos palavras oxítonas.



**Paroxítonas** (ou Graves) – são aquelas em que a sílaba tônica é a penúltima: *caráter, colégio, cabeça*. Veja que nesta última palavra

(cabeça) o acento é apenas tônico (ou prosódico).



**Proparoxítonas** (ou Esdrúxulas) – são aquelas em que a sílaba tônica é a antepenúltima: *médico, relâmpago, cátedra*.

## 1. Regras gerais de acentuação gráfica

### 1.1 Monossílabos

Os vocábulos monossílabos recebem o acento gráfico se terminarem por:



**a(s):** *pá, pás;*



**e(s):** *pé, pés, fé;*



**o(s):** *pó, pós, ele pôs.*

**CUIDADO:** OS  
monossílabos  
terminados por **-i** ou  
**-u** não recebem o  
acento gráfico.

### 1.2 Oxítonas

Os vocábulos oxítonos recebem o acento gráfico se terminarem por:



**a(s):** *Pará, vatapá(s);*



**e(s):** *café(s), você;*



**o(s):** *cipó(s), vovó(s);*

e por:



**em** ou **ens:** *desdém, armazém, vinténs, parabéns.*

**CUIDADO:** as  
oxítonas terminadas  
p o r **-i** ou **-u** não  
recebem o acento  
gráfico: *caqui,*  
*bambu,* *urubu,*  
*puni-la, cumpri-la.*

### 1.3 Paroxítonas

Os vocábulos paroxítonos recebem o acento gráfico se terminarem por:



**r:** *caráter, revólver, mártir;*



**x:** *tórax, fênix, xérox;*

- ◆ **l:** *fácil, inexorável (/z/), projétil;*
- ◆ **i(s):** *táxi(s), júri(s), biquíni(s), safári(s), ravióli(s);*
- ◆ **is:** *tênis, lápis, Clóvis;*
- ◆ **us:** *vírus, bônus, ônus;*
- ◆ **um(ns):** *álbum(ns), quórum(ns), fórum(ns);*
- ◆ **ão(s):** *órfão(s), órgão(s);*
- ◆ **ã(s):** *órfã(s), imã(s);*
- ◆ **ps:** *bíceps, fórceps;*
- ◆ **n:** *hífen, pólen, Éden.*

**CUIDADO:** as  
paroxítonas  
terminadas por **-ns**  
(*hifens, polens,*  
*edens, itens*) e  
aquelas terminadas  
p o r **-m** não  
recebem o acento  
gráfico (*item*).

#### **1.4 Proparoxítonas**

Todos os vocábulos proparoxítonos recebem o acento gráfico, em caráter obrigatório: *pêssego, árvore, álcool, relâmpago*.

#### **2. Casos específicos**

##### **2.1 O caso dos hiatos**

As vogais **-i** ou **-u**, seguidas ou não de **-s**, recebem o acento gráfico quando formam hiato com a vogal anterior. No plano conceitual, ocorre o *hiato* quando as vogais mencionadas ficam isoladas na sílaba, após a separação.

- ◆ *Saida: sa-i-da*
- ◆ *Baú: ba-ú*
- ◆ *Balaústre: ba-la-ús-tre*
- ◆ *Juízes: ju-i-zes*
- ◆ *Prejuízo: pre-ju-i-zo*
- ◆ *Faisca: fa-ís-ca*
- ◆ *Luí: Lu-ís*
- ◆ *País: pa-ís*
- ◆ *Piauí: Pi-au-i.*

**CUIDADO:** após a reforma ortográfica, o acento agudo desapareceu apenas nas situações em que as mencionadas vogais formam hiato

com um ditongo anterior: *fei-u-ra* (ditongo anterior “ei”, na sílaba “fei-”); *bo-cai-u-va* (ditongo anterior “ai”, na sílaba “cai-”); *bai-u-ca* (ditongo anterior “ai”, na sílaba “bai-”). Antes do Acordo, grafavam-se “feiúra”, “bocaiúva” e “baiúca”, todas com

o acento agudo na letra “ú”. Agora o acento desapareceu.

Portanto, a acentuação dos hiatos não sofreu total modificação com o Acordo, exceto no caso dos ditongos ocorridos na sílaba anterior, conforme se explicou.

## 2.2 O caso dos ditongos

As paroxítonas terminadas por ditongo, sendo este seguido ou não de -s, recebem o acento gráfico. No plano conceitual, ocorre o *ditongo* quando há o encontro de uma vogal e uma semivogal na mesma sílaba.

- ◆ cárie: *cá-rie* (ditongo -ie);
- ◆ tênue: *tê-nue* (ditongo -ue);
- ◆ estágio: *es-tá-gio* (ditongo -io).

**ATENÇÃO:** sempre se acentuaram os ditongos abertos, orais e tônicos **-éu**, **-éi** e **-ói**, nas oxítonas, nas paroxítonas e nos monossílabos: *céu*, *chapéu*, *idéia*,

*assembléia,*  
*paranóia, Coréia,*  
*odisséia, heróico,*  
*herói, destrói,*  
*anzóis, pastéis,*  
*réis, réus.*

Entretanto, após o Acordo, o acento gráfico permaneceu nos monossílabos formados por esses ditongos abertos (*céu, réis, réus, dói, mói, rói*) e nas oxítonas (*herói,*

*chapéu, destrói,  
anzóis, pastéis),*  
porém desapareceu  
nas paroxítonas  
terminadas por  
esses ditongos.  
Assim, deverão ser  
grafadas sem o  
acento gráfico:  
*ideia, assembleia,  
heroico, paranoia,  
Coreia, odisseia.*

### **2.3 O caso do trema**

Com o Acordo Ortográfico, o trema desapareceu. Sua utilização se dava

nos grupos **-güe, -güi, -qüe, -qüi**, quando o **-u** se mostrava átono. Dessa forma, palavras como *frequência, consequência, quinquênio, arguir, bilingue*, que antes recebiam o trema, agora não mais serão com ele grafadas. Entretanto, não se deu alteração na pronúncia dos grupos descritos: devemos continuar falando, com o **-u** átono, como se as palavras tivessem o antigo trema.

#### **2.4 O caso da supressão do acento agudo no -u tônico de formas verbais de ARGUIR, AVERIGUAR, entre outros verbos similares**

Antes do Acordo, quando o “u” se mostrava tônico nos grupos **-gue, -gui, -que, -qui**, vindo seguido de **-e** ou **-i**, abria-se espaço para o acento agudo, em certos verbos. Exemplos: “ele argúí”; “tu argúís”; “eles argúem”; “que ele averigúe”; “que eles averigúem”. Todavia, após o Acordo, o acento caiu. Assim, agora se deve escrever, sem o acento agudo, “ele arguí”; “tu arguis”; “eles arguem”. Quanto ao verbo “averiguar”, a regra é a mesma, porém a reforma ortográfica trouxe dupla possibilidade de pronúncia: “que ele averigue” (gu-e, sem acento) ou “que ele averigue” (ri-gue, com acento); “que eles averiguem” (gu-em, sem acento) ou “que eles averiguem” (ri-guem, com acento).

#### **2.5 O caso do acento diferencial em PÁRA (com acento) e PARA (sem acento)**

No campo do acento diferencial, não mais se distingue a forma verbal “PARA” (antes, com o acento agudo) da preposição “PARA” (desde sempre, sem o acento agudo). Agora ambas as formas são grafadas do mesmo modo, sem o acento gráfico que as diferenciava, escrevendo-se “*Ele PARA na faixa de pedestre*” (aqui, o verbo, agora sem acento) e “*Ele luta PARA vencer*” (aqui, a preposição, sempre sem acento). Cabe ao leitor/ouvinte – é claro – perceber a função sintática dos termos e distingui-los.

**IMPORTANTE:** a  
mesma supressão  
do acento

diferencial se notou nos seguintes casos:

- ◆ **PÊLO** (com acento circunflexo, na acepção de “penugem”) e **PELO** (sem acento, como uma preposição): após o Acordo, deve-se grafar em quaisquer contextos a forma sem o acento

gráfico (**PELO**).

- ◆ **PÔLO** (com acento circunflexo, na acepção de “ave”) e **PÓLO** (com acento agudo, indicando tanto a “extremidade de algo” como a “prática esportiva”): após o Acordo, deve-se grafar em quaisquer contextos a forma

sem o acento  
gráfico (**POLO**).

## **2.6 O caso da permanência do acento diferencial em PÔR (com acento circunflexo) e POR (sem acento)**

O acento diferencial permaneceu em PÔR (verbo) e POR (preposição). Daí continuarmos escrevendo, com correção, “*Vou PÔR as mãos nesse canalha!*” e “*Luto POR você*”. Curiosamente, a partir desse dado, constata-se que a palavra “PÔR-DO-SOL” permaneceu com o acento circunflexo no primeiro elemento “pôr”, uma vez que ele designa uma substantivação do verbo, todavia é bom enfatizar que a reforma ortográfica suprimiu os hifens (ou hífenes) que separavam os elementos. Portanto, após o Acordo, vamos grafar PÔR DO SOL (ou PÔR DE SOL), ambas continuando com o acento circunflexo, mas sem os hifens.

**IMPORTANTE:**

idêntica

permanência do

acentos diferencial

se notou em dois

casos:

CASOS.

◆ **Primeiro caso:**

nas formas verbais PÔDE (com acento circunflexo) e PODE (sem acento). A forma acentuada indica o tempo *pretérito perfeito do indicativo*, enquanto a forma não acentuada designa o tempo *presente do*

*presente* ao *indicativo*, ambas na terceira pessoa do singular do verbo “poder”. Exemplos: “*Ele PÔDE ontem*” e “*Ele PODE hoje*”. Este é mais um caso que não sofreu alteração com o Acordo.

◆ **Segundo caso:** nas formas verbais TÊM (com

acento circunflexo) e TEM (sem acento). As duas formas referem-se ao tempo *presente do indicativo* do verbo “ter”, porém a forma acentuada indica a flexão na terceira pessoa do plural, enquanto a forma não acentuada demarca a conjugação na

terceira pessoa do singular.

Exemplos: “*Eles TÊM poder*” e “*Ele TEM poder*”. Este é mais um caso que não sofreu alteração com o Acordo.

### **2.7 O caso da supressão do acento circunflexo em certas formas dos verbos CRER, DAR, LER e VER**

O Acordo Ortográfico determinou a supressão do acento circunflexo nas formas verbais dissílabas terminadas por **-êem**. Antes da medida unificadora, convivíamos com as formas acentuadas “crêem”, “dêem”, “lêem” e “vêem”. Tais palavras, ditas “paroxítonas”, circulavam por aí com o acento circunflexo. Após o Acordo, tudo mudou: passamos a escrever as formas verbais sem o acento gráfico (*creem, deem, leem e veem*).

Deve-se notar que tal regra, após o Acordo Ortográfico, será estendida aos verbos derivados dos destacados, quais sejam, *descreem, releem e reveem*, igualmente grafados sem o acento circunflexo. Aliás, em analogia com o verbo

“ver”, destaca-se o verbo “prover”, na acepção de “suprir, abastecer”, avocando a mesma regra. Exemplo: *Eles PROVEEM a casa de alimentos.*

## **CUIDADO:**

recomenda-se,  
todavia, muita  
cautela com um  
verbo similar a  
“ver”, mas que com  
este não se  
confunde – o verbo  
“vir”. Trata-se de  
verbo que, ao lado  
dos seus derivados  
(*convir, provir* etc.),  
permaneceu com o

chamado acento diferencial. Assim, vamos continuar usando “ele vem” (sem acento) / “eles vêm” (com acento circunflexo). Da mesma forma, o acento diferencial permanece inalterado nas oxítonas “ele intervém” (com acento agudo) / “eles intervêm”

(com acento circunflexo) e, ainda, em “ele convém” (com acento agudo) / “eles convêm” (com acento circunflexo).

### **2.8 O caso da supressão do acento circunflexo nas paroxítonas terminadas em “o” duplo**

O Acordo Ortográfico determinou a supressão do acento circunflexo nas paroxítonas formadas pelo hiato -**ôo**. Antes do Acordo, escreviam-se, com o acento no penúltimo “o” do hiato **ôo(s)**, as palavras “vôo(s)”, “enjoô(s)”, “abençôo”, “ressôo” e “corôo”. Após o Acordo, este acento também caiu: passamos a escrever os vocábulos sem o acento gráfico (*voo*, *abenço*, *enjo*, *ressoo* e *coroo*).



#### **Artigo 10 As “encruzilhadas” do Acordo**

**Ortográfico (Autópsia/necrópsia ou autopsia/necropsia?**

**Tão-somente ou tão somente? Dia-a-dia ou dia a dia? À-toa ou à toa?)**

A 5ª edição do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), lançado pela Academia Brasileira de Letras (ABL), em março de 2009,

provocou importantes modificações na grafia de certos termos.

Neste artigo, serão expostas as alterações nos vocábulos e expressões que constam do título em epígrafe. Vamos a elas:

### 1. Qual a forma correta: “autópsia” ou “autopsia”? E quanto à outra: “necrópsia” ou “necropsia”?

A acentuação do substantivo feminino “autópsia” sempre gerou grande polêmica: seria “autópsia”, com acento agudo e sílaba tônica em “-tóp” (au-tóp-sia: paroxítona acentuada, com terminação por ditongo) ou “autopsia”, sem acento agudo, na forma polissílaba (au-top-si-a: paroxítona, não acentuada graficamente)?

A par da discussão, a propósito, outro termo designativo do exame cadavérico – necrópsia (ou seria necropsia?) – sempre se mostrou propenso a gerar dúvidas nos falantes.

Já tive oportunidade de escrever aos amigos leitores sobre este tema. Entendo pertinente retomá-lo, uma vez que a nova edição do VOLP trouxe interessante possibilidade. Vamos recordar:

A trilha da lexicografia do Aurélio registrava, antes do Acordo, “autopsia” ou “autópsia”. Para o Houaiss, entretanto, a única forma aceitável seria “autópsia”, com acento agudo. O VOLP (4ª edição, de 2004) abonava esse último entendimento.

Não é demasiado ressaltar que, à luz da etimologia, são eles termos insuficientes e inadequados para exprimirem o exame médico-legal, pois indicam o “ato de ver a si próprio”, o que não ocorre de fato. Essa é a razão pela qual sempre recomendei a forma “necropsia” (ne-crop-si-a: sem acento, para o VOLP/2004 e dicionários em geral). O outro termo – “necrópsia” – não era vernáculo.

Diante desse quadro, seguindo a indicação da Academia Brasileira de Letras, recomendava em sala de aula que se adotasse a grafia oficial: **autópsia** ou **necropsia**, com preferência para esta última.

Ocorre que a 5ª edição do VOLP, publicada em março de 2009, chancelou também as formas que até então não eram aceitas pela ABL: *autopsia* e *necrópsia*. Dessa forma, os substantivos femininos passaram a ser “de dupla prosódia”: *autópsia* ou *autopsia* e *necrópsia* ou *necropsia*.

Portanto, ao se fazer menção ao exame médico-legal, que implica a

visão pormenorizada do morto, podem ser utilizadas, na dupla prosódia, “autópsia e autopsia”\* ou “necrópsia e necropsia”\*\*.

\* LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 93.

\*\* LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 577.

## 2. Q ual a forma correta: “tão-somente” ou “tão somente”?

Até o início da vigência do recente Acordo Ortográfico, admitia-se a forma hifenizada, para indicar o advérbio: “tão-somente”. Como sinônima, aparecia a outra expressão, igualmente com hífen, “tão-só”.

Com a 5ª edição do VOLP, as duas formas adverbializadas perderam o hífen, passando a ser **tão somente** e **tão só**\*.

\* LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 781.

## 3. Q ual a forma correta: “dia-a-dia” ou “dia a dia”?

Antes do Acordo, as duas formas eram vernáculas. A primeira (“dia-a-dia”), com hífen, indicava o substantivo masculino (“*O dia-a-dia do atleta é disciplinado*”). A outra expressão – “dia a dia” (sem hífen) – representava a locução adverbial, sinônima de “diariamente” (“*O atleta se esforça dia a dia*”). Aliás, não raras vezes, o uso inadequado das expressões se dava, aqui e acolá, exteriorizando o pouco cuidado do escritor com a ortografia.

Com o Acordo Ortográfico, passamos a ter, com exclusivismo, a expressão **dia a dia**\*, sem hífen e válida para as duas possibilidades morfológicas (substantivo e locução adverbial).

\* LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 280.

## 4. Q ual a forma correta: “à-toa” ou “à toa”?

À semelhança do confronto “dia-a-dia *versus* dia a dia”, as expressões “à-toa” e “à toa” eram plenamente aceitas e dicionarizadas, antes do Acordo. A primeira (“à-toa”), com hífen e acento grave, indicava a locução adjetiva (“*O homem foi tachado de ‘à-toa’*”). A outra expressão – “à toa” (sem hífen e com acento grave) – representava a locução adverbial (“*O homem, tachado de ‘à-toa’, não se ofendeu à toa*”).

Com o advento do Acordo Ortográfico, passamos a ter, com exclusivismo, a expressão **à toa**\*, sem hífen e válida para as duas possibilidades

morfológicas (locução adjetiva e locução adverbial).

\* LETRAS, Academia Brasileira de. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed., São Paulo: Global, 2009, p. 89.

Essas são algumas das “encruzilhadas” com as quais deparamos quando nos inteiramos das novidades do Acordo Ortográfico. A título de revisão, memorize as novidades:

1. **Autópsia ou Autopsia (palavras de dupla prosódia); e Necrópsia ou Necropsia (palavras de dupla prosódia);**
2. **Tão somente e Tão só (sem hífen);**
3. **Dia a dia (sem hífen);**
4. **À toa (sem hífen).**

Em sala de aula, tenho dito a seguinte frase mnemônica para reforço das palavras que perderam o hífen:

**“Não erre à toa: agora escreva, tão somente, dia a dia!”**



#### **Artigo 11 Reforma Ortográfica: o que parece ter mudado, mas não mudou**

As novidades do Acordo Ortográfico não são poucas, o que tem levado o falante, diante de certas “encruzilhadas” de ortografia e de acentuação, a se perguntar: “*Será que tal palavra foi modificada com a reforma ortográfica?*”.

Venho percebendo que este tipo de dúvida tem se tornado recorrente. São os mais variados os episódios nos quais elas são suscitadas.

Na semana passada, em uma palestra proferida a advogados, fui chamado a dirimir uma celeuma:

– A palavra **PREQUESTIONAMENTO** continua sem o hífen? – indagou o ouvinte.

– Sim – respondi a ele –, a palavra já era grafada sem o hífen, embora muitos operadores do Direito insistissem em usá-lo, e agora permanece grafada “tudo junto”.

E outro ouvinte aproveitou para tirar dúvida correlata:

– E as palavras **PREDETERMINADO** e **PREEXISTENTE**?

– Também continuam intactas – disse-lhe. Permanecem sem hífen.

Faz poucos dias, presenciei um questionamento em sala de aula. Os alunos queriam saber se a palavra SOCIOECONÔMICO havia recebido o hífen com o Acordo. Rapidamente, intervim:

– Meus caros, esta palavra permanece inalterada! Infelizes são aqueles que a hifenizam! – respondi, com certo tom de inconformismo.

Com efeito, mesmo diante dos dicionários, que nos ensinam a grafia desta palavra, quantos ainda utilizam o hífen, criando a inadequada forma “sócio-econômico”...

Em outra passagem, ao telefone, ajudei um amigo juiz de direito.

– As palavras BOA-FÉ e MÁ-FÉ permanecem com o hífen? – perguntou-me o magistrado.

– Sim, permanecem hifenizadas. Aqui não se deu qualquer alteração no Acordo.

E este diálogo ao telefone rendeu outras dúvidas pertinentes. O magistrado inquiriu-me sobre as formas CONTRAMANDADO e SUPRACITADO (ambas, sem hífen) e INFRA-ASSINADO (com hífen). Queria saber se sofreram modificações após a reforma ortográfica.

Disse-lhe:

– Todas permaneceram intactas após a reforma ortográfica. As palavras CONTRAMANDADO e SUPRACITADO sempre foram grafadas sem o hífen. A outra palavra – INFRA-ASSINADO – recebia o hífen, uma vez que a regra impunha (e continua impondo) a utilização do sinal, quando a palavra posterior iniciar-se por idêntica vogal.

Todavia, foi em minha caixa de e-mails que coletei um maior número de dúvidas. Abaixo se registram algumas perguntas e as respectivas respostas:

1. Internauta: – A frase “*Ele pôde ter feito, mas não fez*”, à luz do Acordo Ortográfico, sofreu mudanças?

Minha resposta: – A frase permanece inalterada. Aliás, a dúvida se refere à forma verbal “pôde”, que recebe o acento diferencial para se distinguir de “pode”. A forma acentuada indica o tempo *pretérito perfeito do indicativo*, enquanto a forma não acentuada designa o tempo *presente do indicativo*, ambas na terceira pessoa do singular. O acento diferencial permaneceu neste caso. Daí escrevermos, ainda, com correção, “*ele PÔDE ontem*” e “*ele PODE hoje*”.

2. Internauta: – Como se grafa a palavra “PÔR-DO-SOL” após o Acordo?

Minha resposta: – O acento diferencial permaneceu em PÔR (verbo). Daí continuarmos escrevendo, com correção, “*vou PÔR as mãos nesse canalha!*” (com acento) e “*luto POR você*” (sem acento). A partir desse dado, constata-se que a palavra PÔR-DO-SOL permaneceu com o acento circunflexo, uma vez que o primeiro elemento PÔR designa uma substantivação do verbo, todavia a reforma ortográfica suprimiu os hifens que separavam os elementos. Portanto, após o Acordo, vamos grafar PÔR DO SOL (ou PÔR DE SOL), ambas com o acento circunflexo, mas sem os hifens.

3. Internauta: – A acentuação dos ditongos abertos em ANÉIS, ANZÓIS e CÉU sofreu modificação com o Acordo?

Minha resposta: – Antes do Acordo, acentuavam-se todas as palavras que apresentavam ditongos abertos “éu”, “éi” e “ói”: *chapéu, papéis, herói*.

Após a reforma ortográfica, o acento agudo desapareceu apenas no caso de *paroxítonas*, ou seja, aquelas palavras cuja sílaba tônica é a penúltima: *IDEIA* (antes, “idéia”); *PARANOIA* (antes, “paranóia”); *HEROICO* (antes, “heróico”). Daí se falar que nas *oxítonas*, formadas pelos ditongos citados, nada mudou, permanecendo o acento: *ANÉIS, ANZÓIS, CHAPÉU, PAPÉIS, HERÓI*, entre outras. O mesmo se deu com os monossílabos, que permaneceram com o acento: *DÓI, MÓI, RÓI, CÉU, RÉU*.

4. Internauta: – A acentuação dos hiatos em JUÍZES, SAÚDE e FAÍSCA sofreu modificação com o Acordo?

Minha resposta: – Antes do Acordo, acentuavam-se as vogais “i” e “u” sempre que formavam o hiato com a vogal anterior, ficando isolados na sílaba ou seguidos de -: *ba-ú; preju-í-zo; a-tra-í-do; fa-is-ca*. Após a reforma ortográfica, o acento agudo desapareceu apenas nas situações em que as mencionadas vogais formam hiato com um ditongo anterior: *FEI-U-RA* (ditongo “ei”, na sílaba “fei-”); *BO-CAI-U-VA* (ditongo “ai”, na sílaba “cai-”); *BAI-U-CA* (ditongo “ai”, na sílaba “bai-”). Portanto, a acentuação dos hiatos em JUÍZES, SAÚDE e FAÍSCA não sofreu modificação com o Acordo.

5. Internauta: – A frase “*Eles têm dúvidas sobre a reforma ortográfica*”, à luz do Acordo, sofreu alteração?

Minha resposta: – A frase não sofreu alteração. É que o acento diferencial permaneceu em algumas formas verbais afetas ao verbo “ter”: “TEM” (terceira pessoa do singular do presente do indicativo) e “TÊM” (terceira pessoa do plural do presente do indicativo). O acento diferencial se manteve neste último caso. Daí escrevermos, ainda, com correção, “*ele TEM dúvidas*” e “*eles TÊM dúvidas*”.

Como se notou, são inúmeras as encruzilhadas diante das quais o usuário da língua se põe quando pretende aplicar as novas diretrizes impostas pelo Acordo Ortográfico. A bem da verdade, os desafios impostos pela reforma serão bem superados, em bom trocadilho, com a “superação da dúvida”. Esta é sempre salutar. Como dizem os chineses, “*a dúvida é a antessala do conhecimento*”. Aliás, “antessala” já grafada “de acordo com o Acordo”, para que não parem dúvidas...

## Capítulo 6



### Crase

*Crase* é a fusão de vogais da mesma natureza. Sua representação se dá por meio do chamado *acento grave* sobre a letra “a”, tornando acentual essa vogal. Na verdade, o acento grave é o sinal que indica a fusão de dois “a”, e essa fusão recebe o nome de *crase*. Observe:

*Entregue o documento à advogada.*

Analisando-se a frase, no plano sintático, teremos:



**Verbo “entregar”:** VTDI (Verbo Transitivo Direto e Indireto)



**Objeto direto:** o documento



**Objeto indireto:** a advogada



**Preposição que antecede o objeto indireto:** a

Portanto, na frase, ocorre a crase, já que desponta a soma da preposição pedida pelo verbo “entregar” (“a”) com o artigo definido feminino singular (“a”) que acompanha o substantivo feminino “advogada”. Tal fusão enseja o fenômeno indicador da crase.

### 1. Casos obrigatórios



**A crase será obrigatória com nomes geográficos de cidades ou países, que exigem o artigo definido feminino “a”:**

*Vou à França.*

Note que “França” é um nome que sempre vem acompanhado do artigo definido feminino singular “a”, que, somado à preposição própria do verbo “ir”, provocará a fusão da crase. Em outras palavras, é fácil perceber que falamos “A França é um país lindo”, e não simplesmente “França é um país lindo”. Daí a decorrencial fusão da crase, como resultado da soma da preposição com o artigo.

*Vou à Colômbia.*

*Vou à Argentina.*

*Vou à Bahia.*

*Vou à Jordânia.*

*Vou à Síria.*

*Vou à Holanda.*

## **MEMORIZE:**

quando o ponto  
geográfico ou  
topônimo vier  
acompanhado de  
qualificativo, a crase  
será obrigatória.

*Vou à Roma dos  
Césares; Vou à  
Florianópolis das  
42 praias; Vou à  
Brasília das  
mordomias.*



**A crase será obrigatória antes de horas determinadas:**

*O filme começou às três horas.*

*Chegamos à uma hora da manhã.*

*O eclipse se deu à zero hora.*

*Veio à meia-noite em ponto.*

**CUIDADO:** não  
ocorrerá a crase  
quando já houver na  
frase as  
preposições  
“desde” e “entre”.  
Daí não se utilizar a  
crase nas frases  
“*Desde as duas  
horas, esperei  
você*” e “*Chegamos  
entre as quatro e as  
seis horas*”.

## MEMORIZE:

tratando-se de hora indeterminada, não se usa a crase.

*Ele chegou a uma hora qualquer.*



**A crase será obrigatória antes de numerais ordinais femininos:**

*Entregaram as medalhas à primeira colocada.*

*Eu me referi à segunda e à terceira medalhistas.*



**Com expressões “moda de” e “maneira de”, quando se apresentarem ocultas:**

*Foram dois gols à Pelé* [Foram dois gols à (moda de) Pelé].

*Escrevia à Machado de Assis* [Escrevia à (maneira de) Machado de Assis].

## **IMPORTANTE:**

quando subentender palavra feminina que determine nome de empresa ou coisa, haverá a crase.

*Referiu-se à Apolo*  
[Referiu-se à (nave) Apolo].

*Irei à Saraiva* [Irei à (Editora) Saraiva].

*Fez menção à Veja*  
[Fez menção à (Revista) Veja].



**A crase será obrigatória antes de palavra feminina, nas locuções adjetivas, adverbiais, prepositivas, ou conjuntivas.**

*Aquele será um belo baile à fantasia.*

*Tudo foi feito às escondidas.*

*Seguiu à risca as dicas, embora tenha feito tudo às pressas.*

*Estava à procura de um profissional.*

*A temperatura aumenta à proporção que nos aproximamos dos trópicos.*

*O concursando evolui à medida que estuda mais.*



**A crase será obrigatória com os pronomes demonstrativos aquele(s), aquelas(s), aqueleoutro(s), aquelaoutra(s) e aquilo:**

A fusão da crase ocorrerá, também, entre a preposição “a” e certos pronomes demonstrativos. São eles: aquele(s), aquelas(s) e aquilo.

*Resisti àquele doce.*

*Irei àquelas cidades distantes.*

*Não dei importância àquilo.*

*Prefiro isto àquilo.*



**A crase será obrigatória antes de pronomes relativos “que” (com elipse), “a qual” e “as quais”:**

A fusão da crase também ocorrerá entre a preposição “a” e certos pronomes relativos. Os casos podem ser explicados um a um:



**Pronome QUE:** no geral, tal pronome repudia a crase. Todavia, quando se tratar de *elipse*, isto é, a omissão propositada de um termo na oração, será possível a ocorrência da crase.

*Esta fala é anterior à que você fez.* [Esta fala é anterior à [fala] que você fez].

Portanto, note-se que a crase se justifica, na medida em que se evidencia a contração da preposição “a”, própria do adjetivo “anterior”, com o artigo definido feminino “a”, que acompanha o substantivo feminino “fala”.



**Formas Pronominais “A QUAL”/“AS QUAIS”:** como tais formações pronominais compostas vêm acompanhadas do artigo definido feminino “a”, fica fácil perceber que, havendo a ocorrência de preposição “a” no termo regente, despontará o fenômeno indicador da crase.

*Esta é a viagem à qual me referi.*

Observe que o verbo pronominal “referir-se” é regido pela preposição “a” (*quem se refere, refere-se a*). Tal preposição será fundida com o artigo definido feminino próprio da formação pronominal composta “a qual”, gerando a crase.

Como recurso mnemônico, procure substituir o substantivo feminino da frase por um nome masculino. Se da troca resultar a formação pronominal “ao qual”, a crase será confirmada. Exemplo: troque a palavra “viagem” por *campeonato*. Observe a troca:

*Este é o campeonato ao qual me referi.*

Diante disso, é fácil perceber que não ocorrerá crase na frase: *Esta é a jovem a qual ele ama.*

Observe que o verbo “amar” não é regido pela preposição “a” (*quem ama, ama alguém*). Se não há preposição, restará apenas a formação pronominal composta “a qual”, sem a ocorrência da crase. Aliás, pelo recurso mnemônico sugerido, substituindo-se a expressão “a jovem” por outra masculina (“o rapaz”, por exemplo), será fácil perceber que não surgirá a forma “ao qual”. Confira:

*Este é o rapaz o qual ela ama.*

Por fim, é importante frisar que os pronomes relativos “**quem**” e “**cujo**” repudiarão a crase, sem ressalvas. Observe as frases, sem a ocorrência da crase:

*Este é o veículo a cuja marca ele se referiu.*

*Ali está a moça a quem todos se referiram.*

## 2. Casos proibitivos

### 1. Não ocorre a crase antes de palavra masculina.

◆ *andar a pé; vestir-se a caráter; compras a prazo; observado a olho nu.*

**2. Não ocorre a crase antes de verbo.**

◆ *comecei a fazer; ficou a ver navios; estava decidido a fugir.*

**3. Não ocorre a crase entre palavras repetidas.**

◆ *cara a cara; face a face; gota a gota; frente a frente; ponta a ponta.*

**4. Não ocorre a crase antes de genéricas expressões formadas por palavras femininas.**

◆ *não dê ouvidos a discussões; referi-me a mulheres; não se prenda a necessidades materiais; não se submeta a humilhações.*

**IMPORTANTE:** a mesma regra se estende às genéricas locuções adjetivas ou adverbiais formadas por palavras femininas.

*reunião a portas fechadas;*

*agrediram-se a bofetadas.*

- ◆ **Pessoais** – *Leve o livro a ela; Pedi a ela que saísse.*
- ◆ **Demonstrativos** – *Leve o livro a esta mulher; Pedia a esta senhora que saísse.*
- ◆ **Indefinidos** – *Leve o livro a qualquer mulher; Pedi a toda pessoa que saísse.*
- ◆ **Tratamento** – *Leve o livro a Sua Excelência.*

## IMPORTANTE:

com os pronomes  
“mesma”, “outra”,  
“própria” e “tal”,  
poderá haver a  
crase:

*Referiu-se à  
mesma jovem.*

*Fez menção à  
própria mulher.*

*Não fez a verdade*

*nao tale a verdade  
às outras.*

*Diga à tal mulher  
que sei sobre sua  
vida.*

**CUIDADO:** não  
perca de vista que  
haverá crase com  
os pronomes  
demonstrativos  
AQUELE, AQUELA,  
AQUELOUTRO,  
AQUELOUTRA e  
AQUILO. se vierem

acompanhados de  
uma preposição “a”.

*Não me refiro  
àquele livro, nem  
àquela obra, mas  
àquilo tudo que  
conversamos; Fez  
menção àqueloutro  
trabalho.*

6. Não ocorre a crase antes das palavras “casa”, “terra” e “distância”, se não vierem especificadas.

*Voltei a casa.*

*O marinheiro voltou a terra.*

*O homem ficou a distância.*

## **IMPORTANTE:**

havendo

especificação, a  
crase será de rigor.

*Voltei à casa dos  
pais.*

*O jovem voltou à  
terra de seus  
antepassados.*

*O homem ficou à  
distância de dois  
metros.*

### **3. Casos facultativos**

1. A crase será facultativa antes de pronome possessivo feminino.

*Leve o livro à (a) sua tia / à (a) minha tia / à (a) nossa tia.*

## 2. A crase será facultativa antes de nome próprio feminino de pessoa.

*Levei flores à (a) Jamile.*

*Dei o presente à (a) Rânia.*

## 3. A crase será facultativa depois da preposição “até”.

*Fui até à (a) cachoeira.*

*Andou a cavalo até à (a) porteira do sítio.*



### Artigo 12 Podemos falar “se isso lhe APROUVER”?

Mais uma vez, a indagação acima, diante do amplo universo verbal de nosso léxico, convida o leitor ao conhecimento de verbos pouco usuais: **aprazer**, **desprazer** e **prazer**.

Há detalhe intrigante: ouve-se por aí a forma “se isso lhe aprouver...”, entretanto poucos associariam o tempo em destaque ao verbo *aprazer*, que tem o sentido de “causar ou sentir prazer”. É mais usado nas terceiras pessoas (do singular e do plural). Portanto, podem-se usar *apraz*, *aprazia*, *aprazerá*, *aprouve*, *aprouvera*, *aprouvesse*.

A forma “aprouver” indica o futuro do subjuntivo do verbo *aprazer*, bastante comum como verbo transitivo indireto (“*Todas as manhãs, o sol lhe apraz.*”) ou intransitivo (“*Poucos são os comentários que aprazem.*”).

Para o dicionarista Houaiss, o verbo *aprazer* é *irregular*, nos tempos derivados do pretérito perfeito, apresentando formas interessantes, como *aprouve*, *aprouvera*, *aprouvesse*, entre outras.

Fernando Pessoa dele se valeu em emblemático trecho da poesia “Deixemos Lídia”:

*“Não de outro modo mais divino ou menos / Deve **aprazer-nos** conduzir a vida, / Quer sob o ouro de Apolo / Ou a prata de Diana.”*

Nessa esteira, Carlos Drummond de Andrade lançou-o em “Dissolução”:

*“Escurece, e não me seduz / tatear sequer uma lâmpada / Pois que **aprouve** ao dia findar, aceito a noite...”*

A reboque da literatura de prola, seguiram os versos de Vinicius de Moraes, em “Para viver um grande Amor”: “... *É muito necessário ter em vista /*

*um crédito de rosas na florista / muito mais, muito mais que na modista! / para aprazer ao grande amor...”.*

É relevante notar que **aprazer** pode servir como paradigma na conjugação de outros verbos, como:

(I) **desprazer**, no sentido de “desagradar”.

*O contrato não lhe desprouve, mas agradou a ele.*

*É provável que isso despraza os contratantes.*

*O choro intenso lhe despraz.*

(II) **prazer**, no sentido de “queira Deus, tomara, oxalá”.

*Prouvera a Deus.*

*Se a Ele prouver, que praza a todos.*

Como sinônimo de *aprazer*, o verbo **prazer** é igualmente irregular, devendo ser usado apenas na 3ª pessoa do singular. Há formas curiosas, como: *praz, prazia, prouve, prouvera, prazera, prazeria, praza*, entre outras.

É fato que se trata de verbos pouco usuais, todavia podem ser utilizados no dia a dia do usuário do Português de rigor. O importante é utilizar o verbo, conhecendo aquilo que se anuncia. Aliás, este rápido estudo permitirá a enunciação da forma “*se isso lhe aprouver...*”, com a dose exata de “autoridade” na fala, comum àqueles que falam sabendo o que dizem...



### **Artigo 13 Quem sabe o que é prosopopeia [1]?**

“*A aula transcorria normalmente, quando a dívida de Língua Portuguesa surgiu...*”. Assim defino o que aconteceu com um grande amigo e ilustre Professor de Processo Civil – Fredie Didier Jr. –, em uma de suas brilhantes aulas. Na verdade, o contexto relatado na frase inicial foi-me dito pelo próprio Didier, demonstrando a celeuma que teria criado a expressão “*a madeira vai piar*”, dita em aula, sem grande preocupação com a construção estilística em si. Na ocasião, perguntou-se qual *figura de linguagem* comportaria aquela expressão, e, embora muito se tenha dito, poucos alunos conseguiram decifrar com correção.

Há poucos dias, Didier, relatando-me o acontecido, inquiriu-me acerca da dúvida, sugerindo que escrevesse algo para que pudesse divulgar a todos, sanando o impasse. Até aproveitei a ocasião e brinquei com o amigo, dizendo que, naquela situação, entre ele e seus alunos, recorrer a mim significaria um

verdadeiro “chamamento ao processo...”.

Brincadeiras à parte, segue abaixo a resposta, *ipsis litteris*, que vem com muitos exemplos e detalhes curiosos sobre a prosopopeia, ligados à literatura, à música popular e, até mesmo, à solicitação em provas de concursos e vestibulares.

“Caro Professor Fredie Didier Jr.:

Em primeiro lugar, sinto-me lisonjeado por servir de referencial a um estimado professor, no que tange à solução de uma dúvida de Língua Portuguesa.

O impasse que movimentou o alunado em sala atrela-se a uma figura de pensamento, no contexto da *estilística*. Procurei, nas linhas seguintes, explicar o tema com uma farta gama de exemplos, colhidos da literatura, da música popular e, até mesmo, do ambiente de vestibulares e concursos, levando em conta que nossa atividade docente se atrela ao ambiente dos concursos públicos. Além disso, exponho a resposta na forma de ‘quadros explicativos’, cuja didática lhe poderá ser útil, se desejar dividir o tema com seus fiéis discentes. Passemos, então, à análise:

Uma das características do texto literário é a *conotação*, mecanismo por meio do qual recriamos e alteramos o significado institucionalizado de uma palavra. A linguagem conotativa faz-se presente, no texto, por meio da utilização das *figuras de linguagem* – recurso estilístico que dá uma maior expressividade, ajudando o escritor a dizer algo de uma maneira nova, diferente e criativa, de modo a impressionar o interlocutor e a torná-lo sensível e atento ao que se diz. Desse modo, tais construções são formas que servem ao enriquecimento artístico da Língua, visando tornar a obra mais rica e interessante e, em determinados momentos, mais poética.

Entre as figuras de linguagem, destacam-se as *figuras de pensamento* – ou ‘*de retórica*’ –, que resultam do desacordo entre a verdadeira intenção de comunicar e o ato de fala. Vale dizer que consistem em ‘desvios’ que funcionam como véus a ocultar um estado de consciência. Entre elas, a que nos interessa, neste momento, em razão da dúvida relatada, é a *prosopopeia*, também conhecida por ‘personificação’, ‘animização’ ou ‘antropomorfismo’, que consiste em atribuir linguagem, sentimentos e ações de seres humanos a seres inanimados, irracionais, mortos ou ausentes (animais, plantas ou coisas). Assim, quando se atribuem vida, movimento ou voz a esses seres, ou, ainda, invocam-se figuras imaginárias ou desaparecidas, tem-se o ato de *personificação*, em um processo estilístico que se realiza na esfera do pensamento. Nele intervêm, com

vigor, a emoção, o sentimento e a paixão. *‘É a figura, por excelência, de ficção, dos mitos, das histórias (estórias) maravilhosas e narrações infantis’\**. Não é à toa que a prosopopeia transita em abundância nas fábulas, que tanto nos encantam, quando se observa, por exemplo, que animais dialogam entre si, provocando o atraente lado lúdico na aprendizagem.

- \* CHERUBIM, S. *Dicionário de figuras de linguagem*, São Paulo: Pioneira, 1989, p. 55; e, também: DE NICOLA, José; INFANTE, Ulisses. *Gramática contemporânea da língua portuguesa*, São Paulo: Scipione, 1997, p. 436.

Os exemplos abaixo são esclarecedores, indicando-se, nas sublinhas, as personificações:

**Exemplos de prosopopeia:**

A cidade, mutilando-se, fechou suas portas.

O rio corria pela montanha.

O jardim olhava as crianças sem dizer nada.

As ondas beijavam a areia da praia.

O prédio sorria perante os trabalhadores.

Depois que o sol me cumprimentou, dirigi-me à cozinha.

As árvores torciam-se e gemiam, vergastadas pelo vento.

Cresciam apenas árvores raquíticas naquele bosque.

A vida ensinou-me a ser humilde.

O amor voltou-lhes as costas.

O galo cantou às quatro da manhã.

Em sonho, o morto gritava inúmeras vezes por Maria.

Numa casa conversavam animadamente um lápis e uma caneta.

‘O Morro dos Ventos Uivantes’ é uma história de amor. Cruel e apaixonante.

Uma lágrima espreitou-me um instante os olhos, e recolheu-se depois, surpreendida?

As pedras choram, os regatos sorriem.

A figura de pensamento ora estudada também aparece com frequência no repertório musical, ornamentando nossa música popular com um toque singular de elegância e criatividade que, aliás, só nossa MPB possui. Os exemplos são pródigos:

1. Zé Ramalho, na engajada e crítica canção ‘*Admirável gado novo*’ (1981): ‘(...) os automóveis ouvem a notícia (...)’;
2. Lulu Santos e Nelson Mota, na inesquecível letra ‘*De repente Califórnia*’ (1982): ‘O vento beija meus cabelos, / as ondas lambem minhas pernas, / o sol abraça o meu corpo, / meu coração canta feliz’;
3. Noel Rosa e João de Barro, na atemporal ‘*As Pastorinhas*’ (1934): ‘A estrela d’alva / no céu desponta / E a lua anda tonta / com tamanho esplendor (...)’;
4. Paulo Soledade e Marino Pinto, na saudosa ‘*Estrela do Mar*’ (1952): ‘Um pequeno grão de areia, / que era um pobre sonhador / Olhando o céu viu uma estrela / Imaginou coisa de amor’;
5. João Bosco e Aldir Blanc, na otimista canção ‘*O Bêbado e a Equilibrista*’ (1979): ‘A lua, / tal qual a dona de um bordel, / pedia a cada estrela fria / um brilho de aluguel. / E nuvens, / lá no mata-borrão do céu, / chupavam manchas torturadas – que sufoco!’;
6. Chico Buarque e Sivuca, na clássica ‘*João e Maria*’ (1977): ‘Agora eu era o herói / E o meu cavalo só falava inglês...’.

Seria um grave lapso, caro Didier, se não lhe revelasse o emblemático exemplo de personificação que ocorre nos primeiros versos do *Hino Nacional*. Observe:

**‘Ouviram do Ipiranga as margens plácidas /**

**De um povo heroico o brado retumbante’**

Para detectá-la, faz-se necessário proceder à ‘arrumação’ dos versos, cuja ordem apresenta-se invertida. Tal inversão de termos avoca, curiosamente, outra figura estilística conhecida por ‘anástrofe’. Os versos iniciais de nosso *Hino Nacional* podem ser ‘organizados’ da seguinte forma:

**‘As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heroico.’**

Note que as margens do Ipiranga ouviram o brado retumbante, o que designa ação humana para um ser inanimado. É a prosopopeia no *Hino Nacional*,

e com ‘direito’ à anástrofe... Do ponto de vista estilístico, é fato indubitável: nosso *Hino* é um espetáculo à parte, não acha?

Maior esforço interpretativo terá – sem dúvida – ao tentar detectar as situações de *personificação* nos versos de Camões. O épico poeta, em várias passagens, em ‘Os Lusíadas’, valeu-se da prosopopeia, o que me força à citação. Veja alguns exemplos, em que o imortal poeta lusitano traz o choro, a visão e a fala àqueles que não podem chorar, ver ou falar:

- (I) ‘Os altos promontórios o choraram / e dos rios as águas saudosas / Os semeados campos alagaram, / Com lágrimas correndo piedosas (...)’ (Canto III, 84) (Observação: ‘promontório’ significa cabo formado de rochas elevadas);
- (II) ‘Do mar que vê do Sol a roxa entrada’ (Canto I, 28);
- (III) ‘Os montes de mais perto respondiam, quase movidos de alta piedade.’

Aproveitando a inspiração que Camões nos proporciona, vale a pena observar os exemplos de prosopopeia coletados da literatura, expostos em forma de quadro, para fins didáticos, no intuito de dimensionar a importância desse recurso estilístico na linguagem dos escritores:

## A PROSOPOPEIA NA LITERATURA

Nº	Escritor	Frase
1	Mário Quintana	(I) ‘Os <u>sinos</u> <u>chamam</u> pa o amor.’ (II) ‘Onde

estão os  
meus  
verdes? Os  
meus azuis?  
O Arranha-  
Céu comeu!

(III) 'As águas  
riem como  
raparigas /  
sombra  
verde-azul  
das  
samambaias

(IV) 'Dorme,  
ruazinha, é  
tudo escuro

**2 Eça de**

(I) 'Os dias

**Queirós**

seguiam-se  
tristonhos.'

(II) 'Entretanto  
Lisboa  
arrojava-se  
aos meus  
pés.'

(III) 'A tarde  
descia,  
pensativa e  
doce, com  
nuvenzinhas  
cor-de-rosa

**3 Machado  
de Assis**

(I) 'Bailando n  
ar, gemia  
inquieto  
vaga-lume.'

...e o velho...  
(II) 'O meu  
pensamento  
ardiloso e  
traquinas,  
saltou pela  
janela fora e  
bateu asas  
na direção da  
casa de  
Virgília.'

(III) 'Era uma  
vez uma  
agulha, que  
disse a um  
novelo de  
linha: – Por  
que está

você com  
esse ar, toc  
cheia de si,  
toda  
enrolada,  
para fingir  
que vale  
alguma coisa  
neste  
mundo?’

**4 Carlos  
Drummond  
de  
Andrade**

(I) ‘Na horta, o  
luz de Nata  
abençoava  
os legumes.  
(II) ‘As casas  
espiam os  
homens / qu

		<p>correm atrás das mulheres.’</p> <p>(III) <u>‘Bateu Amor à port da Loucura. Deixa-me entrar – pediu – sou teu irmão.’</u></p>
<p><b>5</b></p>	<p><b>Castro Alves</b></p>	<p>(I) <u>‘Andrada! arranca esse pendão dos ares!</u> Colombo! <u>fecha a port dos</u></p>

		<p><u>teus mares!</u></p> <p>(II) ‘Vi a <u>Ciênc</u> <u>desertar</u> do Egito (...)’</p>
<b>6</b>	<b>Vilma Guimarães Rosa</b>	<p>(I) ‘As <u>águas</u> (o rio <u>gemiam</u> alto, <u>soluçando</u> entre seixos</p> <p>(II) ‘<u>Ciprestes</u> austeros <u>velavam</u> a paz dos encantados.’</p>
<b>7</b>	<b>Cesário Verde</b>	<p>(I) ‘Que o <u>ma</u> <u>leva no dor</u>’</p>

		<p>exposto aos vendavais.’</p> <p>(II) ‘As <u>dálias</u> chorar nos braços dos jasmins!’</p>
<b>8</b>	<b>Raul Bopp</b>	<p>(I) ‘O <u>sol</u> belisca a pele azul do lago.’</p> <p>(II) ‘... os <u>rios</u> vão carregando as <u>queixas</u> do caminho</p>
<b>9</b>	<b>Vergílio Ferreira</b>	<p>(I) ‘O <u>medo</u> vinha a</p>

	<b>Ferreira</b>	<p>vinda a  <u>correr</u>  também  <u>atrás</u> dele?  (II) 'Plácida, a  <u>planície</u>  <u>adormece</u>,  lavrada ainda  de restos d  calor.'</p>
<b>10</b>	<b>Mário de Andrade</b>	<p>'Já reparei qu  no seu peito /  <u>soluça o</u>  <u>coração</u> bem  feito / de voc</p>
<b>11</b>	<b>Cecília Meireles</b>	<p>'O <u>orvalho</u>  <u>treme</u> sobre a</p>

		<p>treva / e o  <u>sonho</u> da noite  <u>procura</u> / a voz  que o <u>vento</u>  <u>abraça</u> e leva</p>
<b>12</b>	<b>Adélia Prado</b>	<p>‘O <u>silêncio</u> de  quando nos  vimos à  primeira vez /  <u>atravessa</u> a  cozinha como  um rio  profundo.’</p>
<b>13</b>	<b>Monteiro Lobato</b>	<p>‘O <u>13 de Maio</u>  <u>tirou-lhe</u> das  mãos o  <u>azuleiro</u>’</p>

		azorriague.
<b>14</b>	<b>Inácio L. Brandão</b>	‘O <u>rio</u> tinha <u>entrado em agonia</u> , após anos de devastação e suas margens
<b>15</b>	<b>Olegário Mariano</b>	‘Lá fora, no jardim que o <u>lunar acaricia</u> , um <u>repuxo apunhala</u> a alma da solidão.’
<b>16</b>	<b>Gastão Cruls</b>	‘A <u>imaginação açula</u> a matilha dos <u>dívidos</u> .’

		uas uvidas.
<b>17</b>	<b>Ferreira Gullar</b>	‘Ah! <u>cidade maliciosa</u> / de <u>olhos de ressaca</u> / que das índias guardou a <u>vontade de andar nua</u> ’.
<b>18</b>	<b>Clarice Lispector</b>	‘Um <u>frio inteligente</u> (... percorria o jardim...’
<b>19</b>	<b>Cruz e Souza</b>	‘... o <u>sol</u> , no poente, <u>abre tapeçarias</u> ...’

**20** **Carlos de  
Oliveira**

‘A Ilha era  
deserta e o  
mar com mec  
/ da própria  
solidão já te  
sonhava. /  
la em vento  
chamar-te pa  
longe / E  
longamente,  
em espuma, t  
aguardava.’

**21** **Jorge de  
Sena**

‘A chuva é  
obrigada a  
sentir que ele  
nem as  
encostas lhes

		estendem.’
<b>22</b>	<b>António Vieira</b>	‘As <u>estrelas</u> foram chamadas e <u>disseram</u> : aqui estamos.’
<b>23</b>	<b>Aquilino Ribeiro</b>	‘Um <u>Sol rijo e pesadão</u> , de todo <u>genésico</u> espojava-se sobre a terra
<b>24</b>	<b>Fialho de Almeida</b>	‘Veem-se os <u>salgueiros chorando</u> os tradicionais amores de

		Pedro e Inês.
<b>25</b>	<b>Florbela Espanca</b>	‘Toda esta noite o <u>rouxin</u> <u>chorou,</u> / <u>Gemeu,</u> rezou <u>gritou</u> perdidamente
<b>26</b>	<b>António Botto</b>	‘Naquela manhã de Março, o <u>ven</u> norte <u>levantou</u> <u>se mal-</u> <u>humorado.</u> ’
<b>27</b>	<b>Antero de Quental</b>	‘Também, <u>choram</u> [as ondas] todo o

outras] todos o  
dia, /Também  
se estão a  
queixar.  
/Também, à  
luz das  
estrelas, / toc  
a noite a  
suspirar!'

Por fim, recomendo que preste atenção ao modo como o tema tem sido solicitado em provas de concursos e vestibulares, haja vista o trabalho a que se dedica no dia a dia – o ensino jurídico a candidatas a concursos públicos. Para tanto, relacionei as solicitações em mais um quadro explicativo, em prol da melhor didática:

## A PROSOPOPEIA NOS VESTIBULARES E CONCURSOS

Nº

Instituição

Fras

1	ITA	'A <u>neblina</u> , roçando o <u>cicla</u> , em p
2	FUVEST	(I) 'Sinto o <u>da noite</u> l boca do ' (II) 'Uma ta de melan com seus <u>alegres</u> <u>caroços.</u> '
3	PUC-RJ (2007)	(I) 'E as <u>borboleta</u> voz/ <u>danc</u> assim veludosa

		(II) ‘A <u>bom</u> atômica e / ‘Quando cai sem vontade’ ‘ <u>Coitada</u> bomba a / Que <u>nã</u> <u>gosta de</u> <u>matar!</u> ’
<b>4</b>	<b>UEL (2007)</b>	‘A tua <u>saud</u> <u>corta com</u> de ‘navaia”
<b>5</b>	<b>UFC (2008)</b>	(I) ‘Sentia-s como o b <u>das casa</u>

cujas por  
abriam co  
uma lenti  
pálpebra  
sonolenta  
(II) '(...) a s  
terrível /  
tudo devo  
(...)' (AS  
Patativa.  
A Triste  
Partida. I  
*Cordéis e*  
*Outros*  
*Poemas,*  
Fortaleza  
UFC, 200  
9-13 ver

		... (69-70).
<b>6</b>	<b>EsPCEX</b>	‘(...) Trago flores – res arrancados <u>terra</u> que n passar unic ora mortos deixa e separados (Machado Assis, “A Carolina”).
<b>7</b>	<b>FGV/DIREITO (2007)</b>	‘Algumas fo da amendo <u>expiram</u> en degradado

		vermelho. / Outras estão apenas nascendo, polido onde estala.’
<b>8</b>	<b>UNESP (2004)</b>	‘Que a <u>bris</u> Brasil <u>beija</u> <u>balança</u> .’
<b>9</b>	<b>UNIARA (2005)</b>	‘As <u>estrelas</u> <u>dirão</u> : – Ai, somos.’ (Alphonsus Guimaraes)
<b>10</b>	<b>PUC-SP</b>	(I) ‘Ó <u>mar</u> salgado,

do teu sa  
lágrimas  
Portugal!  
(Fernand  
Pessoa,  
Portuguê  
(II) '(...) o  
essencial  
achar-se  
palavras  
violão pe  
deseja.'

**11** **MACKENZIE-  
SP**

‘Agora que  
cala o surc  
vento / E o  
enternecido  
meu pranto

		Detém seu vagaroso movimento
<b>12</b>	<b>FMU-SP</b>	(I) '(...) a <u>natureza</u> <u>parece e</u> <u>chorando</u> (II) 'O vento a <u>noite</u> to <u>atordoado</u> .'
<b>13</b>	<b>UFSC</b>	'As <u>ondas</u> <u>gritam e ge</u> ao encontr pedras.'
<b>14</b>	<b>UM-SP</b>	(I) 'Acenar para a fr

para a re  
riacho  
despediu  
triste e p  
para a lo  
viagem c  
volta.'

(II) 'Os ark  
dançava  
abraçado  
os pinhei  
suave va  
crepúscu

**15** **PM-SC**  
**(2005)**

'A floresta  
gesticulava  
nervosame  
diante do f  
que e deu

		que a devc
<b>16</b>	<b>IPEM-AP (2005)</b>	<p>‘(...) Um <u>ve</u> <u>furioso</u> provocava <u>fantasmag</u> <u>redemoinh</u> areia enqu faraó Tutankham retirado de local de re na antiga necrópole egípcia conhecida o Vale dos (...)’ (REI</p>

É de enaltecer que a personificação não passou ao largo dos ditos populares tão comuns na linguagem do cotidiano. É só conversar um pouco aqui e acolá, e já se ouvem, entre outros tantos curiosos dizeres, expressões do tipo ‘a cobra vai fumar’ ou ‘a madeira vai piar’, como lhe ocorreu na sala de aula. É fácil perceber que a sabedoria popular, estilisticamente, lapidou expressões que personificam coisas e animais, em criativas construções por todos conhecidas.

Tal criatividade só não suplantou a daquele vestibulando que, ao tentar conceituar na prova o vocábulo ‘prosopopeia’, registrou a seguinte ‘pérola’, que demonstra total distanciamento das questões de nossa Língua: ‘*A prosopopeia é o começo de uma epopeia*’. Quanta imaginação! Para ele, seguramente, ‘a cobra vai fumar’...

Um abraço fraterno,

Sucesso nas aulas!

Prof. Eduardo Sabbag.”

[1] O vocábulo, paroxítono, está sem o acento agudo no ditongo aberto, em consonância com o Acordo Ortográfico.



As palavras da Língua Portuguesa estão divididas em *10 classes*, as quais se subdividem em dois grandes grupos de *palavras variáveis* e *palavras invariáveis*. São eles:

# VARIÁVEIS (em gênero/número/grau/pessoa)

Substantivo

Artigo

Adjetivo

Numeral

Pronome

Verbo

## 1. Substantivo

É classe de palavra que indica uma substância. É ele o nome das coisas e

dos seres que existem, sejam reais ou imaginários. Varia em gênero, número e grau.

A propósito, as palavras precedidas de artigo configuram sempre um substantivo: “o conhecer”, “o fazer”, “a Infraero”, “a Anvisa”.

Quanto à **classificação**, o substantivo pode ser:

- ◆ **Comum** – indica um ser generalizado de uma mesma espécie: *cidade*.
- ◆ **Próprio** – ao designar um indivíduo específico da espécie. São os nomes de rua, de pessoa, ou de lugar (v.g., *Rio de Janeiro*) etc.
- ◆ **Concreto** – quando o ser detém existência própria, independente, seja ela real ou imaginária. Podem ser “concretos”, de acordo com: (I) o objeto (*mesa, cadeira, televisão*); (II) o lugar (*praia, fazenda, sítio*); (III) a pessoa (*homem, mulher, criança, idoso*); (IV) o animal (*boi, vaca, cachorro*); (V) o vegetal (*rosa, manga, uva*); (VI) a convenção (*hora, dia, mês, ano, século*); (VII) a entidade (*bruxa, anjo, fantasma*); (VIII) o fenômeno (*chuva, relâmpago, trovão*); (IX) a instituição (*escola, hospital, faculdade, igreja*); e (X) a substância (*oxigênio, gás carbônico, nitrogênio*).
- ◆ **Abstrato** – quando a existência do ser é dependente da existência de um outro ser, e ainda quando se tratar de uma ação ou de um estado. Podem ser “abstratos”, de acordo com: (I) a qualidade (*beleza, destreza, capacidade*); (II) o estado (*tristeza, emoção, alegria*); (III) a ação (*corrida, pulo, chute*); e (IV) o sentimento (*amor, admiração, consideração*).
- ◆ **Simple** – é formado por apenas um radical: *couve, água, pé, lobo, homem*.
- ◆ **Composto** – é constituído por dois ou mais radicais: *couve-flor, aguardente, pontapé, girassol, lobisomem, guarda-roupa*.
- ◆ **Primitivo** – é aquele que não deriva de outra palavra, servindo para originar outros substantivos: *pão, carro, livro*.
- ◆ **Derivado** – é aquele que deriva de outra palavra da nossa língua, tendo sido originado a partir de outro substantivo: *padaria, padeiro, carroça, livraria*.



**Coletivo** – é o substantivo que, no singular, expressa um grupo formado por mais de um elemento: *álbum, junta, legião, penca, alcateia, constelação, saraivada*.

## 2. Artigo

É a palavra variável que antecede o substantivo e dá a ele um sentido determinado ou indeterminado. Varia em gênero e número. Pode ser *definido* (o, a, os, as) ou *indefinido* (um, uma, uns, umas).

O artigo é utilizado com a função de substantivar qualquer palavra, independentemente da sua classe gramatical específica. Chama-se *derivação imprópria* o processo por meio do qual os vocábulos em geral têm a sua categoria modificada.

Existem casos que admitem a omissão do artigo, seja ele definido ou indefinido.

## 3. Adjetivo

É a palavra que, junto do substantivo, antes ou depois dele, indica uma condição, uma qualidade, um defeito ou um estado. Varia em gênero, número e grau.

Quanto à **classificação**, o adjetivo pode ser:



**Uniforme** – possui tão somente uma forma para ambos os gêneros: *feliz, competente*.



**Biforme** – possui uma forma específica para cada um dos gêneros: *feio, feia; nervoso, nervosa*.



**Simples** – formado por apenas um radical: *grande, bonito, triste, azul, amarelo*.



**Composto** – formado por mais de um radical: *cabisbaixo* (cabeça + baixo); *amarelo-canário* (amarelo + canário); *jurídico-tributário* (jurídico + tributário).



**Primitivo** – não deriva de outra palavra: *alegre, pequeno, bom, ruim*.



**Derivado** – deriva de outra palavra: *alegríssimo, pequeníssimo, falante, imóvel, confortável*.

#### 4. Numeral

É a palavra variável que aponta a posição, a ordem ou a quantidade numérica de seres ou de coisas. O numeral pode ser utilizado para:

a) Contar (refere-se ao numeral cardinal).

*Caio tem 8 irmãos; Roberta foi duas vezes ao médico no mês passado.*

b) Indicar uma ordem (refere-se ao numeral ordinal).

*Ana ficou em trigésimo sétimo lugar; Vigésima Feira de Antiguidades.*

c) Expressar múltiplos (refere-se ao numeral multiplicativo).

*Tenho o triplo da sua idade; Ano passado recebi o dobro de bônus.*

d) Expressar fração (refere-se ao numeral fracionário).

*Pedro comeu 2/3 do bolo; José recebe 1/5 do meu salário.*

#### 5. Pronome

É a palavra variável que substitui ou acompanha o nome. No primeiro caso, ele tem valor de substantivo e no último, de adjetivo. Pode variar em gênero, número e pessoa.

Quanto à **classificação**, o pronome pode ser:



**Pessoal** – o pronome pessoal pode ser *do caso reto* ou *do caso oblíquo*.

## PRONOME PESSOAL DO CASO RETO

	Singular	Plural
<b>1<sup>a</sup> pessoa</b>	<i>eu</i>	<i>nós</i>
<b>2<sup>a</sup> pessoa</b>	<i>tu</i>	<i>vós</i>
<b>3<sup>a</sup> pessoa</b>	<i>ele, ela</i>	<i>eles, elas</i>

# PRONOME PESSOAL DO CASO OBLÍQUO

	Singular	Plural
<b>1<sup>a</sup> pessoa</b>	<i>me, mim, comigo</i>	<i>nos, conosco</i>
<b>2<sup>a</sup> pessoa</b>	<i>te, ti, contigo</i>	<i>vos, convosco</i>
<b>3<sup>a</sup> pessoa</b>	<i>se, si, consigo, lhe, o, a</i>	<i>se, si, consigo, lhes, os, as</i>



**Possessivo** – o pronome possessivo indica posse: *meu(s), minha(s), teu(s),*

*tua(s), seu(s), sua(s), nosso(s), nossa(s), vosso(s), vossa(s).*

- ◆ **Relativo** – o pronome relativo geralmente se refere a um termo citado anteriormente: *que, quem, a qual, o qual, as quais, os quais, cujo, onde, quanto* (depois de tudo).
- ◆ **Demonstrativo** – o pronome demonstrativo aponta para algo que está perto da pessoa que fala [*este(s), esta(s), esse(s), essa(s), isto, isso*] ou perto da pessoa de quem se fala [*aquele, aquela, aquilo, aqueloutro(s), aquelaoutra(s)*].
- ◆ **Indefinido** – o pronome indefinido indica uma quantidade incerta, incontável: *tudo, nada, alguém, ninguém, vários, muitos* etc.
- ◆ **Interrogativo** – o pronome interrogativo ocorre em perguntas diretas ou indiretas: *que, quem, qual(is) e quanto(s)*.
- ◆ **De tratamento** – o pronome de tratamento refere-se ao trato cerimonioso. Observe a tabela abaixo:

PRONOME DE TRATAMENTO	UTILIZAÇÃO
Vossa Excelência	Presidente da República, Senadores da República, Ministros de Estado e Tribunais

Tribunais,  
Governadores  
Deputados  
Federais e  
Estaduais,  
Secretários (o)  
Estado, Prefeitos,  
Embaixadores,  
Vereadores,  
Cônsules,  
Professores  
curso superior,  
Chefes das (o)  
Civis e Casa  
Militares,  
Desembargadores,  
Juizes,  
Promotores,

	Oficiais generais e coronéis.
Vossa Magnificência	Reitores de Universidade
Vossa Senhoria	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais; patentes militares subalternas;
Meritíssimo	Juizes de Direito
Senhor(es), Senhora(s)	Pessoas que respeitamos e quem exigimos

	respeito.
Você	Familiares, a e outras pes íntimas.
Vossa Santidade	Papa.
Vossa Eminência Reverendíssima	Cardeais, arcebispos e bispos.
Vossa Reverendíssima	Abades, bispo arcebispos, superiores de conventos, o autoridades eclesiásticas

	sacerdotes e geral.
Vossa Alteza	Príncipes e Duques.
Doutor	Doutor.
Comendador	Comendador
Vossa Onipotência (sempre por extenso)	Deus.
Vossa Majestade	Reis e Imperadores
Vossa Paternidade	Superiores d ordens religio

## 6. Verbo

É a palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza. Varia em número, tempo, modo e pessoa.

Quanto à **classificação**, o verbo pode ser:

- ◆ Da 1ª, 2ª ou 3ª *conjugações*, respectivamente terminado em *-ar*, *-er* e *-ir*.
- ◆ Conjugado em *tempos* diversos (presente, pretérito ou futuro) de *modos* variados (indicativo, subjuntivo e imperativo), apresentando-se em *vozes* distintas (ativa, passiva e reflexiva). A propósito, a voz passiva divide-se em voz analítica e voz sintética.
- ◆ Demonstrado nas formas nominais (infinitivo, participípio e gerúndio).

## 7. Advérbio

É a palavra que modifica o sentido do verbo, do adjetivo, de outro advérbio ou de uma oração inteira. É uma palavra invariável. Quanto à **classificação**, o advérbio pode ser, entre outros tipos, de:

- ◆ **Tempo:** *hoje, amanhã, cedo, tarde, logo.*
- ◆ **Modo:** *bem, mal (e a maioria das palavras terminadas em "mente").*
- ◆ **Lugar:** *aqui, lá, acolá.*
- ◆ **Afirmção:** *sim, deveras, certamente.*
- ◆ **Negação:** *não, absolutamente.*
- ◆ **Dúvida:** *talvez, quiçá, porventura, acaso.*

## 8. Preposição

É a palavra invariável que tem em sua essência a função de ligar duas palavras ou duas orações entre si. São elas:

- ◆ **Essenciais:** a, ante, até, após, com, contra, de, desde, durante, em, entre, por, para, perante, sem, sob, sobre, trás.
- ◆ **Acidentais:** conforme, consoante, segundo, como, mediante, exceto, salvo, fora, que, afora, menos, salvante, tirante, entre outras.

Desse modo, a preposição pode indicar, entre outras funções:

1. Autoria: *obra de Machado de Assis.*
2. Lugar: *Pedro ficou em casa.*
3. Tempo: *chegaremos em três dias.*
4. Modo: *fez tudo às claras.*
5. Causa: *morreu de solidão.*
6. Assunto: *falamos sobre tudo.*
7. Finalidade: *jogamos para vencer.*
8. Instrumento: *atirou com uma escopeta.*
9. Companhia: *moro com meus pais.*
10. Meio: *viajaremos de navio.*
11. Matéria: *seu teto é de vidro.*
12. Posse: *livro de Joana.*
13. Oposição: *Itu jogou contra o Cruzeiro.*
14. Conteúdo: *jarra com água.*
15. Preço: *comprei o livro por R\$ 10,00.*
16. Origem: *somos de Aracaju.*
17. Destino: *vou para São Paulo.*

## 9. **Conjunção**

É a palavra invariável que liga duas orações entre si. Essa classe morfológica está subdividida em dois grupos: *as coordenativas* e *as subordinativas*.



As conjunções coordenativas podem ser:

- Aditivas: *e, nem.*
- Alternativas: *ou... ou; nem, nem... nem; ora... ora; quer... quer; umas vezes... outras vezes; seja... seja.*
- Adversativas: *mas, porém, todavia, entretanto, contudo, não obstante, no entanto.*
- Conclusivas: *logo, pois, portanto, de forma que, de modo que.*
- Explicativas: *porque, pois que, porquanto.*



As conjunções subordinativas podem ser:

- Temporais: *quando, enquanto, antes que, depois que, sempre que, desde que, até que, assim que, mal, enquanto, logo que.*
- Causais: *porque, como, visto que, já que, uma vez que, na medida em que.*
- Condicionais: *se, caso, salvo se, exceto se, desde que, a menos que, sem que, uma vez que.*
- Finais: *para que, de modo que, de forma que, de sorte que, a fim de que.*
- Proporcionais: *quanto mais... tanto mais; à proporção que; ao passo que; à medida que.*
- Conformativas: *conforme, consoante, segundo, como.*
- Consecutivas: *que* (quando na oração anterior houver: *tal, tão, tanto e tamanho*).
- Concessivas: *embora, mesmo que, posto que, conquanto, ainda que.*
- Comparativas: *como, quanto, que, do que, assim como, mais (do) que, menos (do) que.*
- Integrantes: *que* (quando introduzirem orações subordinadas substantivas).

## 10. Interjeição

É a palavra que exprime um sentimento repentino. São exemplos:



Advertência: *cuidado!, calma!, sentido!, fogo!, atenção!, devagar!, olha lá!*



Afugentamento: *fora!, rua!, xô!, saia!, passa!*



Animação: *vamos!, força!, firme!, coragem!, ânimo!, avante!*



Alegria: *ah!, oba!, viva!, oh!*



Alívio: *ufa!, oh!, ah!*



Apelo, chamamento: *olá!, alô!, socorro!, psiu!, ei!, ou!*



Aplauso: *bis!, bravo!, mais um!, ótimo!, viva!, parabéns!, muito bem!, boa!*

- ◆ Concordância: *claro!, pois não!, sim!, tá!, tá bom!*
- ◆ Desaprovação: *credo!, essa não!, ora!, francamente!, sinceramente!, puxa!*
- ◆ Desejo: *tomara!, se Deus quiser!, oxalá!, pudera!, com fê em Deus!*
- ◆ Dor, lástima: *ai!, ui!, que pena!, ai de mim!, ah!, oh!*
- ◆ Dúvida: *como assim?, o quê?, epa!, qual o quê?, hein!, perai!, opa!*
- ◆ Espanto: *puxa!, uai!, ué!, mesmo?, oh!*
- ◆ Saudação: *olá!, alô!, salve!, ave!, adeus!*
- ◆ Silêncio: *silêncio!, basta!, chega!, psiu!, quieto!*
- ◆ Surpresa, admiração: *caramba!, cruz!, putz!, que legal!, nossa!, vixe!, opa!*

## 11. Palavras denotativas (ou de realce)

Ainda há, na Língua Portuguesa, palavras que não pertencem a nenhuma classe gramatical – são chamadas de *palavras denotativas* ou *de realce*. Às vezes, tais palavras são empregadas com valor de advérbio e designam:

- ◆ Inclusão: *até, inclusive, mesmo, também, ainda, ademais, além disso, de mais a mais.*
- ◆ Exclusão: *apenas, salvo, senão, só, somente, exclusive, menos, exceto, fora, tirante.*
- ◆ Realce: *cá, lá, que, é que, só, se, mesmo, embora, sobretudo.*
- ◆ Retificação: *aliás, ou antes, isto é, ou seja.*
- ◆ Situação: *afinal, agora, então.*
- ◆ Afetividade: *felizmente, infelizmente.*
- ◆ Explanação (explicação): *isto é, a saber, por exemplo.*
- ◆ Designação: *eis.*



#### 1. Regências verbal e nominal

A palavra “regência” é originada do latim “regens”, que denota ação ou efeito de reger. Tal conceito, aqui, será de fundamental importância para explicar a relação de dependência que existe entre alguns termos. Isso significa que, em nossa língua, muitas vezes, o verbo e o nome (substantivo, adjetivo e advérbio) subordinam um outro sintagma a quem este está subordinado por meio de uma preposição. A propósito, o *sintagma* é um constituinte menor que uma oração, compondo-se de uma ou mais palavras. A oração acaba sendo também um tipo de sintagma.

Nesse passo, frise-se que as preposições são palavras invariáveis que têm, em sua essência, a função de ligar palavras de mesmo valor e orações entre si. Destacaremos aquelas que merecem uma atenção especial, para estudar o assunto em questão: *a, com, contra, de, em, para, por, sobre*.

Chamamos de *termo regente* o elemento determinante e de *termo regido* aquele introduzido pela preposição. Quando se usa uma preposição menos indicada em lugar da correta, dizemos que houve um erro de regência. Alguns casos não provocam dúvida alguma, ao exemplo do verbo “gostar”, cuja regência é muito conhecida. É de ciência de todos que tal verbo exige seu complemento introduzido pela preposição “de”, assim:

Pedro gosta de Maria.

(Porque quem gosta, gosta de algo ou de alguém)

OU

Nós gostamos muito de chocolate.

Entretanto, muitas vezes, é comum depararmos com nomes e verbos sobre cujas regências temos dúvidas. Isso acontece porque, em nosso dia a dia, optamos por utilizar algumas expressões com mais frequência, uma vez que são próprias da oralidade, e desconhecemos outras, as quais ficam restritas apenas ao texto escrito ou mesmo ao oral, em ocasiões mais formais.

É importante ressaltar que há possibilidade de dupla regência em alguns

casos. Para melhor esclarecer, iniciaremos o estudo com alguns exemplos de regência verbal. Após, partiremos para a análise da regência nominal.

### **1.1 Regência verbal**

A regência verbal diz respeito à relação de dependência entre o verbo (termo regente) e seu complemento (termo regido), a qual se dá por meio de uma preposição. Quando o verbo exige um complemento sem preposição (objeto direto), estamos diante de um *verbo transitivo direto*. Quando o verbo exige a preposição, trata-se de um *verbo transitivo indireto*. Também há casos em que o verbo já tem sentido completo, dispensando complementos, são os chamados *verbos intransitivos*.

Vejam os alguns exemplos de verbos que admitem nenhuma, uma ou mais regências:

#### **1) Agradar**

- a) Acarilhar: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*A menina agradou seu gatinho.*

*A avó agradou seus netos.*

- b) Satisfazer a vontade; dar prazer: com ou sem a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO DIRETO OU INDIRETO

*A nota da menina agradou a seus pais.*

*A notícia da promoção agradou ao meu pai.*

*O “show” não agradou ao público nele presente.*

#### **2) Agradecer**

- a) Mostrar-se agradecido por algo: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*Nós agradecemos o favor prestado por você.*

*O dono do restaurante agradeceu a preferência.*

- b) Demonstrar gratidão: não pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*O cantor agradeceu o público.*

*O dono da padaria agradeceu os fregueses que compareceram à*

*inauguração.*

### 3) **Ajudar**

- a) Prestar ajuda, apoio ou auxílio: com ou sem preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO OU TRANSITIVO INDIRETO

*Eu ajudo os (ou aos) necessitados.*

*Ela me ajuda no serviço doméstico.*

- b) Socorrer ou prestar socorro: não pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*Ajudaremos os feridos naquele acidente.*

*Ajudei os sobreviventes do desastre aéreo.*

- c) Facilitar algo: não pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*Coca-cola não ajuda a digestão.*

- d) Servir como acompanhante: pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Ele vai ajudar à missa deste domingo.*

### 4) **Ansiar**

- a) Desejar algo com intensidade: com ou sem preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO OU TRANSITIVO INDIRETO

*A moça anseia um diploma universitário.*

- b) Provocar angústia, agonia: não pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*A minha doença anseia meus pais.*

- c) Necessitar, requerer urgentemente: não pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*Tal questão anseia máxima atenção dos vereadores.*

### 5) **Anteceder**

- a) Preceder, ocorrer antes: com ou sem preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO OU INDIRETO

*Dezenas de revoltas e motins antecederam a (ou à) deposição do tirano.*

## 6) Aproveitar

Valer-se ou servir-se de algo: com preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO OU TRANSITIVO INDIRETO OU VERBO PRONOMINAL

*Aproveitei-me da presença de meu pai no almoço para lhe pedir um favor.*

*Os sequestradores se aproveitaram da confusão para escapar da polícia.*

## 7) Aspirar

a) Sorver, respirar: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*Aspiramos ar poluído todos os dias.*

*Aspirei aquele delicioso perfume.*

b) Puxar ou absorver por meio de um aparelho: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*A doméstica aspirou o pó do tapete.*

*Aquela bomba aspirava água do tanque.*

c) Almejar: pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*A secretária aspira ao cargo mais elevado da empresa.*

*A nova atriz aspira à fama.*

## 8) Assistir

a) prestar assistência, ajudar: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO, embora alguns gramáticos mais modernos também admitam o uso da preposição “a”, nesta acepção, o que o torna VERBO TRANSITIVO INDIRETO.

*O doutor assistiu o (ao) paciente.*

b) Ver, presenciar: pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Fomos assistir ao espetáculo de dança, ontem.*

**Observação:** nesse caso, não admite a forma pronominal “lhe”.

- c) Caber, pertencer: pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Não assiste a você este assunto.*

- d) Morar: pede a preposição “em”.

VERBO TRANSITIVO CIRCUNSTANCIAL (Esses verbos são conhecidos por uma particularidade muito curiosa: possuem sentido incompleto, porém seus complementos não são os objetos, e sim expressões locativas, ou seja, são adjuntos adverbiais que indicam circunstância de lugar).

*Ele assiste em São Paulo.*

## 9) Atender

- a) Quando se refere à *pessoa*, o verbo pode dispensar o uso da preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO DIRETO OU INDIRETO

*O médico não pôde atender os (aos) pacientes.*

- b) Quando se refere à *coisa*, é preferível que se utilize a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Pode atender ao telefone?*

## 10) Chamar

- a) Convocar: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*Mário chamou seu colega para jogar.*

- b) Apelidar: o verbo pede um objeto, que pode ser direto ou indireto. Uma vez que se opte pelo último caso, usa-se a preposição “a”. Além do objeto, o verbo, nesta acepção, pede um predicativo, que vem a ser o apelido ou nome atribuído ao seu objeto. Assim, o predicativo pode vir precedido da preposição “de” ou não.

VERBO TRANSUBJETIVO (aquele que, além de exigir um objeto, também necessita de um predicativo desse objeto). São os verbos com caráter “julgador”.

*Pedro acha Joaquim tolo.*

Portanto, haverá quatro possibilidades de construção sintática.

*Pedro chamou Joaquim de tolo.* ou

*Pedro chamou Joaquim tolo.* ou

*Pedro chamou a Joaquim de tolo.* ou

*Pedro chamou a Joaquim tolo.*

### 11) Chegar – ir (indicando destino)

Pedem a preposição “a”.

VERBOS TRANSITIVOS CIRCUNSTANCIAIS

*Ela chegou a Brasília.*

*Ela foi à Argentina.*

**Observação:**

◆ Quando o verbo “chegar” indica procedência, exigir-se-á a preposição “de”.

*Ela chegou de Brasília.*

◆ Quando o verbo “ir” designar uma mudança definitiva, usa-se a preposição “para”.

*Ela foi para Brasília.* (Ou seja, para morar lá)

### 12) Esquecer – Lembrar

Não pedem preposição.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS

*Esquecemos o compromisso.*

*Eu lembrei seu aniversário.*

**Observação:** Quando esses verbos forem usados em suas formas pronominais – *esquecer-se* e *lembrar-se* –, pedem a preposição “de”.

VERBOS TRANSITIVOS INDIRETOS

*Eles se esqueceram de pagar a conta de luz.*

*Eu me lembrei de abastecer o carro.*

### 13) Implicar

a) Acarretar: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*A infração das leis de trânsito implica multa.*

b) Encrencar: pede a preposição “com”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Brenda implica muito com seu irmão.*

**14) Informar – Notificar – Noticiar – Certificar – Cientificar – Avisar – Comunicar**

Tais verbos admitem tanto o objeto direto quanto o objeto indireto.

VERBOS TRANSITIVOS DIRETO E INDIRETO.

É permitida a esses verbos a inversão de seus objetos, ou seja, o objeto direto pode se transformar em indireto, desde que o objeto indireto se torne, automaticamente, direto. É necessário que haja sempre, em suas construções sintáticas, apenas UM objeto direto e UM objeto indireto. Quando o objeto indireto for pessoa, usa-se a preposição “a”; quando for coisa, usa-se a preposição “de” ou “sobre”.

*Informamos seus pais de (ou sobre) sua nota.*

*Informamos a seus pais sua nota.*

**15) Necessitar**

Demandar; precisar: com ou sem preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO OU INDIRETO

*Um país desenvolvido necessita cidadãos (de) conscientes do patriotismo.*

*Necessito (de) sua ajuda.*

**16) Obedecer**

Pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Eu obedeço à lei.*

*O filho desobedece ao pai.*

**17) Pagar – perdoar – requerer – ensinar**

Tais verbos admitem tanto o objeto direto (a coisa) quanto o objeto indireto (a pessoa, regida pela preposição “a”).

## VERBOS TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS

*Perdoei uma dívida ao meu irmão.*

*Paguei ao médico o boleto.*

*Perdoou a falha à amiga.*

### 18) **Precisar**

a) Apontar precisamente: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*O comandante precisou o local de pouso da aeronave.*

b) Necessitar: pede a preposição “de”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Nossa empresa precisa de empregados altamente qualificados.*

### 19) **Presidir**

Admite que seu complemento seja precedido ou não de preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO ou VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Dilma preside o (ao) país.*

### 20) **Preferir**

Admite a construção da frase apenas com o objeto direto.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*Eu prefiro maçãs.*

**Observação:** entretanto, pode pedir não só o objeto direto como também o objeto indireto.

VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO

*Eu prefiro morenas a loiras.*

É importante ressaltar que esse verbo, em linguagem coloquial, tem sua regência transgredida, costumeiramente. Todavia, se quisermos falar corretamente, é necessário que se utilize a preposição “a” introduzindo o objeto indireto.

### 21) **Querer**

a) Desejar, ter vontade: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*Quero uma moto.*

- b) Amar, querer bem: pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Quero muito a meus país.*

## 22) Reparar

- a) Consertar: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*O homem reparou o telefone quebrado.*

- b) Observar, olhar: pede a preposição “para”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

Os arquitetos repararam para a linda paisagem.

## 23) Responder

- a) Responder de forma rude ou grosseira: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*A menina respondeu a mãe e foi imediatamente censurada.*

- b) Responder a perguntas: pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Responda às cartas que lhe envie.*

## 24) Servir

- a) Prestar serviço / ser útil / colocar sobre a mesa: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*O atendente já a serviu, madame?*

*Meu filho serviu o exército.*

*Gosto de servir os meus avós.*

*Ela serviu o quente cafezinho.*

- b) Prestar serviços bélicos / tornar-se útil / ajustar-se ao corpo / ter algum tipo de serventia / prestar algum serviço, não importa a sua natureza: pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Este homem não lhe serve, minha filha!*

*A camiseta branca não lhe serviu.*

*O colchão furado serviu de cama ao pároco.*

*Ela serviu ao seu país com honradez.*

## 25) Visar

- a) Mirar: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*O animal selvagem visou sua presa.*

- b) Dar o visto: não pede preposição.

VERBO TRANSITIVO DIRETO

*O patrão visou o cheque.*

- c) Ter por objetivo: pede a preposição “a”.

VERBO TRANSITIVO INDIRETO

*Todos nós visamos à liberdade.*

**Observação:** Alguns gramáticos mais modernos também admitem visar, nessa acepção, como um verbo transitivo direto.

*Todos nós visamos a liberdade.*

## 1.2 Regência nominal

Trata-se da relação de dependência existente entre o nome relativo (substantivo, adjetivo ou advérbio) e seu complemento, a qual se dá por meio de uma preposição.

A seguir, alguns exemplos mais comuns:

- 1. Pedem a preposição “a”:** acessível, acostumado, adido, adjunto, adequado, alheio, análogo, apto, atenção, avesso, benéfico, cego, conforme, consulta, correspondente, desatento, desfavorável, desleal, equivalente, fiel, grato, grudado, guerra, horror, hostil, ida, idêntico, inclinação, inerente, nocivo, obediente, odioso, ojeriza, oposto, paralelo, peculiar, pernicioso, preferência, presente, próximo (a ou de), relacionado, relativo, superior, surdo (de), visível.
- 2. Pedem a preposição “de”:** amante, amigo, ansioso, ávido, capaz, cobiçoso, comum, contemporâneo, constante, correspondente, curioso, devoto, diferente, digne, dotado, duro, equivalente, estreito, fértil, fraco, horror,

inocente, invasão, menor, natural, nobre, orgulhoso, pálido, passível, pobre, pródigo (em), próximo, temeroso, vazio, vizinho.

3. **Pedem a preposição “com”:** acostumado, afável, amizade, amoroso, aparentado, atenção, compatível, conforme, consideração, cruel, cuidadoso, descontente, falta, furioso (de), ingrato, liberal, misericordioso, orgulhoso, parecido (a), rente (a, de).
4. **Pedem a preposição “contra”:** desrespeito, manifestação, queixa.
5. **Pedem a preposição “em”:** assíduo, constante, cúmplice, diligente, entendido, erudito, exato, fecundo, fértil, fraco, forte, hábil, indeciso, lento, morador, perito, residente, sábio, sito, situado, último (de, a), único.
6. **Pedem a preposição “entre”:** convênio, união.
7. **Pedem a preposição “para”:** apto, bom, essencial, falta, ida, impróprio, incapaz, inclinação, inútil, pronto (em), útil.
8. **Pedem a preposição “para com”:** afável, amoroso, capaz, cruel, intolerante, orgulhoso.
9. **Pedem a preposição “por”:** amizade, amor, ansioso, apaixonado, aversão, consideração, horror, inclinação, passagem, preferência, senador, querido (de), responsável, respeito (a, de).
10. **Pedem a preposição “sobre”:** dúvida, influência, liderança, palpite, pressão, triunfo.



#### **Artigo 14 A gramaticalidade no júri**

Recentemente, todas as atenções se voltaram para o julgamento do caso “Nardoni” – episódio que provocou grande comoção no Brasil, em virtude da morte trágica da menina Isabela. Analisando as notícias que têm sido publicadas nos jornais e revistas, percebe-se a utilização de inúmeras palavras que merecem aqui uma reflexão.

É o caso do termo “**veredito**”. O Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP) sempre considerou o vocábulo como sendo de dupla prosódia, ou seja, admitindo-se as formas “veredito” e “veredicto” (com a letra -c, na penúltima sílaba -**dic**). Os dicionários, por sua vez, optaram pela aceitação da forma clássica “veredicto”. Como a Academia Brasileira de Letras, a quem cabe a elaboração do VOLP, é o órgão que define oficialmente a legitimidade dos vocábulos em nosso léxico, devemos adotar a sua orientação, apesar da

postura mais restritiva dos dicionaristas. Portanto, fiquemos com “veredicto” e com sua variante “veredito”. Em bom trocadilho, dir-se-á: “*Na gramática, veredicto ou veredito: eis o veredicto ou veredito!*”.

Também notei a reiterada utilização da palavra “júri”. É importante destacar que tal vocábulo recebe o acento agudo na sílaba -jú, uma vez que prevalece a regra gramatical: todas as paroxítonas terminadas por -i (ou por -is) receberão o acento gráfico. Pela mesma razão, acentuam-se *táxi, ravióli, biquini, beribéri, lápis, tênis, miosótis* etc. Frise-se, em tempo, que tal regra não sofreu alteração com o Acordo Ortográfico, mantendo-se o acento gráfico sem novidades. Aliás, a título de curiosidade, diga-se que o termo “júri” é classificado como *substantivo coletivo* de jurados.

Quase sempre ao lado do termo em epígrafe, tem aparecido o substantivo “sessão”, em “sessão de júri”. O termo “sessão” deve ser assim grafado, com a presença de -ss, por indicar uma “apresentação, reunião”. Daí se falar em “sessão de cinema”, em “sessão plenária”, em “sessão espírita” etc. Não se pode confundi-lo com os demais termos parônimos: “seção” (ou “secção”), no sentido de “departamento, repartição” (por exemplo, “seções do escritório”), e “cessão”, indicando-se o “ato de ceder” (por exemplo, “cessão de direitos”). Portanto, acertam os jornalistas quando têm escrito “sessão de júri”.

Também tem sido recorrente a utilização do vocábulo “réu”. Perguntar-se-á: a acentuação dos ditongos abertos sofreu modificação com o Acordo? Como terá ficado a acentuação em palavras como “réu”, “anéis” e “anzóis”? Vamos à resposta: antes do Acordo, acentuavam-se todas as palavras que apresentavam ditongos abertos “éu”, “éi” e “ói”. Exemplos: *chapéu, papéis, herói*. Após a reforma ortográfica, o acento agudo desapareceu apenas no caso de *paroxítonas*, ou seja, aquelas palavras cuja sílaba tônica é a penúltima. Exemplos: IDEIA (antes, “idéia”); PARANOIA (antes, “paranóia”); HEROICO (antes, “heróico”). Daí se falar que, nas *oxítonas*, formadas pelos ditongos citados, nada mudou, permanecendo o acento. Exemplos: ANÉIS, ANZÓIS, CHAPÉU, PAPÉIS, HERÓI, entre outras. O mesmo se deu com os monossílabos, que permaneceram com o acento: DÓI, MÓI, RÓI, CÉU e, também, RÉU.

Sabe-se que nos júris é normal a presença de testemunhas. A propósito, tem sido bastante comum a menção na mídia ao vocábulo “testemunha”. Trata-se de substantivo escrito sempre no feminino (a testemunha), independentemente

de se referir a homem ou a mulher. Na gramática, o termo se classifica como “*substantivo sobrecomum*”. O mesmo fenômeno de exclusividade de gênero ocorre em “vítima” (a vítima), “pessoa” (a pessoa), “criança” (a criança), “indivíduo” (o indivíduo), “cônjuge” (o cônjuge). Se houver a necessidade de especificar o sexo da pessoa, recomenda-se mencionar “*a testemunha do sexo masculino*” (ou “*a testemunha masculina*”) ou “*a testemunha do sexo feminino*” (ou “*a testemunha feminina*”).

Por outro lado, não confunda a classificação: o vocábulo “repórter”, por exemplo, não é um substantivo sobrecomum, mas “comum de dois gêneros”, pois sob uma só forma pode designar os indivíduos dos dois sexos. Exemplo: **o** repórter e **a** repórter. O mesmo ocorre com os termos **o/a** jovem, **o/a** cliente, **o/a** jornalista etc.

Por fim, ressalte-se que o verbo “**acarear**” transita em abundância nas sessões de júri. Da mesma forma o substantivo “acareação”, significando o “*ato de contrapor testemunhas cujos depoimentos são dissonantes*”. A conjugação verbal merece nossa atenção. Há dúvidas oportunas. Note-as:

#### **O correto é:**

1. “**Eu acareio**” ou “**eu acario**”?
2. **Ou, ainda: “o juiz acareia” ou “o juiz acaria”?**
3. **E, mais: “ontem o juiz acareou” ou “ontem o juiz acariou”?**

A resposta avoca uma análise dos verbos terminados por **-iar** e por **-ear** (como é o caso de “acarear”). Os verbos terminados por **-iar** seguem a regular conjugação: *eu abrevio* (para “abreviar”); *eu calunio* (para “caluniar”); *eu copio* (para “copiar”); *eu premio* (para “premiar”); *eu plagio* (para “plagiar”); *eu maquio* (para “maquiar”); entre outros tantos. Em tempo, como exceção à regra, destacam-se cinco verbos que terão a substituição do “i” por “ei” em certas conjugações: 1. **Mediar** (eu medeio); 2. **Ansiar** (eu anseio); 3. **Remediar** (eu remedeio); 4. **Incendiar** (eu incendeio); 5. **Odiar** (eu odeio). Como recurso mnemônico, sugerimos o estudo dos cinco verbos pela soma das suas letras iniciais, acima destacadas, formando-se a palavra “**M-A-R-I-O**”.

Por outro lado, nos verbos terminados em **-ear**, a vogal **-i** aparecerá naquelas formas em quem a sílaba tônica recair no radical do verbo (*formas rizotônicas*). Note o exemplo:

### **Verbo NOMEAR:**

Eu nom**E**Io, Tu nom**E**Ias, Ele nom**E**Ia,

Nós nom**E**Amos, Vós nom**E**Ais, Eles nom**E**Iam.

Da mesma forma, esta conjugação ocorre com *frear*, *lastrear* etc.

Assim, respondendo às perguntas, devemos escrever:

#### **O correto é:**

1. “Eu nomeio”, “eu freio”, “eu lastreio” e, finalmente, “**eu acareio**”.
2. E, ainda: “o juiz nomeia”, “o juiz freia”, “o juiz lastreia” e, finalmente, “**o juiz acareia**”.
3. Por fim: “ontem o juiz nomeou”, “ontem o juiz freou”, “ontem o juiz lastreou” e, finalmente, “**ontem o juiz acareou**”.

No século passado, Georges Simenon, um escritor belga que nos deixou quase duzentos romances escritos, já dizia: “*A tarefa do escritor é compreender e não julgar*”. Do desfecho do importante “caso Nardoni”, espera-se um julgamento justo. De nós, escritores e leitores, espera-se tão somente a compreensão. Que tal começarmos “bem compreendendo” ao perceber que pode haver, sim, gramaticalidade no júri?



### **Artigo 15 O extremo do argumento estreme de dúvidas**

Não é incomum encontrarmos nos textos jurídicos a expressão “estreme de”, escrita, assim mesmo, com -s.

À primeira vista, a grafia causa impacto, talvez por estarmos mais acostumados ao vocábulo “extremo”, escrito com -x.

Embora os termos tenham grafia semelhante, os sentidos são bem dessemelhantes. Passemos à análise diferenciadora.

O adjetivo “estreme”, grafado com -s, transita com maior frequência na expressão “estreme de”. Quando se diz, por exemplo, que um argumento é **ESTREME DE DÚVIDAS**, quer-se afirmar que o argumento é despido de dúvidas, ou seja, que ele é puro, indubitável, indiscrepante ou sem contradições. Curiosamente, a errônea expressão “extreme de dúvidas”, com -x, transita por aí, com imensa tranquilidade, como se existisse em nosso vernáculo. Há que se ter cautela!

Além disso, não se pode perder de vista que **ESTREME** pode ser uma das flexões verbais do verbo “estremar”, também grafado com -s, na primeira pessoa do *presente do subjuntivo* (*que eu estreme*). De igual modo, admite-se **ESTREMO**, como a flexão verbal na primeira pessoa do *presente do indicativo* do mesmo verbo (*eu estremo*). Em tempo, frise-se que o termo **ESTREMO** também pode se enquadrar como substantivo masculino, na acepção de “limite”. Exemplo: *Foram estabelecidos os extremos do território*.

Com relação à significação do verbo **ESTREMAR**, destacam-se as seguintes acepções:

1. **Delimitar, balizar ou demarcar uma propriedade rural com “estremas” (marcos divisórios):**

*Os fazendeiros estremarão a área com cercas, a fim de conviverem pacificamente.*

2. **Separar, servindo-se de marco divisório:**

*A montanha estrema os dois vilarejos.*

3. **Diferençar, discriminar:**

*O vestibular serve para estremar os vencedores dos vencidos.*

Resumindo, o vocábulo **ESTREME** pode ser adjetivo ou verbo, podendo servir para formar a corriqueira expressão “estreme de dúvidas”, ou, ainda, para indicar a flexão verbal (*Espera-se que ele estreme o terreno com o muro a ser construído*). Como se viu, ele convive com o outro vocábulo – **ESTREMO** –, sendo este um substantivo e, também, uma flexão verbal.

Por outro lado, o verbo **EXTREMAR**, escrito com -x, tem sentidos diversos, podendo indicar:

1. **A “ideia de intensificação ou exaltação”:**

*A queda do ditador egípcio foi comemorada pelo povo com alegria estremada.*

2. **Na forma pronominal (extremar-se), a acepção de “assinalar-se ou distinguir-se”:**

*O combatente extremou-se como o mais destemido no campo de batalha.*

Ademais, o termo **EXTREME** pode ser uma das flexões verbais do verbo “extremar”, igualmente grafado com -x, na primeira pessoa do *presente*

do subjuntivo (*que eu extreme*). De modo idêntico, admite-se **EXTREMO**, como a flexão verbal na primeira pessoa do *presente do indicativo* do verbo (*eu extremo*).

Nesse rumo, também se destaca o termo **EXTREMO**, como adjetivo ou substantivo:

1) **Como adjetivo:** na acepção daquilo que é “o mais afastado, distante ou longínquo”:

*Chegamos ao ponto extremo da montanha.*

2) **Como substantivo:** com o sentido de “o maior grau ou auge”: *Este é o extremo da bondade humana.*

Diante de todo o exposto, convém apreciarmos o quadro mnemônico abaixo, para uma adequada memorização:

GRAFIA	VOCÁBULOS	CLASSE
COM -S	ESTREMAR	◆ VI (de)I
	EXTREME	◆ VI eu e subj. ◆ Al extre

		“estr dúvic
	<b>ESTREMO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◆ VI <i>estre</i></li> <li><i>indic</i></li> <li>◆ SUBJ <i>limite</i></li> </ul>
<b>COM -X</b>	<b>EXTREMAR(-SE)</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◆ VI <i>inten</i></li> </ul>
	<b>EXTREME</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◆ VI <i>eu e</i></li> <li><i>subj.</i></li> </ul>
	<b>EXTREMO</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>◆ VI</li> </ul>

	<i>extre</i> <i>indic</i> ◆ SUBS <i>maic</i> ◆ Al <i>dista</i>
--	--

Em bom trocadilho, terminamos dizendo: ao conseguir “estremar” estas difíceis variações, a aprendizagem do tema ficará realmente “estreme de dúvidas”.



#### 1. Concordância verbo-nominal

Para Evanildo Bechara, a concordância consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.

Na medida em que o verbo só varia em pessoa e número, a **concordância verbal** diz respeito à adequação em pessoa e número entre o termo determinante (sujeito) e o termo determinado (verbo). Em alguns casos, o verbo também pode vir a concordar com o predicativo.

Por outro lado, a **concordância nominal** refere-se à adequação em gênero e número entre o termo determinante (substantivo e pronomes substantivos) e o termo determinado (adjetivo, pronomes adjetivos, numerais e artigos).

#### 2. Concordância verbal

##### 2.1 Princípio geral

O verbo concorda com o sujeito em número e pessoa.

*Nós vivemos uma nova realidade.*

*As crianças brincam no parque.*

*Não faltarão oportunidades.*

*Eu e você somos livres.*

*O diretor conversou com sua secretária.*

*Nós viajaremos para o litoral no fim de semana.*

*Meus filhos estudarão em boas escolas.*

*Fumar cigarro faz mal à saúde.*

##### 2.2 Regras específicas de concordância verbal



**Sujeito composto e posposto ao verbo:** pode ocorrer a concordância com o núcleo mais próximo (o primeiro), além da concordância tradicional.

*Chegamos eu e meu filho ao consultório.*

*Morreu o marido e a esposa.*

Ou

*Cheguei eu e meu filho ao consultório.*

*Morreram o marido e a esposa.*



**Núcleos do sujeito com sentidos muito próximos:** o verbo pode concordar com os dois, ou permanecer no singular.

*Coragem e bravura são dons divinos.*

*Correr e nadar faz bem à saúde.*

Ou

*Coragem e bravura é dom divino.*

*Correr e nadar fazem bem à saúde.*



**Núcleos ligados pelas conjunções ou/nem:** se a ideia for de exclusão de um núcleo pelo outro, o verbo permanecerá no singular.

*Pedro ou João ganhará a eleição.*

*André ou Marcos irá ao “show”.*

Caso contrário, o verbo irá ao plural.

*Nem Pedro nem João impedirão a eleição.*

*Nem André nem Marcos irão ao “show”.*



**Sujeito composto das expressões partitivas – “a maioria de”, “grande parte de”, “a maior parte de”:** pede a concordância verbal no singular ou no plural.

*A maioria das pessoas gosta (ou gostam) de chocolate.*

*A maior parte dos parlamentares votou (ou votaram) a favor da emenda.*

*Grande parte dos homens se espantou (ou se espantaram) com o ocorrido.*



**Sujeito composto da expressão “mais de um”:** pede o verbo no singular, ou, quando a ideia for de reciprocidade, o verbo irá para o plural.

*Mais de um carro foi encontrado.*

*Mais de uma pessoa me viu.*

*Mais de um carro se chocaram.* (entre si)

*Mais de um amigo se abraçaram emocionados.*

**Sujeito com termo pluralizado:** o verbo concordará com o artigo, ou, caso este não ocorra, o verbo permanecerá no singular.

*Os Estados Unidos são a maior potência mundial.*

*As ONGs ajudam no desenvolvimento sustentável do país.*

*Minas Gerais é um estado brasileiro.*

*Férias é bom.*

**Verbos impessoais (aqueles que não possuem sujeito):** permanecem sempre na terceira pessoa do singular. São eles:

– “Haver” e “ter”, no sentido de existir, acontecer.

*Tinha 10 mil pessoas no “show”.*

*Havia dois gatos naquela sala.*

– “Fazer”, indicando tempo transcorrido.

*Faz 12 anos que não a vejo.*

*Faz 5 dias que não vou à academia.*

– Verbos que indicam fenômenos da natureza.

*Choveu todos os dias.*

*Garouou esta manhã.*

**Observação:** entretanto, em sentido metafórico, admitem o plural, se necessário para concordar com o sujeito.

*Choveram notas boas no exame.*

*Trojejavam de raiva os diretores daquela empresa.*

**Sujeito “que” ou “quem”:** o verbo concorda com o termo a que o pronome relativo se refere.

*Fui eu que (quem) falei a verdade.*

*Foi ele que (quem) me contou a história.*

Por sua vez, o pronome relativo “quem” também admite a concordância com o verbo na terceira pessoa do singular.

*Fui eu quem falou a verdade.*

*Foi ele quem me contou a história.*

❖ **As construções [porcentagem + termo preposicionado]:** pedem que o verbo concorde com este ou com aquela.

*30% do público não gostou do espetáculo.*

*20% da população nunca viajou ao exterior.*

*30% das pessoas não gostaram do espetáculo.*

*20% da população nunca viajaram ao exterior.*

Caso esteja omitido o termo preposicionado, o verbo concordará com o numeral.

❖ **Sujeito ligado pela preposição “com”:** pede o verbo no singular ou no plural (para enfatizar a participação do segundo elemento).

*O presidente, com seus assessores, encerrou a reunião.*

*O presidente com seus assessores encerraram a reunião.*

❖ **Expressões “qual de nós” e “qual de vós”:** pedem o verbo na terceira pessoa do singular. Quando estiverem no plural, o verbo irá para a terceira pessoa do plural ou concordará com o pronome reto.

*Qual de nós será o escolhido?*

*Qual deles será promovido.*

*Quais de vós serão (ou sereis) os escolhidos?*

*Quais de vós participarão (ou participareis) da nova campanha publicitária?*

❖ **Sujeito como título de obra no plural:** usa-se o verbo no plural. Com predicado nominal, o verbo “ser” pode permanecer no singular.

*“Os Normais” fizeram muito sucesso na TV.*

*“Os Sertões” foi escrito por Euclides da Cunha.*

❖ **Sujeito formado por “nem um nem outro”:** o verbo fica no singular.

*Nem um nem outro sairá de casa.*

*Nem um nem outro esteve no parque.*

❖ **Sujeito composto sendo formado pelos pronomes pessoais do caso reto:** pede a concordância no plural, prevalecendo sempre a pessoa anterior –

a primeira sobre a segunda e a terceira; a segunda sobre a terceira. Também há a possibilidade de a terceira pessoa prevalecer sobre a segunda.

*Eu e ela somos parecidas.*

*Tu e eles fizeram falta na festa.*

*Tu e ela sois (ou são) parecidas.*



**Verbo “ser”:** pode concordar com o sujeito ou com o predicativo, assim:

– Entre pessoa e coisa, o verbo concorda com a pessoa.

*Eu e meus filhos éramos alegria.*

*As crianças são a bênção do mundo.*

– Entre pessoa (pronomes reto) e pessoa, o verbo concorda com o pronome.

*Eu não sou Ana.*

*Nós não somos eles.*

– Entre coisa e coisa, o verbo concorda com a coisa que estiver no plural.

*Nem tudo são flores.*

### 3. Concordância nominal

#### 3.1 Princípio geral

O adjetivo concorda com o substantivo em gênero e número.

*As praias brasileiras são belíssimas.*

*Aquela criança era fofa.*

#### 3.2 Regras específicas de concordância nominal



**Dois substantivos + adjetivo:** o adjetivo concorda com os dois substantivos ou com o mais próximo.

O vôlei e o futebol brasileiro (ou brasileiros) estão bem representados.

Esta loja é de moto e carro seminovos (seminovo).



**Substantivo + dois adjetivos:** o substantivo vai ao plural ou fica no singular (quando o segundo adjetivo vier determinado pelo artigo).

*O primeiro e segundo lugares no concurso ganharam a bolsa.*

**Ou**

*O primeiro e o segundo lugar no concurso ganharam a bolsa.*

*O primeiro e segundo colocados na prova foram para a grande final.*

**Ou**

*O primeiro e o segundo colocado na prova foram para a grande final.*

**Mesmo, próprio, anexo, incluso, só (= sozinho) e meio (= metade):** concordam com o substantivo (ou pronome substantivo) a que se referem.

*Eles mesmos (próprios) fizeram as atividades.*

*A mulher mesma defendeu o marido.*

*Seguem inclusas (anexas) as atividades.*

*Seguem anexos os documentos.*

*Comi meia maçã.*

*Meus filhos ficaram sós naquela semana.*

**Meio (= mais ou menos), só (= somente) e menos:** trata-se de termos invariáveis.

*Ela anda meio cabisbaixa.*

*Minha mãe esteve meio cansada.*

*Temos menos chances.*

**As expressões “é necessário”, “é preciso” e “é bom”:** permanecem invariáveis, se seu sujeito não é determinado por artigo, numeral ou pronome adjetivo. Caso ele o seja, as expressões passam a concordar em gênero e número com seu determinante.

*É necessário paciência.*

*Limonada é bom pra matar a sede.*

*É necessária a / aquela / muita paciência.*

**Silepse de gênero e de número:** nesse caso, o verbo pode fazer a concordância ideológica.

*O (programa) Criança Esperança beneficia muitos projetos em todo o*

Brasil.

*O (rio) Amazonas é muito extenso.*



### Artigo 16 “*Por si só*” vive só?

Ano termina, ano começa, e vários alunos continuam me perguntando:

“– *Professor, a expressão ‘por si só’ é invariável ou existe ‘por si sós’?*”

Continuarei respondendo a todos:

“– *A expressão será flexionada de acordo com o substantivo em referência.*”

Acerca do tema, sempre me lembro da frase de *Jean de La Fontaine*, que é elucidativa – por conter a expressão –, além de veicular nobre lição: “*Nem a fortuna nem a grandeza são, por si sós, suficientes para sermos felizes.*”

Passemos à análise:

Sugiro, a princípio, a visão em confronto das frases abaixo:

*A prova, por si só, foi suficiente para o julgamento do feito.*

*As provas, por si sós, foram suficientes para o julgamento do feito.*

A regra tem explicação simples. O vocábulo “só”, produzindo realce, tem função adjetiva quando vem ao lado do invariável pronome reflexivo “si”, devendo concordar com o substantivo (“*prova*” ou “*provas*”, nos exemplos em epígrafe). Aliás, se digo, “*elas por si mesmas*”, falarei “*elas por si sós*”. Da mesma forma, se falo “*eles por si próprios*”, direi “*eles por si sós*”. Assim, “por si sós” equivale a “*por si mesmos*” ou “*por si próprios*”. No singular, “a prova” estabelece concordância com “por si só”; no plural, com “por si sós”.

É provável que a reincidência da dúvida entre os falantes ocorra em virtude da coexistência do advérbio “só”, na acepção de “somente”. Como todos os advérbios, “só” permanecerá invariável. Exemplos:



*Ele comprou só duas entradas. (= Ele comprou somente duas entradas);*



*O advogado apresentou só uma prova. (= O advogado apresentou somente uma prova).*

No entanto, é importante relembrar que, no plano morfológico, o adjetivo não se confunde com o advérbio: aquele se flexiona; este, não.

Vamos memorizar, então, outros exemplos que corroboram a forma

“por si sós”:

- ◆ Os elementos probatórios **por si sós** recomendam a punição do criminoso.
- ◆ Estes idosos não se alimentam **por si sós**. Necessitam de nossa ajuda.
- ◆ Essas providências **por si sós** resolverão a celeuma.
- ◆ As provas apresentadas, **por si sós**, não foram robustas o bastante para caracterizar o crime.
- ◆ São fundamentos do despacho que se mantêm **por si sós**.
- ◆ As qualidades do candidato **por si sós** justificam a sua contratação.
- ◆ Há processos que não andam, **por si sós**, na forma da lei processual. Eles necessitam de um impulso do advogado.

Na seara jurídica, é possível observar que os Tribunais têm adotado, na maioria das vezes, a correta concordância. Veja alguns bons exemplos, com os grifos nossos:

1. “EMENTA: (...) *Circunstâncias, **por si sós**, insubsistentes – Princípio da confiança no juiz – Denegação do ‘writ’ (...)*”. (TJ/AP, HC 215.708, j. 21-05-2008);
2. “EMENTA: (...) *Condições pessoais favoráveis, **por si sós**, não bastam para elidir a prisão cautelar derivada de flagrante*” (...). (TJ/MG, HC 1.0000.08.470371-9/000, j. 25-03-2008);
3. “EMENTA: (...) *As condições favoráveis ao réu, tais como, antecedentes, residência fixa e ocupação lícita, **por si sós**, não dão direito ao benefício da liberdade provisória. (...)*”. (TJ/PR, HC 0677274-1, j. 10-06-2010);
4. “EMENTA: (...) *A primariedade, os bons antecedentes, residência e emprego fixos, **por si sós**, não constituem óbice à manutenção da segregação imposta (...)*”. (TJ/PR, HC 0472804-5, j. 13-03-2008);
5. “EMENTA: (...) *O mero advento da maioridade ou conclusão de curso superior, **por si sós**, não revoga automaticamente o dever de prestar alimentos (...)*”. (TJ/DFT, AgR no AI 2010.0020182498/2010);
6. “EMENTA: (...) *as cédulas falsificadas, **por si sós**, não têm o condão de ludibriar o homem mediano. (...)*”. (STJ, CAT Nº 175/ES n. 0130334-0, j. 28-09-2005);

7. “VOTO: (...) *entendeu que estatuto social, contrato social ou atos constitutivos em geral, não são, **por si sós**, peças obrigatórios (...)*”. (TJ/AL, EmbDecl no AgReg no AI 2008.0037850/0001.01/2010; trecho de voto da Des<sup>a</sup>. Nelma Torres Padilha).

De outra banda, o tema tem sido bastante cobrado em provas de concursos e de vestibulares. Observe a seguir as **assertivas corretas**:

1. *Os fatos falam **por si sós***. (Vestibular **MACKENZIE**);
2. *As internações **por si sós** já causam certos distúrbios psicológicos aos pacientes*. (Concurso **PGM/RJ**, 2004);
3. *Os fatos **por si sós** mostram que, das 30 microrregiões afetadas, todas foram atendidas, salvo duas recém-criadas*. (Item *adaptado*; Concurso **MP/SC**, em recente prova, aplicada em 12-12-2010).

Além disso, a expressão sempre compôs a minuta dos discursos políticos. O Embaixador Celso Amorim, em 2005, por ocasião da cerimônia de abertura da *III Conferência Ministerial da Comunidade das Democracias*, utilizou-a com acerto. Observe o trecho:

*“(...) A mais mortífera arma de destruição em massa é a miséria. Derrotá-la só será possível com o empenho de líderes comprometidos com o progresso social: os mecanismos de mercado são úteis para incentivar a produtividade, mas a experiência demonstrou não serem capazes, **por si sós**, de assegurar o fim das brutais desigualdades e injustiças que caracterizam o mundo de hoje. (...)”*. (g.n.)

O presidente da Bolívia, Evo Morales, em recente manifestação na abertura da *IX Conferência de Ministros de Defesa das Américas*, também se valeu da forma, por mais de uma vez, advertindo:

*“Que os povos tenham direito a decidir **por si sós** sobre sua democracia, **por si sós** sobre sua segurança. Enquanto tivermos atitudes intervencionistas com qualquer pretexto, seguramente vai demorar a libertação dos povos.”* (g.n.)

Por falar em Bolívia, talvez Evo Morales gostasse de saber que a expressão por ele repetidamente utilizada já fazia parte do texto legal (art. IV) do *Tratado de Petrópolis*, celebrado entre o Brasil e a Bolívia, no início do século passado, em 1903. Uma bela curiosidade...

Diante do exposto, fica fácil perceber que as duas expressões – “por si só” e “por si sós” – convivem em harmonia. Aliás, para facilitar a compreensão, costume ensinar em sala de aula um recurso musicalmente mnemônico, adiante revelado:

**“Por si SÓ’ / Não vive SÓ; / Ao lado de SI / Tem ‘por si SÓS’.”**

Em tempo, recordo-me de dar essa dica a um grupo de alunos e de ter ouvido de um deles a seguinte frase:

“– *Que interessante essa regra, professor!*”

De pronto, respondi-lhe utilizando uma frase do filósofo e linguista italiano *Silvio Ceccato*, que, a propósito, lapidou-a com a expressão em análise:

*“As coisas, por si sós, não são interessantes, mas tornam-se interessantes apenas se nos interessamos por elas.”*

Trata-se de máxima que, com tanta gramaticalidade, vale por si só...



### **Artigo 17 Implicando com o verbo “implicar”**

Há poucos dias, quando ministrava uma aula de Direito Tributário, interrompi a explicação jurídica e pedi licença aos alunos para trazer-lhes uma dica gramatical. Não raras vezes, valho-me dessa estratégia, com o propósito de enaltecer a importância do conhecimento da gramática normativa para aqueles que desejam militar em nossa solene área jurídica e, além disso, prestar os concursos públicos.

Tal fato se deu no momento da leitura de um dispositivo do Código Tributário Nacional (CTN), que abaixo reproduzo:

“Art. 106. A lei aplica-se a ato ou fato pretérito: (...) II – tratando-se de ato não definitivamente julgado: (...) b) quando deixe de tratá-lo como contrário a qualquer exigência de ação ou omissão, desde que não tenha sido fraudulento e não tenha **implicado em falta** de pagamento de tributo;

(...)” (**grifo nosso**)

Como se pode perceber no destaque acima, o deslize gramatical do legislador se deu no âmbito da chamada “regência verbal”, afeta ao verbo “implicar”.

O uso desse verbo no texto, jurídico ou não, tem sido muito frequente. O jornalista e o escritor, o advogado e o juiz, o promotor e o defensor, o professor e o aluno, e, até mesmo, o legislador, todos preferem adotar o verbo “implicar”, insistindo, quase sempre, na utilização da preposição “em”. Assim, encontram-se frases, como:

- A nulidade do ato **implicou na** tomada de providência. (**na = em + a**)
- O casamento **implica em** verdadeiro sacerdócio.
- Adquirir a casa própria **implica na** mudança de hábitos. (**na = em + a**)

Antes de detalharmos a explicação gramatical, convém frisar que, à luz da gramática normativa e da chamada “língua culta”, as três frases acima teriam sido mais bem escritas, se assim tivessem vindo:

- A nulidade do ato **implicou a** tomada de providência.
- O casamento **implica ( )** verdadeiro sacerdócio.
- Adquirir a casa própria **implica a** mudança de hábitos.

Há uma lógica nisso tudo. A opção inovadora “implicar em algo” é resultado da influência nos usuários da língua daqueles verbos como “resultar” ou “redundar”, que requerem normalmente a preposição “em” (*Algo resulta/redunda em derrota*). Aliás, é fato relevante notarmos que tal brasileirismo tem seduzido parte minoritária dos gramáticos, os quais preferem ceder à forma popular, aceitando-a como legítima. Isso tem ocorrido também em certas situações de concursos públicos, em que a Banca Examinadora enaltece o padrão coloquial em detrimento do padrão culto.

Tudo nos leva a crer que a constatação do problema de regência verbal, no presente caso, não é mera “implicância com o verbo ‘implicar’”, mas, diferentemente, uma providência que deve ser bem assimilada por todos aqueles que lidam, no padrão culto da língua, com a gramática normativa em seu dia a

dia, filiando-se ao sistema linguístico imposto pelas normas cultas. A propósito, passemos agora às acepções do verbo.

O verbo *implicar* tem mais de uma acepção. Pode vir com o sentido de “ter implicância”, quando será acompanhado da preposição “com”, assumindo a transitividade indireta (*A esposa implica com o marido*).

Com um pouco mais de erudição, o verbo em estudo pode aparecer na acepção de “envolver-se”, avocando as preposições “com” ou “em”, sob o rótulo de um pronominal verbo transitivo indireto (*Implicou-se em negócios fraudulentos; Implicou-se com negociações difíceis*).

Entretanto, as significações acima não dizem respeito à regência cotejada naquele dispositivo do CTN. Lá o verbo “implicar” apareceu com o sentido de “acarretar, provocar, trazer como consequência” (“... desde que não tenha sido fraudulento e não tenha **implicado em** falta de pagamento...”) e, nessa acepção, deve ser transitivo direto, repelindo a preposição “em”. Nesse caso, a opção pela preposição – o que tem acontecido de forma recorrente – é condenada pela maioria dos gramáticos, indo também de encontro ao posicionamento majoritário dos dicionaristas e das Bancas de concurso. Portanto, censurada está a regência indireta (preposição “em”) para esta última possibilidade de significação, sobretudo no contexto imposto pelo padrão culto da norma.

Urge lembrar que, no plano legislativo, os erros e acertos convivem, em curiosa harmonia, na atividade do legislador. Ora se caminha para o lado da correção; ora se dirige para o campo do deslize. E, como se trata do discurso jurídico, podemos, sim, falar em “acerto” e “erro”, uma vez que naquele só se admite o padrão culto da língua.

Desse modo, enquanto o art. 37, § 2º, da Constituição Federal demarcou a precisão do uso (“*A não observância do disposto nos incisos II e III implicará a nulidade do ato e a punição da autoridade responsável, nos termos da lei.*”), o legislador do CTN laborou em erro quando, tratando da lapidação do art. 106, II, “b”, utilizou a forma “implicar em” no lugar de um simples “implicar”. Veja como ficaria o dispositivo corrigido:

“Art. 106. A lei aplica-se a ato ou fato pretérito: (...) II – tratando-se de ato não definitivamente julgado: (...) b) quando deixe de tratá-lo como contrário a qualquer exigência de ação ou omissão, desde que não tenha

sido fraudulento e não tenha **implicado** ( ) falta de pagamento de tributo;  
(...)” (**grifo nosso**)

Diante do exposto, há que se relativizar a implicância com o verbo “implicar”. No padrão culto, usaremos o *implicar* “implicando com a preposição em” (isto é, evitando-a!); já no padrão popular, poderemos até arriscar o *implicar* “não implicando com a preposição em” (isto é, utilizando-a!). Todavia, como se enfatizou, a implicância, no discurso jurídico, será sinônimo de cautela. Que se mude o CTN!

## Capítulo 10



### Verbos

#### 1. Verbo

Denomina-se *verbo* a palavra que indica ação, estado ou fenômeno da natureza, e pode flexionar em número e pessoa. Observe as classificações abaixo:

##### 1.1 Quanto à conjugação

- ◆ **1ª conjugação** – os verbos terminados em “-ar” (vogal temática “a”):  
*amar, cantar, derramar, andar, dançar, amarrar.*
- ◆ **2ª conjugação** – os verbos terminados em “-er” (vogal temática “e”):  
*vender, querer, estender, fazer, beber, comer.*
- ◆ **3ª conjugação** – os verbos terminados em “-ir” (vogal temática “i”):  
*partir, sair, existir, ir, rir.*

##### 1.2 Quanto ao modo

- ◆ **Indicativo** – indica uma realidade que aconteceu, está acontecendo ou que ainda vai acontecer. Expressa certeza.
- ◆ **Subjuntivo** – indica uma possibilidade que aconteceu, está acontecendo ou que ainda vai acontecer. Expressa incerteza.
- ◆ **Imperativo** – expressa uma ordem ou pedido. Expressa exigência.

##### 1.3 Quanto ao tempo

- ◆ **Presente** – exprime uma ação alcançada no momento em que se fala: *O tempo agora está nublado.*
- ◆ **Pretérito** – exprime uma ação alcançada anteriormente ao momento em que se fala: *Ontem, o tempo estava nublado.*

A propósito, o chamado *pretérito perfeito* indica uma ação que se iniciou

no passado e já acabou; por sua vez, o *pretérito imperfeito* indica uma ação contínua do passado; por fim, o *mais-que-perfeito* indica um passado mais remoto.

◆ **Pretérito perfeito:** *Ontem, o tempo ficou nublado.*

◆ **Pretérito imperfeito:** *O tempo ficava nublado.*

◆ **Pretérito mais que perfeito:** *O tempo ficara nublado.*

◆ **Futuro** – exprime uma ação a ser alcançada posteriormente ao momento em que se fala: *Amanhã, o tempo estará nublado.*

#### 1.4 Quanto à pessoa e ao número

◆ **1ª pessoa** – correspondente aos pronomes eu (singular) e nós (plural): *eu queria, nós queríamos.*

◆ **2ª pessoa** – correspondente aos pronomes tu (singular) e vós (plural): *tu vais, vós ides.*

◆ **3ª pessoa** – correspondente aos pronomes ele / ela (singular) e eles / elas (plural): *ele pedirá, eles pedirão.*

#### 1.5 Quanto à voz

◆ **Ativa** – seu sujeito pratica a ação. Há casos em que, mesmo nessa voz, admite-se haver passividade do sujeito, não pela construção sintática, mas, sim, pelo sentido próprio do verbo. Exemplo: *O político recebeu propina.*

◆ **Passiva** – seu sujeito sofre a ação. Pode ser *analítica* ou *sintética*.

A voz passiva analítica é dada por meio de uma locução verbal, em que são utilizados verbos auxiliares e um verbo principal no particípio, na seguinte construção: [ser / estar / ficar + o verbo principal (no particípio)]. Exemplo: *O sonho foi realizado.*

A voz passiva sintética é dada pela forma [verbo + partícula apassivadora “se”]. É importante ressaltar que, nesse caso, o verbo concordará com seu sujeito paciente. Exemplo: *Compram-se pães.*

◆ **Reflexiva** – seu sujeito pratica e sofre a ação, simultaneamente: *Feri-me*

*com a faca.*

Ainda há a reflexiva recíproca, que envolve dois elementos numa ação de reciprocidade: *Os enamorados beijaram-se.*

**O verbo pode, ainda, ser *regular* ou *irregular*.**

**Vejamos:**



**Regular** – conjuga-se conforme o verbo modelo (abaixo) e não muda o radical:

<b>VERBO CANTAR – PRES. INDICATIVO</b>	<b>VERBO ANDAR – PRES. INDICATIVO</b>
Eu cant - o	Eu and - o
Tu cant - as	Tu and - as
Ele cant - a	Ele and - a
Nós cant - amos	Nós and - amos
Vós cant - ais	Vós and - ais
Eles cant - am	Eles and - am

<b>VERBO CANTAR - PRET. PERFEITO</b>	<b>VERBO ANDAR - PRET. PERFEITO</b>
Eu cant - ei	Eu and - ei
Tu cant - aste	Tu and - aste
Ele cant - ou	Ele and - ou
Nós cant - amos	Nós and - amos
Vós cant - astes	Vós and - astes

-----	-----
Eles cant - aram	Eles and - aram



**Irregular** – sofre alteração no radical e/ou nas desinências:

<b>VERBO <i>DAR</i></b> <b>– PRES.</b> <b>INDICATIVO</b> <b>(IRREGULAR)</b>	<b>VERBO <i>DAR</i></b> <b>– PRET.</b> <b>PERFEITO</b> <b>(IRREGULAR)</b>
Eu d - ou	Eu d - ei
Tu d - ás	Tu d - este
Ele d - á	Ele d - eu
Nós d - amos	Nós d - emos
Vós d - ais	Vós d - estes
Eles d - ão	Eles d - eram



**Anômalo** – é completamente irregular, tendo suas formas totalmente modificadas: *IR*, *SER* e *PÔR*.

VERBO <i>IR</i> – PRES. INDICATIVO	VERBO <i>SER</i> – PRES. INDICATIVO	IN
Eu vou	Eu sou	E
Tu vais	Tu és	T
Ele vai	Ele é	E
Nós vamos	Nós somos	N
Vós ides	Vós sois	V
Eles vão	Eles são	E



**Defectivo** – não se conjuga em todas as formas. Classificam-se como defectivos, entre outros verbos, os que indicam fenômeno da natureza, devido à impossibilidade de se conjugá-los no modo imperativo: *abolir*,

*adequar, precaver, reaver, entre outros.*

## VERBO *ABOLIR* – PRES. INDICATIVO

Eu xxxxxxxx

Tu aboles

Ele abole

Nós abolimos

Vós abolis

Eles abolem



**Abundante** – apresenta mais de uma forma para a mesma função. Estão, entre outros verbos, os que possuem dois participípios: *haver* (havemos e hemos); *anexar* (anexo e anexado); *eleger* (eleito e elegido); entre outros.



## Artigo 18 O verbo dá o recado

Onze mil. Esse é o número aproximado de verbos em nosso idioma. Muitos deles, é fato, estão em desuso, não fazendo parte da fala do brasileiro. É o caso de “apropinchar-se”, de “soer”, de “resfolegar”, de “aprazer”, de “moscar”.

Em sentido oposto, vários verbos, bem mais comuns, transitam com frequência na linguagem do falante, como “cantar”, “perder”, “sorrir”, entre tantos outros.

Há ainda aqueles que apresentam conjugação capciosa, que acaba levando o emissor à dúvida: é “intermedeio” ou “intermedio”?; é “requereu” ou “requis”?; e, ainda, é “previu” ou “preveu”? Respostas corretas: as primeiras formas! Deve-se falar “**intermedeio, requereu e previu**”.

De outra banda, sobressaem os *verbos abundantes*, que permitem a conjugação dupla no particípio: são legítimas as formas “pago” e “pagado”; “pego” e “pegado”; “gasto” e “gastado”; “impresso” e “imprimido”. Algumas dezenas desses verbos nos perseguem por aí e, às vezes, “pegam” alguns que falam, equivocadamente, “chego”. Cuidado! O verbo “chegar” não é abundante, só admitindo a forma participial “chegado”.

Sem contar os verbos cujas conjugações fazem parte da rotina do operador do Direito, podendo causar-lhes dúvidas. Deve-se falar, com exatidão: *eu requero ao juiz* (requerer); *eu protocolizo a petição* (protocolizar); *ele sobrestou o feito* (sobrestar); *ele proveu / eu provejo o recurso* (prover); *ele reouve o bem* (reaver).

A bem da verdade, são inúmeras as encruzilhadas que se encontram no desafiador estudo dos verbos. O tema é fértil para debates... e para vários outros artigos, aliás. Hoje vamos nos ater a algumas questões pontuais.

Não faz muito tempo, fui inquirido sobre a forma verbal correta para o verbo “**maquiar**”. A dúvida era se, na primeira pessoa do singular (eu) do tempo presente (modo indicativo), existia a forma “maqueio”. A resposta é negativa. Devemos escrever e falar “**maquio**”. A conjugação completa será: *eu maquio, tu maquias, ele/ela maquia, nós maquiamos, vós maquiai, eles maquiam*. A propósito, na ocasião, complementei que este verbo apresenta uma tripla prosódia, todas dicionarizadas: **maquiar, maquilar ou maquilhar** (esta última, mais comum em Portugal). Portanto, são aceitáveis as formas *eu maquio, eu maquilo* e *eu maquilho*. Da mesma forma, admitem-se os substantivos

## maquiagem, maquilagem e maquilhagem.

Em termos mais técnicos, os verbos terminados por -iar seguem a regular conjugação: *eu abrevio* (para “abreviar”); *eu calunio* (para “caluniar”); *eu copio* (para “copiar”); *eu premio* (para “premiar”); *eu plagio* (para “plagiar”); entre outros tantos. Como exceção à regra, destacam-se cinco verbos que terão a substituição do “i” por “ei” em certas conjugações: 1. Mediar (eu medeio); 2. Ansiar (eu anseio); 3. Remediar (eu remedeio); 4. Incendiar (eu incendieio); 5. Odiar (eu odeio). Como recurso mnemônico, sugerimos somar as letras iniciais dos verbos, acima destacadas, formando-se a palavra “M-A-R-I-O”.

Vamos a mais um recado do verbo. Em minhas aulas, procuro enfatizar algumas conjugações, lembrando aos alunos que “elas existem, sim!”... e devem ser bem cultivadas. Refiro-me às seguintes construções: *eu adiro ao plano* (verbo “aderir”); *eu diagnostico o problema* (verbo “diagnosticar”); *se isso lhes aprouver (...)* (verbo “aprazer”); *eu me valho do tema* (verbo “valer”).

No plano da prosódia, também busco pronunciar com ênfase certas conjugações que reputo úteis a todos os alunos: *eu impugno a notificação* (e não “eu impuguino”); *eu designo a autoridade* (e não “eu desiguino”); *eu estagno o andamento* (e não “eu estaguino”); *ele rouba a ideia* (e não “ele róba”); *ele estoura a bomba* (e não “ele estóra”); *eu me inteiro do problema* (e não “me intéro”). Aliás, a palavra mal pronunciada é como um passarinho que sai da gaiola: depois que voa, não volta mais. Daí a necessária atenção com a pronúncia de certos verbos.

Aproveito, ainda, para anunciar mais um recado. Aqueles que prestam concursos públicos devem ficar atentos aos verbos que se aproximam na escrita e pronúncia, mas possuem sentidos diferentes. Enquadram-se no vasto rol de termos parônimos. Note alguns exemplos:

1. *Eu arreio o cavalo* (verbo “arrear”, ou seja, pôr arreios); *Eu arrio o menino do cavalo* (verbo “arriar”, ou seja, fazer descer);
2. *Eu infrinjo a norma* / *Ele infringe a norma* (verbo “infringir”, ou seja, desrespeitar); *Eu inflijo a pena* / *Ele inflige a pena* (verbo “infligir”, ou seja, aplicar). Atente-se para a oscilação das consoantes “g” e “j”;
3. *O escândalo emergiu* (verbo “emergir”, ou seja, vir à tona); *O mergulhador saltou do barco e imergiu no oceano* (verbo “imergir”, ou seja, mergulhar);

4. O trabalhador braçal sua muito / Eu não sou pouco (verbo “suar”, ou seja, *transpirar*); O sino soou a noite toda (verbo “soar”, ou seja, *tilintar*).

E, finalmente, o verbo manda o último recado. Note-o. Quando “baterem na sua porta” as formas CRI, CREU, RIO e MOO, saiba que são simples conjugações dos verbos CRER (*eu cri e ele creu*, ambas no passado), RIR (*eu rio*, no presente) e MOER (*eu moo*, no presente, sem acento circunflexo, já à luz do Novo Acordo Ortográfico).

A propósito, se “*a bom entendedor, piscada de olho é recado*”, é melhor prestarmos atenção aos “avisos dos verbos”. Não será bom claudicar depois de tantos recados... Aliás, o verbo “claudicar”, na acepção de “capengar”, é mais um entre os onze mil. Dá-lhe estudo!



### **Artigo 19 Não faça previsões erradas: diga “quando eu prever”!**

O presente artigo versa sobre flexão verbal. Não venho aqui tratar de um daqueles verbos “esotéricos”, relegados ao ostracismo, no meio dos milhares que permeiam nosso léxico. Pelo contrário, vamos revisitare o recorrente confronto entre os verbos **VER** e **VIR**. Mais precisamente, trataremos do verbo **PREVER**.

O motivo? Na última semana, uma dúvida de aluno despertou minha atenção, motivando-me a escrever sobre o tema: “**devemos falar ‘quando eu prever’ ou ‘quando eu previr’?**”.

O verbo “ver”, no sentido de “*enxergar, notar pela visão*”, oferece conjugações simples, sem grandes celeumas, exceto em algumas flexões pontuais. Exemplos: quando se está no *modo indicativo*, devemos falar, no tempo *presente*, “eu vejo (hoje)” e “nós vemos (hoje)”; no *pretérito perfeito*, “eu vi (ontem)” e “nós vimos (ontem)”; no *futuro*, “eu verei (amanhã)” e “nós veremos (amanhã)”. Por amor à precaução, deixemos registrado, desde já, no modo *subjuntivo*, o tempo *futuro*: “quando eu vir (o filme)” e “quando nós virmos (o filme)”.

De outra banda, o verbo “vir”, na acepção de “*aproximar-se, chegar*”, indica flexões não menos automáticas, tirante alguns casos que reputo pertinente revelar: no *modo indicativo*, devemos falar, no tempo *presente*, “eu venho (hoje)” e “nós vimos (hoje)”; no *pretérito perfeito*, “eu vim (ontem)” e “nós viemos (ontem)”; no *futuro*, “eu virei (amanhã)” e “nós viremos (amanhã)”. Igualmente, por amor ao zelo, vamos já registrar, no modo *subjuntivo*, o tempo *futuro*: “quando eu vier (da China)” e “quando nós viermos (da China)”.

Resumidamente, chegamos ao seguinte quadro comparativo:

VER			
MODO <i>INDICATIVO</i>			
Presente	Pretérito perfeito	Futuro	P
Vejo	Vi	Verei	V
Vemos	Vimos	Veremos	V
MODO <i>SUBJUNTIVO</i> (FUTURO)			
Vir			V
Virmos			V

O quadro em epígrafe sinaliza conclusões curiosas. No modo indicativo, a flexão “VIMOS” do *pretérito perfeito* do verbo VER é a mesma do *presente* do verbo VIR. Portanto, devemos falar “nós vimos o filme ontem” e “vimos, pela presente, (hoje) requerer o ofício”. Observe:

VER	VIR
<b>MODO <i>INDICATIVO</i></b>	
<b>Pretérito perfeito</b>	<b>Presente</b>
<b>Vi</b>	<b>Venho</b>
<b>Vimos</b>	<b>Vimos</b>

Em tempo, à luz do quadro comparativo inicial, evidencia-se que não devemos confundir o modo subjuntivo. Se queremos mandar um abraço a um amigo, que poderá ser encontrado por você, diremos: “quando você o vir, mande-lhe meu abraço” (e não “quando você ‘ver’ ele...”). Por outro lado, se desejamos pedir chocolates àquele visitante que retornará da bela Gramado, afirmaremos: “quando você vier, traga-me os chocolates” (e não “quando você ‘vir’ de...”).

Feitas as observações preliminares, abrimos espaço para enfrentar o tema central de nossa discussão – o verbo PREVER.

A notícia é muito boa. Sua conjugação respeita, do começo ao fim, as flexões do verbo VER. O que se conjugar lá, repetiremos aqui. Vamos aos exemplos, propositadamente simétricos: no *modo indicativo*, devemos falar, no tempo *presente*, “eu prevejo (hoje)” e “nós prevemos (hoje)”; no *pretérito*

*perfeito*, “eu previ (ontem)” e “nós previmos (ontem)”; no *futuro*, “eu preverei (amanhã)” e “nós preveremos (amanhã)”. Ainda, no modo subjuntivo, revela o tempo *presente*: “quando eu previr (o ocorrido)” e “quando nós previrmos (o ocorrido)”.

Nessa medida, teremos os seguintes resultados:

## PREVER

### MODO *INDICATIVO*

Presente	Pretérito perfeito	Futuro
Prevejo	Previ	Preverei
Prevemos	Previmos	Preverem

### MODO *SUBJUNTIVO* (FUTURO)

Previr

Previrmos

Por todo o exposto, já temos subsídios bastantes para ajudar aquele aluno, em seu dilema. Lembra-se dele? Falaremos “quando eu prever” ou “quando eu previr”? A resposta correta é **“quando eu previr”**, exatamente pela mesma razão por que falamos “quando eu vir (o filme)” ou “quando você o vir, mande-lhe meu abraço”.

Entretanto, antes de nos despedirmos, vale a pena deixar claro que a regra apresentada estende-se para os verbos derivados do primitivo VER, como REVER e ANTEVER. Nessa medida, diremos com exatidão:

1. “Quando ele ‘revir’ os textos, terei condições de os ler”;
2. “Se o relator ‘revir’ a sua posição, poderemos ter a procedência do pedido”;
3. “Se ela ‘antever’ o futuro, todos ganharemos muito dinheiro”.

A exceção existente – e quase sempre elas pintam por aí... – ocorre com o verbo PROVER, no sentido de “abastecer, munir-se”. Aqui o futuro do subjuntivo não seguirá a flexão do verbo primitivo VER. Teremos, pois, o seguinte resultado:

1. “Quando ele prover a casa de alimentos, pagar-lhe-ei o que devo” (e não “Quando ele ‘provir’...”);
2. “Se ele prover os hipossuficientes, ganhará votos” (e não “Se ele ‘provir’...”).

Diante disso, não façamos “previsões” erradas: dizendo “se eu prever”, “se eu revir”, “se eu antever” e, finalmente, “quando eu prover”, não precisaremos “rever” a gramática. Já estaremos “providos” do conhecimento gramatical necessário. Em suma, vale a regra: prevendo... e provendo...



#### 1. Colocação Pronominal

Trata-se de uma parte da gramática referente ao uso dos pronomes pessoais oblíquos átonos, são eles: *me, te, se, nos, vos, lhe, o, a, lhes, os, as*.

Os pronomes *o, a, os, as* podem ser encontrados nas formas *lo, la, los, las*, quando depois de verbos terminados em *-r, -s* ou *-z* (e tais letras são suprimidas), bem como nas formas *no, na, nos, nas*, quando depois de verbos terminados em som nasal.

Tais pronomes podem vir ligados ao verbo em três lugares: antes do verbo (**próclise**), depois do verbo (**ênclise**) e no meio do verbo (**mesóclise**).

A gramática tradicional recomenda, geralmente, o uso da ênclise. Para haver a próclise, é necessário um motivo, ou seja, uma palavra atrativa ou quando empregada numa oração optativa, por exemplo. A mesóclise ocorrerá apenas com verbos no futuro do presente ou futuro do pretérito.

É importante ressaltar que, no Brasil, há uma tendência ao uso da próclise, principalmente na oralidade. Diante desse fato, a gramática passou a validá-lo, em muitas ocasiões.

A seguir, veremos alguns casos considerados mais frequentes de colocação pronominal:

##### 1.1 Uso do pronome proclítico



Quando houver palavra atrativa, que pode ser:

- Expressão negativa: *Ele nunca me pede nada.*
- Advérbio: *Hoje se sentiu bem melhor.*
- Conjunção coordenativa alternativa: *Ou se senta, ou vai embora de vez.*
- Conjunção subordinativa: *Quando nos conhecemos, estava chovendo.*
- Pronome indefinido: *Algo o impede de crescer.*

f) Pronome relativo: *Esqueceu o que me disse?*

- ◆ Em oração optativa: *Deus te guie!*
- ◆ Em oração exclamativa: *Macacos me mordam!*
- ◆ Em oração interrogativa introduzida por um advérbio ou pronome interrogativo: *Quem te chamou aqui?*
- ◆ Nas construções [em + gerúndio]: *Em se tratando de esporte, sou uma negação.*
- ◆ Com formas verbais proparoxítonas: *Nós o apoiávamos.*

### **1.2 Uso do pronome enclítico**

- ◆ Quando a oração se inicia por verbo, já que uma frase não deve começar por um pronome oblíquo.  
*Encontramo-nos logo cedo.*
- ◆ O infinitivo não flexionado for precedido da preposição “a”.  
*Começamos a procurá-lo desde ontem.*
- ◆ Em oração imperativa afirmativa.  
*Prenda-me, se for capaz.*
- ◆ Não houver motivo para ocorrer a próclise ou a mesóclise.
- ◆ O gerúndio NÃO vier precedido da preposição “em”.  
*Iniciando-se a aula, desligue o celular.*
- ◆ Depois de vírgula, preferencialmente.  
*Meu vizinho entrou, disse-me que tinha pressa e se foi.*
- ◆ Em orações reduzidas de infinitivo ou de gerúndio.  
*Foi preciso deixá-la sozinha.*

### **1.3 Uso da mesóclise**

- ◆ Quando houver a ocorrência de verbos no futuro do presente ou futuro do pretérito, com o pronome anteposto à desinência número-pessoal do

verbo.

*Ela chamar-se-á Maria.*

## ATENÇÃO:

❖ O pronome enclítico nunca poderá vir ligado ao particípio. Observe o erro:

*Ele tinha chamado-me.*

Forma correta:

*Ele tinha me chamado.*

❖ Quando o verbo estiver em um dos

futuros do  
indicativo e, ao  
mesmo tempo,  
iniciar uma frase,  
o pronome ficará  
em mesóclise.

*Chamar-se-ia  
Maria.*

- ◆ Quando houver  
palavra atrativa, e  
o verbo estiver em  
um dos futuros do  
indicativo,  
prevalecerá o uso  
da próclise

da próclise.

*Ela não se chamará Maria.*

- ◆ Na construção [preposição + infinitivo flexionado], prevalecerá o uso da próclise.

*Chegaram até aqui, por se empenharem.*

- ◆ Com a preposição [para + infinitivo impessoal]

impessoal,

aditem-se a

próclise ou a

ênclise.

*Trouxe uma*

*encomenda para*

*entregar-lhe ou*

*para lhe entregar.*

◆ A colocação

pronominal nas

locuções verbais:

– Nas construções

[verbo auxiliar +

infinitivo] e [verbo

auxiliar +

gerundio], usa-se em ênclise do verbo auxiliar ou do verbo principal. Em Português brasileiro, admite-se também o uso do pronome em próclise do principal.

Exemplo: *Estou-te entendendo. / Estou*

*entendendo-te. /  
Estou te  
entendendo.*

- Nas construções [verbo auxiliar + particípio], usa-se o pronome em ênclise do verbo auxiliar, nunca ligado por hífen ao verbo no particípio.

Exemplo: *Tinha-me contado. /  
Tinha me*

*contado*. (Esta última é a forma mais brasileira).

- Caso haja palavra atrativa e locução verbal (com infinitivo ou gerúndio), o pronome ou será atraído por ela, ou será totalmente repelido, permanecendo depois do verbo

principal.

Exemplo: *Não te  
estou*

*entendendo. /*

*Não estou*

*entendendo-te.*

Ainda da forma

mais brasileira:

*Não estou te*

*entendendo.*



#### **Artigo 20 O resgate do pronome “cujo”**

Há poucos dias, um aluno me perguntou:

– “*Professor, o pronome ‘cujo’ deixou de existir?*”

Categoricamente, respondi:

– “*Claro que não!*”

A indagação, por ser bastante pertinente, merece uma reflexão, o que me levou a elaborar este artigo.

O uso do pronome relativo “cujo” tem se tornado bastante raro na escrita. Qual seria o motivo de tal isolamento? Talvez seja a sua engenhosa aplicação, que demanda certa desenvoltura no tema gramatical afeto ao “uso dos pronomes relativos”. Por outro lado, há os que o condenam por ser ele pouco eufônico. Existem, ainda, muitos que afirmam viver muito bem sem ele...

De uma maneira ou de outra, é possível resgatá-lo do “ostracismo” com bons argumentos.

Em primeiro lugar, devemos entender que o pronome relativo cumpre importante função nas orações: designa uma *relação de posse* entre o termo que ele antecede e o outro a que sucede. Verifique:

### **Homem cujo terno (...).**

A frase indica que o *terno* pertence ao *homem*, e o pronome “cujo” veio intermediar o elemento “possuidor” (homem) e o elemento “possuído” (terno).

Por essa razão, meus alunos têm assimilado em sala de aula um recurso mnemônico importante para a aplicação desse pronome:

Possuidor **CUJO** Possuído

Vamos treinar com outro exemplo:

Com os termos “árvore” e “frutos”, pode-se dizer “árvore cujos frutos”, pois se destacam o elemento possuidor (árvore) e o elemento possuído (frutos). Portanto:

ÁRVORE CUJOS FRUTOS = “POSSUIDOR CUJO POSSUÍDO”

No exemplo acima, aliás, foi possível notar algo importante: o pronome

relativo “cujo” deverá concordar em gênero e número com o termo que a ele sucede, ou seja, com o termo seguinte. Note que se disse “árvore **cujoS** fru**toS**”. Da mesma forma, teremos que estabelecer a concordância em “*homens cujas esposas*”; “*pássaros cujos cantos*”; “*leis cujos artigos*”; “*Constituição cujo preâmbulo*” etc.

Evidencia-se, desse modo, que o formato da estrutura pronominal acima demonstrado não tende a ofertar grandes problemas ao estudioso da gramática. Aliás, as Bancas de concurso preferem “apimentar” os testes sobre o tema, trazendo situações em que o pronome relativo “cujo” aparece ao lado de preposições, como nas formas “para cujo”, “de cujo”, “ante cujo”, “sobre cujo”, “a cujo”, entre outras. Como isso ocorre?

Vou demonstrar a situação por meio da seguinte frase:

Esta é a árvore DE cujos frutos DEPENDO.

Note que o período trouxe a preposição “de”, própria do verbo transitivo indireto “depende” (“*quem depende, depende de algo ou de alguém*”), tendo sido inserida antes do pronome (“de cujos”). Daí se falar que, nos casos de verbos transitivos indiretos, que trazem a reboque a preposição, passaremos a ter uma fórmula mnemônica um pouco mais sofisticada:

Possuidor **PREP. CUJO** Possuído

\* **PREP.:** significa “preposição”, ocorrendo a abreviatura na fórmula para facilitar a pronúncia do macete.

Vamos reforçar com outro exemplo:

Com os termos “pessoas” e “palavras”, no contexto do verbo “acreditar”, pode-se dizer “*pessoas EM CUJAS palavras eu ACREDITO*”, destacando-se o elemento possuidor (*pessoas*), o elemento possuído (*palavras*), o pronome relativo em adequada concordância (*cujas*) e, finalmente, a preposição (*em*), inserida antes do pronome relativo. Portanto:

PESSOAS EM CUJAS PALAVRAS (...) = “POSSUIDOR PREP. CUJO POSSUÍDO”

Vamos, agora, apreciar algumas elucidativas frases, com o formato acima destacado:

1. **CONTRA CUJA:** Foi o paciente absolvido em revisão criminal do crime **contra cuja** condenação é impetrado o “writ”.
2. **SOBRE CUJO:** Apreciei muito o discurso **sobre cujo** estilo vou escrever.
3. **A CUJA:** O concurso **a cuja** premiação eu me referi aceita inscrições até amanhã.
4. **COM CUJO:** A Renascença, **com cujo** advento a nossa civilização começou, teve origem em diversos elementos.
5. **DE CUJAS:** Comprei o disco do compositor **de cujas** músicas você sempre fala.
6. **PARA CUJAS:** A instituição de caridade **para cujas** obras você contribuiu espontaneamente fez bom uso da doação.
7. **POR CUJO:** O jogo **por cujo** resultado ansiamos está na iminência de acabar.

Diante do exposto, é indubitável admitir que o bom uso do pronome relativo traz elegância ao texto, além de exprimir a precisão da ideia a ser transmitida.

Sua relevância no plano gramatical, a propósito, pôde ser ratificada, no último dia 22, quando o maior vestibular do Brasil – o da FUVEST – exigiu dos candidatos a uma vaga na USP o bom uso do pronome relativo “cujo”, em uma das duas questões de gramática, formuladas na prova. Observe a frase considerada correta no indigitado teste:

A janela propiciava uma vista **para cuja** beleza muito contribuía a mata no alto do morro.

Com os termos “vista” e “beleza”, no contexto do verbo “contribuir”, diz-se “*vista PARA CUJA beleza muito CONTRIBUÍ*”, destacando-se o elemento possuidor (*vista*), o elemento possuído (*beleza*), o pronome relativo em adequada concordância (*cuja*) e, finalmente, a preposição (*para*), inserida antes do pronome relativo.

Assim, para aquele aluno que me questionou, disse algo mais:

– “Meu caro amigo, não há nenhuma dúvida que o pronome relativo ‘cujo’ continua existindo”.

E, complementei, em trocadilho, afirmando:

– “Na batalha dos pronomes relativos, já é hora de fazermos ‘o resgate do pronome cujo’...”



#### **Artigo 21 Usa-se vírgula antes do “e”?**

A utilização da vírgula é um problema recorrente para o usuário da linguagem escrita. O motivo é simples: quando se utiliza a linguagem oral, procede-se à pausa que convém, à entoação que apraz e à sonoridade que melhor exprime o sentido da fala. Entretanto, quando se transporta a linguagem oral para o texto escrito, faz-se necessário dominar a vírgula, entre outros sinais de pontuação, a fim de transmitir o pensamento sem ambiguidade. Em outras palavras, acaba prevalecendo o que procuro sempre destacar, com certo tom de gracejo, em sala de aula:

*“‘Virgulamos’ bem,  
ao falar;  
Mas, ao escrever,  
não sabemos o que fazer!”*

Entre as várias regras do uso obrigatório da vírgula – *um sinal de pontuação que indica a quebra de ligação sintática no interior da frase* –, está uma que deixa muitos vestibulandos e concursandos de “cabelo em pé”: **a vírgula antes da partícula “e”**. Passemos à sua análise:

Como é sabido, em princípio, a conjunção “e” rechaça o uso da vírgula. Exemplo:

*Comprei maçãs e peras.*

*Comprei maçãs, peras e abacaxis.*

Entretanto, há casos relevantes de vírgula precedendo tal conectivo. Vamos a eles:

**1º Caso. Quando o “e” significar “mas”:** é possível que encontremos a conjunção aditiva com acepção diversa da que lhe é natural, representando, pois, adversidade. Nesse caso, a vírgula deverá ocorrer, pois a gramática normativa impõe que se virgule antes de conectivos adversativos (*mas, porém, contudo, todavia etc.*). Exemplos:

◆ *Todo político promete, e não cumpre.*

(Traduzindo: Todo político promete, **mas** não cumpre.)

◆ *Quase morri de tanto estudar, e tirei nota baixa.*

(Traduzindo: Quase morri de tanto estudar, **mas** tirei nota baixa.)

◆ *Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal, e não entraram. (Magistratura – TJ/MS, XXVIII Concurso, FGV, maio 2008).*

(Traduzindo: Os manifestantes desejavam falar com o juiz; chegaram à porta do tribunal, **mas** não entraram.)

Observe outra possibilidade:

**2º Caso. Quando o “e” for repetido intencionalmente:** trata-se de importante figura de sintaxe, conhecida por *polissíndeto*. A vantagem é que, no caso concreto, será facilmente detectável a intenção de ênfase.

◆ *Leio, e releio, e estudo, e me concentro: todos os esforços são poucos. (Magistratura – TJ/MS, XXVIII Concurso, FGV, maio 2008).*

◆ *“E suspira, e geme, e sofre, e sua...” (Olavo Bilac)*

◆ *“Trejeita, e canta, e ri nervosamente.” (Antônio Tomás)*

◆ *“De tudo, ao meu amor serei atento / Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto (...)” (Soneto de Fidelidade, Vinicius de Moraes)*

Vamos ao próximo:

**3º Caso. Quando o “e” indicar realce:** haverá vírgula antes do “e”, quando se quiser dar ênfase à expressão.

◆ Disse, e repito, que hoje é o amanhã de ontem.

◆ Comeu bastante, bebeu demais, dormiu em excesso, e partiu.

◆ “Neguei-o eu, e nego.” (Rui Barbosa)

Há, ainda, outra hipótese:

**4º Caso. Quando surgir, antes da partícula “e”, um elemento sintático que requeira a utilização da vírgula, quer na condição de aposto, quer na de adjunto adverbial:** na referida hipótese, a vírgula é mais intensamente justificada pelo elemento sintático circunvizinho à partícula “e”.

◆ *O chefe entrou esbaforido na sala de reunião, que estivera fechada o tempo todo, e trancou a porta com força.*

(**Explicando:** “que estivera fechada o tempo todo” é aposto explicativo do termo “sala de reunião”. No plano sintático, representa uma *oração subordinada adjetiva explicativa*, que avoca a presença obrigatória das vírgulas – antes e depois);

◆ *Tomou a providência, à qual havia se referido, e todos ficaram satisfeitos.*

(**Explicando:** “à qual havia se referido” é aposto explicativo do termo “providência”. No plano sintático, representa uma *oração subordinada adjetiva explicativa*, que avoca a presença obrigatória das vírgulas – antes e depois).

Por fim, a última regra:

**5º Caso. Quando o “e” separar orações formadas por sujeitos distintos:** é possível a construção de período composto por orações com sujeitos diversos. Caso se pretenda uni-las com o conectivo aditivo “e”, a vírgula será obrigatória. Aliás, por considerarmos que se trata de regra de maior relevância, perante as demais, vamos ilustrá-la com bastantes exemplos:

*Uma mão lava a outra, e a poluição suja ambas.*

**1ª oração:** Uma mão lava a outra (Núcleo do sujeito: mão);

**2ª oração:** E a poluição suja ambas (Núcleo do sujeito: poluição).

Ou, ainda:

- ◆ *“A mãe se fora para a cozinha, e Rafael olhava pra ele.” (José Lins do Rego)*
- ◆ *O desembargador deu voto a nosso favor, e o terceiro juiz pediu vista.*
- ◆ *Lula entrega cargos, libera verbas, e CPMF é aprovada.*
- ◆ *O Iraque atacou o Kuwait, e os Estados Unidos reagiram.*
- ◆ *EUA e Reino Unido bombardeiam Iraque, e preço do petróleo dispara.*
- ◆ *O Brasil venceu a Alemanha, e a Itália empatou com a Argentina.*
- ◆ *O professor entrou apressado na sala de aula, e os alunos ficaram para fora.*
- ◆ *Terremoto abala a Sicília, e dois morrem do coração.*
- ◆ *Santos vence por 3 a 0, e Portuguesa perde em casa.*

No âmbito dos concursos públicos, a regra é cobrada com frequência. Na prova feita pela FGV, para o ingresso na Magistratura do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, em 2008, o tema foi exigido em três assertivas, que aqui reproduzimos:

- ◆ *A sentença foi prolatada, e as partes foram intimadas.*
- ◆ *O procurador assinou o documento, e o advogado ficou satisfeito.*
- ◆ *Mas a correlação de forças não lhes permite ir mais longe, e essa paralisia favorece o retorno dos acordos bilaterais ou regionais.*

Da mesma forma, na prova feita pelo CESPE, para o cargo de Analista de Comércio Exterior (MDIC), em 2008, o item abaixo foi considerado “correto”:

- ◆ *A partir de meados da década passada, o objetivo de aumentar exportações ganhou destaque entre as prioridades de governo, e as negociações comerciais adquiriram peso crescente na agenda da política de comércio exterior, tornando-se gradativamente uma questão significativa no debate político doméstico no país.*

Em tempo, frise-se que, no dia 14 de novembro de 2010, em vestibular realizado para o ingresso na Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM), o candidato enfrentou uma oportuna questão de pontuação, na qual desponta a

regra ora estudada. Veja-a:



Com o desenvolvimento econômico, a participação dos serviços sofisticados aumenta, e, em consequência, a participação da indústria de transformação cai.

Após a exposição dos cinco casos em epígrafe, que indicam o legítimo uso da vírgula antes do conectivo “e”, convém lembrar que antes do “etc.” a vírgula é optativa. Se levarmos em conta que “etc.” é a abreviatura internacionalmente utilizada para a locução latina “et coetera” (na acepção de “e as demais coisas”), a vírgula não deve ser empregada. É a visão mais tradicionalista. Assim sinaliza o Dicionário Houaiss, por exemplo, prestigiando o viés etimológico, na linha adotada por Napoleão Mendes de Almeida. Por outro lado, se considerarmos o fato de que o “etc.” indica um elemento a mais de enumeração, a vírgula deverá ser de rigor. Trata-se de pensamento menos conservador. Nessa direção, seguem o Aurélio e o próprio VOLP, sendo ratificados por Arnaldo Niskier e pela esmagadora maioria dos escritores modernos.

A propósito, em prova realizada pelo CESPE, a Banca elaborou item no qual fez contar a vírgula antes do “etc.”, o que parece indicar uma preferência da Instituição:

Uma política de segurança da informação, preconizada pelas normas, é composta por critérios sugeridos para a gestão da segurança, configuração de ativos, **etc.**, o que vai atribuir aos gestores a liberdade de escolher a forma mais inteligente, setorizada, de se adotar segurança.

**(Cargo: Analista do SERPRO – Desenvolvimento de Sistemas, em 2008)**

Assim, diante de todo o exposto, devemos começar a perder o “medo” de virgular, sobretudo quando encontrarmos o conectivo “e”. O bom estudo das regras de pontuação irá nos habilitar a fazer uso de outra frase, diversa daquela que anuncio reiteradamente em sala de aula:

**“Virgulamos’ bem,  
ao falar;**

*E, ao escrever,  
sabemos exatamente o que fazer!”*



#### 1. Uso de infinitivos, gerúndio e particípio

Como se estudou anteriormente, além dos *modos* indicativo, subjuntivo e imperativo, o verbo também pode encontrar-se nas *formas nominais*, conhecidas como gerúndio, particípio e infinitivo. A propósito, o infinitivo pode ser:

- ◆ pessoal e conjugável (quando o verbo flexiona), concordando com o sujeito a que ele se refere; ou
- ◆ impessoal e não conjugável, quando o verbo é empregado de uma maneira geral, sem se referir a nenhuma pessoa específica e, portanto, não flexionado.

##### 1.1 Uso do infinitivo

Os casos em que o infinitivo **NÃO** é flexionado são:

1. O infinitivo é sujeito de uma oração.

*Malhar é o melhor que fazemos.*

*Beber prejudica a saúde.*

*Fumar pode causar câncer pulmonar.*

*É proibido afixar cartazes no mural.*

*“Navegar é preciso; viver não é preciso!” (Fernando Pessoa)*

2. O infinitivo tem sentido de imperativo.

*“Viver e não ter a vergonha de ser feliz!” (Gonzaguinha)*

*Soldados, avançar!*

3. O infinitivo introduz orações subordinadas substantivas objetivas diretas e indiretas reduzidas.

*Queremos iniciar a reunião.*

*Precisamos terminar o trabalho.*

*Gostaríamos de iniciar a reunião.*

*Neste momento, gostaríamos de agradecer a presença de todos.*

4. O infinitivo introduz orações subordinadas substantivas completivas nominais reduzidas.

*Eles têm muita vontade de estudar.*

*Tenho muito desejo de vencer.*

#### **Observações:**



Caso o infinitivo esteja na voz reflexiva, deverá flexionar.

*Eles têm muita vontade de se conhecerem.*



Caso o infinitivo esteja na voz passiva, poderá flexionar.

*Eles têm muita vontade de serem (ser) ouvidos.*

5. O infinitivo tem um sujeito que, ao mesmo tempo, é objeto da oração anterior.

*Deixe-me tentar.*

*Faça-o sair.*

Os casos em que o infinitivo é flexionado são:

1. Quando tem sujeito diferente do sujeito da oração principal.

*Comprei um livro para nós lermos.*

*Aluguei um filme para eles assistirem.*

2. Para introduzir as orações subordinadas adverbiais reduzidas.

*Ao entrarem em casa, perceberam as coisas fora do lugar.*

*Ao viajarem, tirem bastantes fotos.*

3. Com o emprego da voz passiva ou reflexiva.

*Estavam ali, sem serem vistos.*

*Estavam no mesmo local sem se entreolharem.*

4. Quando estiver separado do verbo auxiliar.

*O pai gostaria de conversar, e os filhos de não ouvirem broncas.*

### **1.2 Uso do gerúndio**

São casos em que se usa o gerúndio:

1. Com locuções adverbiais.

*Ela não pode estar chorando de novo, não é possível!*

2. Em orações reduzidas.

*Ainda há milhares de pessoas passando fome no Brasil.*

3. Substituindo o imperativo, no caso de ordens coletivas.

*Andando! Todos andando!*

*Trabalhando! Todos trabalhando!*

### 1.3 Uso do participípio

São casos em que se usa o participípio:

1. Quando se tratar de orações subordinadas reduzidas.

*Preocupada com o alagamento, a mulher não saiu de casa.*

*Desesperado com as más notícias, meu tio se isolou.*

2. Nos tempos compostos (situação em que não varia).

*Tenho sofrido muitos contratempos.*

*Ele havia participado da reunião.*

3. Na voz passiva (situação em que varia).

*Roberta foi elogiada por João.*

*Foi marcado um novo encontro.*



### Artigo 22 O que é melhor: “melhor” ou “mais bem”?

É comum a dúvida: *a renda deve ser “melhor distribuída” ou “mais bem distribuída”?*

Em novembro de 2007, o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso causou rebuliço ao afirmar, em um Congresso do PSDB, *“queremos brasileiros melhor educados, e não brasileiros liderados por gente que despreza a educação (...)”*. A forma “melhor educado” é possível? Ou seria melhor “mais bem educado”?

A questão se liga ao uso dos comparativos de superioridade. Vamos à análise:

Se digo que o candidato é um “bom aluno”, posso também afirmar que ele é “melhor aluno” do que outros. Note que o termo “melhor” serviu como comparativo de superioridade do **adjetivo** “bom”, assim como seria possível usar a forma “pior” como comparativo de inferioridade do adjetivo “mau”. Há

consenso nesse ponto entre os gramáticos.

Exemplos:

Ele é bom aluno – Ele é melhor aluno (do que outros).

Ele é mau aluno – Ele é pior aluno (do que outros).

**Observação:** não se pode comparar, utilizando a forma “mais bom”, quando o termo “melhor” for adjetivo.

Além disso, se digo que o aluno foi “bem” na prova, posso também afirmar, no plano comparativo, que ele foi “melhor”. Observe que o termo “melhor” serviu como comparativo de superioridade do **advérbio** “bem”, assim como seria possível usar a forma “pior” como comparativo de inferioridade do advérbio “mal”. Exemplos:

O aluno foi bem. (ou mal)

O aluno foi melhor. (ou pior)

Por outro lado, se digo que o candidato é “**bem preparado**”, as coisas mudam de figura. Observe que o advérbio “bem” acompanha o particípio passado “preparado”. Devo usar qual comparativo? “Melhor” (preparado) ou “mais bem” (preparado)? É possível comparar, utilizando “melhor”, quando este termo for morfologicamente um advérbio?

Aqui está toda a celeuma, dividindo os estudiosos: há os que aceitam apenas o comparativo “mais bem”, repudiando a forma “melhor”; de outra banda, há aqueles que admitem indiferentemente as duas formas, apenas se recomendando uma em detrimento da outra. Como se notará abaixo, filiamo-nos à última corrente.

Se diante do comparativo aparecer uma forma verbal no particípio passado, ou seja, aquelas flexões geralmente terminadas por -ado ou -ido, recomenda-se substituir os comparativos sintéticos (“melhor” e “pior”) pelas formas analíticas “mais bem” e “mais mal”. Assim será utilizado o intensificador “mais”, ao lado de “bem” ou “mal”, no lugar de “melhor” ou “pior”. Exemplos:

◆ A aluna é mais bem orientada que a colega (no lugar de “melhor orientada”);

◆ O candidato está mais bem preparado este ano (no lugar de “melhor preparado”);

❖ Este projeto está mais mal realizado do que o outro (no lugar de “pior realizado”);

❖ Aquele foi o casamento mais mal organizado a que já fui (no lugar de “pior organizado”).

**Observação:** frise-se que o mesmo raciocínio se estende ao comparativo “menos”, ao lado de “bem” ou “mal”, embora os registros sejam raros (Portugal é o país menos bem preparado para lidar com a pandemia).

Voltando ao caso, podemos assegurar que há uma certa lógica: quando se diz “bem orientada”, o advérbio “bem” tem forte ligação com o particípio que a ele sucede (orientada), quase formando um “todo indissociavelmente significativo”. Tal atração se torna nítida nos inúmeros casos de palavras hifenizadas (adjetivos) com tais advérbios: *bem-acabado*, *bem-acostumado*, *bem-apegoado*, *bem-aventurado*, *bem-disposto*, *bem-educado*, *bem-humorado*, *bem-sucedido*, *bem-vestido*, entre outros. Da mesma forma, destacam-se com o advérbio “mal”: *mal-agradecido*, *mal-amado*, *mal-educado*, *mal-entendido*, *mal-humorado*, entre outros.

Como tais palavras funcionam como adjetivos, é natural que se deva dizer “mais bem orientada”, no lugar de “melhor orientada”, tal como dizemos “mais feia” (e não “melhor feia”) ou “mais bonita” (e não “melhor bonita”). Veja que o intensificador “mais” incide sobre o conjunto representado por “bem+particípio”, e não exata e exclusivamente sobre o advérbio “bem”.

**Portanto, tem-se a seguinte visualização: [mais + (bem+particípio)].**

Daí se justificar a preferência da gramática normativa pela tradicional utilização, antes de particípio, da forma adverbial analítica “mais bem” em vez da forma adverbial sintética “melhor”.

A propósito, a *Folha de S. Paulo*, na seção “Esporte”, do dia 5 de abril de 2010, trouxe interessante exemplo do uso pelo qual ora demonstramos predileção:

“A mais bem colocada na Malásia foi a Virgin, única que ainda não havia chegado ao fim de nenhum GP.”

Curiosamente, a referida frase foi cobrada “ipsis litteris” no vestibular da *Escola Paulista de Propaganda e Marketing* (ESPM), em julho de 2010, tendo sido considerada “correta” e “sem transgressão de concordância”, uma vez que se preferiu o intensificador “mais” ao comparativo “melhor”.

No âmbito dos vestibulares, recorde-me, ainda, de assertiva elaborada em prova da *Universidade do Estado de Mato Grosso* (Unemat), no vestibular de 2009/1, em que se considerou “correta” a frase abaixo:

“Se os professores fossem mais bem pagos e qualificados, a educação daria um salto em qualidade.”

Por isso, temos recomendado em sala de aula, sobretudo aos concursandos e vestibulandos, que se adote, exemplificativamente, o quadro abaixo:

USO RECOMENDÁVEL	O QUE SE PODE EVITAR
Testemunha <u>mais bem</u> informada	Testemur melhor informada
Time mais bem	Time mell

colocado	colocado
Candidato <u>mais bem</u> indicado	Candidato melhor indicado
Cálculo <u>mais benfeito</u>	Cálculo melhor feito
Questão <u>mais bem</u> aceita	Questão melhor aceita
Pessoa <u>mais bem</u> aconselhada	Pessoa melhor aconselhada
Frase <u>mais bem</u> elaborada	Frase melhor elaborada

	Elaboração
Texto <u>mais bem</u> escrito	Texto melhor escrito
Casa <u>mais bem</u> decorada	Casa melhor decorada
Música <u>mais bem</u> tocada	Música melhor tocada
Ação <u>mais bem-vista</u>	Ação melhor vista

Como se verifica, é da índole da língua e da prática da gramática normativa que se impugne o comparativo “melhor”, anteposto às formas participiais.

Entretanto, como a língua não é uma entidade monoliticamente fixa, é

importante registrar que há exemplos clássicos – e autorizados! –, que abonam o uso pouco recomendado, em que o “melhor” aparece como modificador do particípio, sinalizando o aceite de ambos os usos na variante culta formal.

- ◆ “(...) a demonstração (...) seja **melhor confirmada** pelos fatos.” (Alexandre Herculano);
- ◆ “(...) que ande ele **melhor avisado** na organização (...)” (Machado de Assis);
- ◆ “O ponto (...) **melhor tornado** no terreno alheio (...)” (Camões, em “Os Lusíadas”, IX, 58);
- ◆ “Santarém é das terras de Portugal a **melhor situada** e qualificada.” (Almeida Garrett);
- ◆ “(...) aceitou um almoço **melhor adubado** que o da ceia (...)” (Camilo Castelo Branco, em “O Santo da Montanha”);
- ◆ “Levou seu prêmio **melhor logrado**.” (Padre Manuel Bernardes);
- ◆ “(...) mais decidida, senão **melhor armada**.” (José de Alencar).

Tais exemplos ratificam a ideia de que a escolha é pura questão de preferência, de estilo e, talvez, de agrado. Daí não podermos chamar de “erro” a fala do ex-presidente.

Posto isso, ante a robusta divergência diante dos fatos da língua, recomendamos – e não mais que isso... – a utilização do comparativo analítico antes das formas do particípio. Apenas, enfatizamos: é melhor assim... Por outro lado, o leitor não estará menos bem acompanhado se seguir Camões, Garrett, Machado, Camilo etc.

### ◆ **Artigo 23 O recorrente problema dos porquês**

O uso dos *porquês* sempre volta à discussão. As dúvidas surgem quando devemos usar a forma separada (*por que*), a outra forma, unida (*porque*), e ambas com o acento a tiracolo (*por quê* e *porquê*).

Recordo-me da prova de concurso que trouxe a seguinte frase: “*Que língua! Tantos quês... por quê?*”.

Na alternativa, coube ao concursando enfrentar o problema dos *porquês*

além da acentuação no pronome *que*. O candidato deveria julgá-la e perceber que a frase estava totalmente correta, ainda que, eventualmente, perturbassem-no os acentos circunflexos (quês / quê) e a separação na forma “por quê”.

A verdade é que o pronome “que” requer esforço do estudioso, tanto no plano da acentuação quanto na identificação da estrutura morfológica à qual pertence. Sem contar que essa palavrinha, aparentemente singela, provoca celeumas diversas, em virtude de suas múltiplas funções sintáticas.

Passemos ao detalhamento:

Na frase inicial “Que *língua!*”, o termo sublinhado apresenta-se, morfológicamente, como **prônimo indefinido**, ao se ligar a um substantivo em frase exclamativa. Exemplo: Que *frio terrível!* Nesse caso, presume-se que o concursando não teria sentido dificuldade na análise, haja vista a simples utilização do pronome na estrutura frásica.

Quanto à frase seguinte – “*Tantos quês... por quê?*” –, a história já começa a mudar de figura. Antes de enfrentarmos os detalhes da explicação, é oportuno lembrar um verso da letra da canção “*Meu Bem Querer*”, de Djavan:

*“Meu bem querer / Tem um quê de pecado...”*

O termo em destaque aparece acentuado, pois se trata de **substantivo**. Da mesma forma que digo “*um quê de pecado*”, poderia dizer “*uma aparência de pecado*”. Nesse sentido, se afirmo que há “*tantos elementos em algo*”, posso também assegurar que “*há tantos quês em algo*”. Nesse caso, como monossílabo tônico e na condição de substantivo – singular ou plural –, receberá o acento circunflexo (quê e quês).

Aliás, a forma “quê”, acentuada, poderá aparecer em várias outras situações:

- (I) com a **letra Q**, deve ser escrita com acento. Exemplo: *A palavra “queijo” deve ser escrita com a letra quê;*
- (II) quando se exprime sentimento ou emoção, por meio de uma **interjeição**. Exemplo: Quê! *Você de novo!*;
- (III) quando se tratar de **prônimo indefinido** pronunciado tonicamente, em frases

interrogativas. Exemplos: *O produto é feito de quê?*; ou, ainda: *Isso tem gosto de quê?*;

(IV) com a expressão “**um não sei quê**”. Exemplo: *Em seu semblante, havia um não sei quê de irônico*.

Proseguindo na análise da frase proposta – “*Tantos quês... **por quê**?*” –, a forma “por quê”, separada e com acento, ocorre em virtude da junção da preposição por com o pronome interrogativo que [*por + que*], equivalendo a “por qual motivo, por qual razão”.

Nesse passo, diga-se que o fato de surgir no final da frase, imediatamente antes de um sinal de pontuação – ponto de interrogação, no caso –, torna tônico o termo, avocando-se-lhe o acento circunflexo [*por + que* (tônico) = *por quê* (sinal de pontuação)].

Pixinguinha e João de Barro, na emblemática canção “Carinhoso”, brindaram-nos com elucidativo exemplo:

*“Meu coração, não sei por quê, bate feliz quando te vê.”*

Observe que a forma *por quê* em epígrafe antecede a vírgula, o que lhe impõe o acento circunflexo, sem contar o fato de que pode ser facilmente substituída pela expressão “por qual motivo”, justificando a separação da preposição daquele pronome.

Embora tenhamos resolvido as dúvidas em torno da frase apresentada, urge lembrarmos os outros “dois porquês” –, ambos não separados, só variando o acento (*porque* e *porquê*).

A forma *porque*, unida e sem acento, é uma conjunção, servindo para unir orações. Exemplos: *Luto porque preciso*; *Ceguei cedo porque dormi pouco*; entre outros.

Observe que é impossível tentarmos substituir a forma utilizada pelo macete “por qual motivo, por qual razão”, hábil a detectar a ocorrência da estrutura “por que”, separada. Perceba a incoerência:

(i) *Luto [por qual motivo] preciso – (?)*

(ii) *Ceguei cedo [por qual motivo] dormi pouco – (?)*

Assim, não nos parece algo complicado identificar a necessidade da *conjunção* nos períodos e, portanto, optar pela forma “porque”, unida e sem acento.

Por último, frise-se que “porquê”, assim grafado, é um substantivo, na acepção de “causa, motivo”. Exemplos: *Dê-me um porquê para seu atraso; Quero saber o porquê da discussão.*

É bom afirmar que as discussões gramaticais em torno do assunto são bastante desafiadoras. Se quisermos apimentar o debate, poderemos trazer à colação, por exemplo, o problema da *partícula expletiva*. Observe a dúvida:

Qual a função da palavra “que” na seguinte frase:

*“Que vida boa que você tem!”*

Aqui aparece a tal da partícula expletiva (ou de realce), ou seja, aquele termo que pode ser retirado da frase sem prejuízo ao sentido. Observe que se poderia dizer, omitindo-se a palavra: *“Que vida boa você tem!”*.

Tal partícula desponta quase sempre na locução “*é que*”, e, nesse sentido, Machado de Assis apresentou-nos algo relevante. Observe a frase de sua autoria:

*“Que suplicio que foi o jantar!”*

O primeiro “que” é pronome indefinido – já mencionado neste artigo; o segundo, por sua vez, é a partícula expletiva.

A propósito, Casimiro de Abreu oferta-nos exemplo bastante semelhante, no qual se encontram as mesmas classificações morfológicas – pronome indefinido e, depois, partícula expletiva:

*“Oh! Que saudades que eu tenho / Da aurora da minha vida, / Da minha infância querida (...)”*

Veja que há um *quê* de recorrente na questão dos *porquês*. Nem precisamos nos esforçar para saber por *quê*...



Os erros gramaticais e ortográficos devem ser evitados. Alguns, no entanto, como ocorrem com maior frequência, merecem atenção redobrada. Observe os mais comuns e use esta relação como um roteiro de estudo para fugir deles.

#### 1. Dicas de Português – 1ª parte

##### **Dica 1. Evite a expressão “através de” usada sem adequação.**

Essa locução preposicional significa “de um para o outro lado”, na acepção de “transpor obstáculo”. Portanto, é errado usar a expressão como indicadora de meio. A propósito, em Português, as preposições que indicam relações de “meio” são: *por meio de*, *por intermédio de*, *mediante*, entre outras.

**Note o uso correto:** *Irei ao outro lado do rio através da ponte; A bala passou através da parede.*

##### **Dica 2. Tenha cautela com o uso da crase.**

Entre as inúmeras regras, procure se lembrar de que não se usa o sinal grave antes de verbo. Portanto, escreva a locução “*A partir de (...)*” sem crase.

*A vida em sociedade só foi possível a partir do Contrato Social.*

Nesse passo, não omita o sinal nas locuções compostas de palavras femininas: *à custa de*, *à medida que*, *à toa*, *às pressas*, entre outras.

*Ele procede à feitura do projeto, à medida que se orienta melhor.*

##### **Dica 3. A locução “sendo que”.**

Um efeito bastante prejudicial à precisão do texto consiste no abusivo emprego da locução “sendo que” com valor conjuncional. Essa expressão pode ser bem empregada quando for sinônima de “uma vez que”, “pois”, entre outros, por representar uma locução conjuntiva causal. Observe o uso inadequado na situação a seguir, acompanhada da correção:

**Erro:** O homem disparou quatro tiros, sendo que duas balas atingiram a

vítima.

**Corrigindo:** *O homem disparou contra a vítima quatro tiros, dos quais dois a atingiram.*

#### **Dica 4. O recorrente problema da acentuação.**

Não esqueça a acentuação adequada. O termo *júri*, por exemplo, recebe o acento agudo por se tratar de uma paroxítona terminada em *-i*, à semelhança de *biquíni*, *safári*, *táxi*, *beribéri*. Por outro lado, o vocábulo *item* não é acentuado, uma vez que não se acentuam as paroxítonas com terminação *-em*. Além disso, cabe esclarecer que o termo *juiz* não recebe o acento agudo, enquanto o plural *juizes* leva o acento, em face da regra de acentuação dos hiatos.

#### **Dica 5. “Dado(s) o(s)” e “Dada(s) a(s)”.**

A concordância adequada é fundamental. Se utilizar a forma “dado o” ou “dada a”, saiba que tais termos são regidos pelo nome a que se referem. Exemplo: *Dado o documento, decidi agir*. Com o substantivo no plural, ter-se-á: *Dados os documentos, decidi agir*. A mesma regra vale para o vocábulo feminino. Exemplo: *Dada a circunstância, tomei a providência*. E, no plural: *Dadas as circunstâncias, tomei a providência*.

#### **Dica 6. O superlativo absoluto sintético.**

Muita atenção com a adjetivação. Por vezes, desejamos exprimir intensidade na utilização do adjetivo com o uso do advérbio “muito”, antes do termo em uso, como em “muito magro”. Porém, se preferirmos sintetizar o tal “muito”, precisamos ter cuidado, pois os vocábulos advindos daí são pouco usuais, possuindo o nome técnico de *superlativos absolutos sintéticos*. Por exemplo, para dizermos que uma pessoa é muito “dócil”, teremos “docílimo”. Atenção para isso, pois “dulcíssimo” é o superlativo absoluto sintético de “doce”. Com relação a “muito soberbo”, o termo correto é “superbíssimo”. Para “muito sagrado”, é “sacratíssimo”. Entre tantos outros.

#### **Dica 7. A grafia de “viagem”: escreve-se com “g” ou “j”?**

O substantivo *viagem* grafa-se com *-g*, à semelhança de todos aqueles terminados por *-agem*, com exceção de “pajem” – este, por sua vez, com *-j*. Do substantivo *viagem* deriva o verbo *viajar*, naturalmente grafado com *-j*. Com efeito, as formas verbais são decorrentes do infinitivo *viajar*, reproduzindo sua grafia. Por isso, conjugamos, no *presente do modo subjuntivo*: *que eu viaje, que tu*

*viagem, que ele viaje, que nós viajemos, que vós viajeis, que eles viajem.* Esta última forma verbal (viajem) não pode ser confundida com o substantivo *viagem*, grafado com -g. Portanto, a resposta à pergunta é “depende do contexto”: existem *viagem* (com -g) e *viajem* (com -j).

#### **Dica 8. O verbo “aterrissar”.**

Significando “descer à terra”, o verbo aterrissar (ou aterrar) provoca dúvida na pronúncia – devemos falar “aterrissar” ou “aterrizar”? De fato, não nos confundimos sem razão. Nem mesmo os dicionaristas têm uma ideia uníssona acerca do tema. Assim, recomendamos que você fique à vontade na hora da pronúncia, afirmando, sem receio: *o avião aterrissará*; o avião *aterrizará*; ou, até mesmo, o avião *aterrará*.

#### **Dica 9. A regência do verbo “chegar”.**

Trata-se de verbo que requer a preposição “a”. Do ponto de vista da norma culta, devemos evitar a utilização da preposição “em” com este verbo. Portanto, prefira “*ele chega ao aeroporto*”. **Evite:** “ele chega no aeroporto”.

Aliás, deve haver cautela com a inversão de termos. Por exemplo: “*Este é o terminal a que (ou ao qual) cheguei*” (e não “Este é o terminal em que cheguei” ou “Este é o terminal no qual cheguei”).

#### **Dica 10. A conjugação verbal de “aprazer”.**

Existe grande dúvida quanto à conjugação dos verbos “aprazer”, “desaprazer” e “prazer”. Ouve-se muito por aí a forma “se isso lhe aprouver (...)”, entretanto poucos associariam o tempo em destaque ao verbo *aprazer*, que tem o sentido de “causar ou sentir prazer”. Ele é um verbo mais usado nas terceiras pessoas do singular e do plural. Portanto, pode-se usar *apraz*, *aprazia*, *aprazera*, *aprouve*, *aprouvera*, *aprouvesse*. A forma “aprouver” indica o *futuro do subjuntivo* do verbo *aprazer*, bastante comum como verbo transitivo indireto (“*Todas as manhãs, o sol lhe apraz*”) ou intransitivo (“*Poucos são os comentários que aprazem*”). Para o dicionarista Houaiss, o verbo *aprazer* é *irregular* nos tempos derivados do pretérito perfeito, apresentando formas interessantes, como *aprouve*, *aprouvera*, *aprouvesse*, entre outras. Por fim, como sinônimo de *aprazer*, o verbo *prazer* é igualmente irregular, devendo ser usado apenas na terceira pessoa do singular. Existem formas curiosas, como: *praz*, *prazia*, *prouve*, *prouvera*, *prazera*, *prazeria*, *praza*, entre outras.

### **Dica 11. A concordância nominal da palavra “meio”.**

O vocábulo “meio” pode apresentar-se como *numeral fracionário* ou como *advérbio*. Nesse último caso, ficará invariável. Exemplo: *Elas estão meio tristonhas*. Como numeral fracionário (na acepção de “metade”), teremos: *É meio-dia e meia* (a concordância nominal de “meia” se faz com “hora”); *Ele veio com meias palavras* (a concordância nominal de “meias” se faz com “palavras”).

### **Dica 12. A concordância nominal da palavra “bastante”.**

O vocábulo “bastante” pode apresentar-se como *pronome indefinido*, como *adjetivo* e como *advérbio*. Neste último caso, ficará invariável.

❖ Como pronome indefinido (na acepção de “incontáveis, muitos”):

*Havia bastantes candidatos no concurso.*

*Fui à padaria e comprei bastantes pães.*

❖ Como adjetivo (na acepção de “suficiente”):

*O advogado apresentou razões bastantes para defender o réu.*

❖ Como advérbio (ficando invariável):

*Elas estão bastante tristonhas.*

### **Dica 13. As expressões latinas.**

Deve-se ter muito cuidado com o uso de expressões latinas, que precisam ser grafadas com aspas, dando-lhes o destaque necessário. É oportuno lembrar que não se acentuam graficamente as palavras latinas. Portanto, para indicar a forma polida de manifestar um pensamento, grafe “*data venia*”, sem acento circunflexo em “vênia”. Entretanto, saiba que pertence a nosso idioma o termo “vênia”, com acento circunflexo – uma paroxítona terminada em ditongo, na acepção de “licença que, por deferência, pede-se a outrem”. Exemplo: *Com a devida vênia dos senhores, vou me retirar.*

### **Dica 14. A concordância verbal e a expressão “um dos que”.**

Quando o sujeito é introduzido pela expressão “um dos que”, a concordância verbal impõe o singular ou o plural, embora a forma pluralizada do verbo seja a mais recomendável.

*Ele é um dos que mais trabalha; ou*

*Ele é um dos que mais trabalham.*

### **Dica 15. A conjugação do verbo “custar”.**

O verbo “custar”, na acepção de “ser difícil ou custoso”, deve permanecer em 3ª pessoa, evitando-se a forma “eu custei a (...)”. Como recurso de memorização, utilize o seguinte paradigma frasal: [**Algo custa a alguém**]. Procedendo à avaliação sintática dessa frase mnemônica, verificaremos que o sujeito será “algo”, enquanto o objeto indireto será “a alguém”. Da mesma forma, é possível utilizar outro paradigma aceitável para a regência desse verbo: [**Custa-me algo**] ou [**Custa-lhe algo**]. Aqui o sujeito continua sendo “algo”, enquanto os objetos indiretos passam a ser os pronomes “me” e “lhe”. Portanto, à luz da regência verbal, são inaceitáveis as formas “Eu custei a fazer”; “Eu custei a acreditar”. Substitua-as, acertadamente, por “*Custou-me fazer*” e “*Custou-me acreditar*”.

### **Dica 16. A conjugação do verbo “preferir”.**

O verbo “preferir” pode ser *transitivo direto* (Exemplo: *Eu sempre prefiro a alegria*). Entretanto, deve-se prestar atenção à regência em que ele aparece como *verbo transitivo direto e indireto*, permitindo que dele se aproximem dois complementos – o objeto direto e o objeto indireto (este, no caso, acompanhado da preposição “a”).

*Eu prefiro estudar a trabalhar.*

*Eu prefiro o doce ao sal* (note a presença do artigo, na especificação dos objetos).

*Ele prefere chope a cerveja.*

*Ela prefere a cerveja ao chope* (note a presença do artigo na especificação dos objetos).

Por fim, frise-se que o ato de “preferir” significa “gostar mais”, “gostar antes”, “dar primazia a”. Daí se falar que haverá redundância ou pleonasmos viciosos nas formas usualmente repetidas “preferir mais”, “preferir mil vezes”, “preferir antes”. São erros que devem ser evitados!

## **2. Dicas de Português – 2ª parte**

### **2.1 Dicas rápidas**

1 – “Fazem” cinco anos.

Fazer, quando exprime tempo, é impessoal: *Faz cinco anos.* / *Fazia dois séculos.* / *Fez 15 dias.*

2 – “Houveram” muitos acidentes.

Haver, como existir, também é invariável: *Houve muitos acidentes.* / *Havia muitas pessoas.* / *Deve haver muitos casos iguais.*

3 – “Existe” muitas esperanças.

Existir, bastar, faltar, restar e sobrar admitem normalmente o plural: *Existem muitas esperanças.* / *Bastariam dois dias.* / *Faltavam poucas peças.* / *Restaram alguns objetos.* / *Sobravam ideias.*

4 – Para “mim” fazer.

Mim não faz, porque não pode ser sujeito. Assim: *Para eu fazer;* *para eu dizer;* *para eu trazer.*

5 – Entre “eu” e você.

Depois de preposição, usa-se mim ou ti: *Entre mim e você.* / *Entre eles e*

ti.

6 – “Há” dez anos “atrás”.

Há e atrás indicam passado na frase. Use apenas *há dez anos* ou *dez anos atrás.*

7 – Vai assistir “o” jogo hoje.

Assistir como “presenciar” exige a preposição “a”: *Vai assistir ao jogo, à missa, à sessão.*

Note outros verbos com a preposição “a”: *A medida não agradou (desagradou) à população.* / *Eles obedeceram (desobedeceram) aos avisos.* / *Aspirava ao cargo de diretor.* / *Pagou ao amigo.* / *Respondeu à carta.* / *Sucedeu ao pai.*

8 – Preferia ir “do que” ficar.

Prefere-se sempre X a Y: *Preferia ir a ficar.* A forma “é preferível” segue a mesma norma: *É preferível lutar a morrer sem glória.*

9 – O resultado do jogo, não o abateu.

Não se separa com vírgula o sujeito do predicado. Assim: *O resultado do jogo não o abateu.* Aliás, não existe o sinal entre o predicado e o complemento: *O prefeito prometeu novas denúncias,* e não *O prefeito prometeu, novas denúncias.*

10 – Quebrou “o” óculos.

Concordância no plural: *os óculos, meus óculos.*

Da mesma forma: *meus parabéns, meus pêsames, seus ciúmes, nossas férias, felizes núpcias.*

11 – Comprei “ele” para você.

“Eu, tu, ele, nós, vós e eles” não podem ser objeto direto. Assim: *Comprei-o para você.* Também: *Deixe-os sair; mandou-nos entrar; viu-a; mandou-me.*

12 – Nunca “lhe” vi.

O pronome “lhe” substitui “a ele, a eles, a você e a vocês” e por isso não pode ser usado com objeto direto: *Nunca o vi. / Não o convidei. / A mulher o deixou. / Ela o ama.* Evite: *Nunca lhe vi. / Não lhe convidei. / A mulher lhe deixou. / Ela lhe ama.*

13 – “Aluga-se” casas.

O verbo concorda com o sujeito: *Alugam-se casas. / Fazem-se concertos. / É assim que se evitam acidentes. / Compram-se terrenos. / Procuram-se empregados.*

14 – “Tratam-se” de.

Verbos seguidos de preposição não variam nesses casos: *Trata-se dos melhores profissionais. / Precisa-se de empregados. / Apela-se para todos. / Conta-se com os amigos.*

15 – Chegou “em” São Paulo.

Verbos de movimento exigem a preposição “a”, e não “em”: *Chegou a São Paulo. / Vai amanhã ao cinema. / Levou os filhos ao circo.*

16 – Atraso implicará “em” punição.

“Implicar” é verbo transitivo direto no sentido de “acarretar, pressupor”: *Atraso implicará punição. / Promoção implica responsabilidade.*

17 – Vive “às custas” do pai.

O certo: *Vive à custa do pai.*

Use também “em via de”, e não “em vias de”: *Espécie em via de extinção. / Trabalho em via de conclusão.*

18 – A última “seção” de cinema.

“Seção” significa divisão, repartição, e “sessão” equivale a tempo de uma reunião, função: *seção Eleitoral, Seção de Esportes, seção de brinquedos*; mas, *sessão de cinema, sessão de pancadas, sessão do Congresso*.

19 – Vendeu “uma” grama de ouro.

“Grama”, na acepção de “peso”, é palavra masculina: *um grama de ouro; vitamina C de dois gramas*. Palavras femininas, por exemplo, são: *a agravante, a atenuante, a alface, a cal* etc.

20 – Não viu “qualquer” risco.

Deve-se usar o pronome “nenhum”, e não “qualquer”, quando vier depois de negativas: *Não viu nenhum risco. / Ninguém lhe fez nenhum reparo. / Nunca promoveu nenhuma confusão*.

21 – Não sabiam “aonde” ele estava.

O correto é: *Não sabiam onde ele estava*. “Aonde” se usa com verbos de movimento; apenas: *Não sei aonde ele quer chegar. / Aonde vamos?*

22 – “Obrigado”, disse a moça.

“Obrigado” concorda com a pessoa: *“Obrigada”, disse a moça. / “Obrigado pela atenção”, disse o homem. / “Muito obrigados por tudo”, disseram os rapazes*.

23 – O governo “entreviu”.

“Entrevir” conjuga-se como “vir”. Assim: *O governo interveio*. Da mesma forma: *entrevinha, entrevim, entreviemos, entrevieram*. Note outros verbos derivados: *entretinha, mantivesse, reteve, pressupusesse, predisse, conviesse, perfizera, entrevimos, condisser* etc.

24 – Ela era “meia” louca.

“Meio”, como um advérbio, não varia: *meio louca, meio esperta, meio amiga*.

25 – “Fica” você comigo.

“Fica” é imperativo do verbo “ficar”, relativo ao pronome tu. Para a 3ª pessoa, o certo é “fique”: *Fique você comigo*. Ainda, outros exemplos: *“Venha pra Caixa você também!” / Chegue aqui*.

26 – A questão não tem nada “haver” com você.

A questão, na verdade, não tem nada a ver ou nada que ver. Da mesma

forma: *Tem tudo a ver com você.*

27 – Foi “taxado” de ladrão.

“Tachar”, com -ch, tem a acepção de “cognominar, apelidar”. Portanto: *Foi tachado de ladrão. / Foi tachado de leviano.*

28 – Ele foi um dos que “chegou” antes.

“Um dos que” faz a concordância no plural: *Ele foi um dos que chegaram antes* (Lógica: dos que chegaram antes, ele foi um). Ainda: *Era um dos que sempre vibravam com a vitória.*

29 – “Cerca de 18” pessoas o saudaram.

“Cerca de” indica arredondamento e não pode aparecer com números exatos: *Cerca de 20 pessoas o saudaram.*

30 – Tinha “chego” atrasado.

“Chego” não existe. O certo é: *Tinha chegado atrasado.*

31 – Queria namorar “com” o colega.

O verbo “namorar” repele a preposição “com”: *Queria namorar o colega.*

32 – O processo deu entrada “junto ao” STF.

Evite a forma “junto com”. Portanto: *Processo dá entrada no STF.* Igualmente: *O jogador foi contratado do Guarani.* (e não “junto ao”) / *Cresceu muito o prestígio do jornal entre os leitores.* (e não “junto aos”) / *Era grande a sua dívida com o banco.* (e não “junto ao”) / *A reclamação foi apresentada ao Procon.* (e não “junto ao”).

33 – As pessoas “esperavam-o”.

Quando o verbo termina em -m, -ão ou -õe, os pronomes “o, a, os e as” tomam a forma “no, na, nos e nas”: *As pessoas esperavam-no. / Dão-nos, convidam-na, põe-nos, impõem-nos.*

34 – Estávamos “em” quatro à mesa.

A preposição “em” é desnecessária: *Estávamos quatro à mesa. / Éramos seis. / Ficamos cinco na sala.*

35 – À medida “em” que a epidemia se espalhava (...).

O certo, indicando “proporção”, é: *À medida que a epidemia se espalhava (...).*

Existe, ainda, “na medida em que” (na acepção de “tendo em vista que”, dando a ideia de consequência): *É preciso cumprir as leis, na medida em que elas existem.*

36 – Eles “tem” razão.

No plural, “têm” é assim, com acento. “Tem”, sem acento circunflexo, é a forma do singular. O mesmo ocorre com “vem e vêm”: Ele tem, eles têm; ele vem, eles vêm.

37 – A moça estava ali “há” muito tempo.

“Haver” concorda com “estava”. Portanto: *A moça estava ali havia (fazia) muito tempo. / Ele doara sangue ao filho havia (fazia) poucos meses. / Estava sem dormir havia (fazia) três meses.* (Observe que a flexão “havia” se impõe quando o verbo está no imperfeito e no mais-que-perfeito do indicativo).

38 – Andou por “todo” país.

“Todo o” (ou “toda a”) é que significa inteiro, integral: *Andou por todo o país* (pelo país inteiro). / *Toda a tripulação* (a tripulação inteira) foi demitida.

Por outro lado, quando o pronome estiver sem “o”, todo significará “cada, qualquer”: *Todo homem (cada homem) é mortal. / Toda nação (qualquer nação) tem inimigos.*

39 – “Todos” amigos o elogiavam.

No plural, “todos” exige “os”: *Todos os amigos o elogiavam. / Era difícil apontar todas as contradições do texto.*

40 – Ela “mesmo” arrumou a sala.

“Mesmo”, quando equivale a “próprio”, é variável: *Ela mesma (própria) arrumou a sala. / As vítimas mesmas (próprias) recorreram à polícia.*

41 – Chamei-o e “o mesmo” não atendeu.

Não se pode empregar “o mesmo” no lugar de pronome ou substantivo: *Chamei-o e ele não atendeu. / Os funcionários públicos reuniram-se hoje: amanhã o país conhecerá a decisão dos servidores* (e não “dos mesmos”).

42 – Vou sair “essa” noite.

É o pronome “este” que designa o tempo no qual se está ou objeto

próximo: *Esta noite, esta semana (a semana em que se está), este dia, este jornal (o jornal que estou lendo), este século (o século 20).*

43 – A promoção veio “de encontro aos” seus desejos.

“De encontro a” significa condição contrária: *A queda do nível dos salários foi de encontro às (foi contra) expectativas da categoria.* “Ao encontro de” expressa uma situação favorável: *A promoção veio ao encontro dos seus desejos.*

44 – Comeu frango “ao invés de” peixe.

“Em vez de” indica substituição: *Comeu frango em vez de peixe.*

Por outro lado, “ao invés de” significa “ao contrário”: *Ao invés de entrar, saiu.*

45 – Se eu “ver” você por aí (...).

O certo é: *Se eu vir, revir, previr.* Da mesma forma, no tempo futuro do subjuntivo: *se eu vier (de vir), convier; se eu tiver (de ter), mantiver; se ele puser (de pôr), impuser; se ele fizer (de fazer), desfizer; se nós dissermos (de dizer), predissermos.*

46 – Ele “intermedia” a negociação.

“Mediar e intermediar” conjugam-se como “odiar”: *Ele intermedeia (ou medeia) a negociação.*

Frise-se que “remediar, ansiar e incendiar” também seguem essa norma: *remedeiam, que eles anseiem, incendeio.*

47 – A tese “onde” (...).

“Onde” só pode ser usado para lugar: *A casa onde ele mora. / Veja o jardim onde as crianças brincam.*

Nos demais casos, use “em que, no(a) qual”: *A tese em que (na qual) ele defende essa ideia. / O livro em que (no qual) (...). / A faixa em que (na qual) ele canta (...). / Na entrevista em que (na qual) (...).*

48 – Espero que “viagem” hoje.

“Viagem”, com -g, é o substantivo: *Minha viagem.*

De outra banda, a forma verbal existente é “viajem” (de viajar), com -j: *Espero que viajem hoje.*

Evite também “comprimentar” alguém: de cumprimento (saudação), só pode resultar “cumprimentar”, com -u. “Cumprimento”, com -o,

significa “extensão”.

Igualmente: Comprido (extenso) e cumprido (concretizado).

49 – “Inflingiu” o regulamento.

“Infringir” significa “transgredir”: *Infringiu o regulamento.*

Por outro lado, “infligir” (e não “inflingir”) significa “impor”: *Infligiu séria punição ao réu.*

50 – Venha “por” a roupa.

“Pôr”, verbo, tem acento diferencial e não sofreu nenhuma modificação com o Acordo: *Venha pôr a roupa.*

51 – O pai “sequer” foi avisado.

“Sequer” deve ser usado com negativa: *O pai nem sequer foi avisado. / Não disse sequer o que pretendia. / Partiu sem sequer nos avisar.*

52 – Comprou uma TV “a cores”.

Veja o correto: *Comprou uma TV em cores* (não se diz TV “a” preto e branco).

Da mesma forma: *transmissão em cores, desenho em cores.*

53 – “Causou-me” estranheza as palavras.

Use a concordância correta: *Causaram-me estranheza as palavras.*

Cuidado com isso, pois é comum o erro de concordância quando o verbo está antes do sujeito. Veja outro exemplo: *Foram iniciadas esta noite as obras* (e não “foi iniciado” esta noite as obras).

54 – A realidade das pessoas “podem” mudar.

Cuidado: palavra próxima ao verbo não deve influir na concordância. Por isso: *A realidade das pessoas pode mudar. / A troca de agressões entre os funcionários foi punida* (e não “foram punidas”).

55 – O fato passou “desapercebido”.

Com correção, o fato passou despercebido, não foi notado. “Desapercebido” significa desprevenido (*O soldado, desaperecebido, foi ferido em combate*).

56 – “Haja visto” seu empenho (...).

A expressão, na acepção de “tendo em vista”, é “haja vista” e não varia: *Haja vista seu empenho. / Haja vista seus esforços. / Haja vista suas*

*críticas.*

57 – A moça “que ele gosta”.

Como se “gosta de”, o certo é: *A moça de que ele gosta*. Igualmente: *O dinheiro de que dispõe, o filme a que assistiu* (e não *que assistiu*), *a prova de que participou, o amigo a que se referiu* etc.

58 – É hora “dele” chegar.

Não se deve fazer a contração da preposição com artigo ou pronome, nos casos seguidos de infinitivo: *É hora de ele chegar*. / *Apesar de o amigo tê-lo convidado (...)*. / *Depois de esses fatos terem ocorrido (...)*.

59 – “Dado” os índices das pesquisas (...).

A concordância deve ser normal: *Dados os índices das pesquisas (...)*. / *Dado o resultado (...)*. / *Dadas as suas ideias (...)*.

60 – “Ao meu ver”.

Não existe artigo nessas expressões: *A meu ver, a seu ver, a nosso ver*.



## 1. Alfabeto

Após o recente Acordo Ortográfico, o alfabeto do Português ganhou três letras (**K**, **W** e **Y**) e passou a ser composto de *vinte e seis letras*:

[a, b, c, d, e, f, g,  
h, i, j, K, l, m, n, o,  
p, q, r, s, t, u, v,  
W, x, Y, z] = 26  
**LETRAS**

**Nomes das letras:** *á, bê, cê, dê, é, êfe, gê, agá, i, jóta, cá, éle, éme, éne, ó, pê, quê, érre, ésse, tê, u, vê, dàbliu (ou dabliú), xis, ípsilon (ou ipsilão), zê.*

## 2. Acentuação



Foram abolidos, em certos casos, os acentos agudo e circunflexo, chamados “acentos diferenciais”, comumente utilizados na distinção das paroxítonas homógrafas, que são palavras diferentes no significado e na

pronúncia, mas que se escrevem de modo idêntico:

*polo* (subst. para “extremidade”) / *polo* (subst. para “prática esportiva”);  
*polo* (subst. para “ave”);

*para* (verbo) / *para* (prep.);

*pelo* (verbo) / *pelo* (prep.);

*pera* (subst.) / *pera* (prep. arcaica).



IMPORTANTE! Continua em vigência o *acento diferencial* entre:

– **pôde** (3ª pes. sing. pret. perf. do indicativo) / **pode** (3ª pes. sing. pres. do indicativo);

– **pôr** (verbo) / **por** (prep.).

– **têm** (3ª pes. pl. pres. do indicativo) / **tem** (3ª pes. sing. pres. do indicativo) – e **derivados** (*contêm / contém; retêm / retém* etc.);

– **vêm** (3ª pes. pl. pres. do indicativo) / **vem** (3ª pes. sing. pres. do indicativo) – e **derivados** (*convêm / convém; intervêm / intervém* etc.).



Deixa de existir o acento agudo na letra **-u** tônica dos grupos verbais que contenham **-que, -qui, -gue, -gui, -guem, -gues, -guis, -quem, -ques: apazigue, arguem, averigues, argui, arguis, oblique, obliquem, obliques.**



Não são mais acentuados o **-u** e **-i** tônicos quando precedidos por ditongo nas paroxítonas: *feiura, baiuca, Sauipe, bocaíuva.*



Os ditongos abertos **-éi, -ói** e **-éu**, se paroxítonos, não são mais acentuados: *plateia, ideia, tipoiá, boia, paranoico, heroico, assembleia, Coreia, (eu) apoio.*

IMPORTANTE: se forem monossílabos (como em *céu*, *dói*) ou oxítonos (como em *chapéu*, *anéis*, *lençóis*), continuam com acento, assim como os paroxítonos terminados em **-r**, com o *Méier* e *destróier*.



Não se acentuam as palavras terminadas em **-oo/-oos** e **-eem**: *enjoó*, *voo*, *abençoo*, *ressoo*, *(des)creem*, *deem*, *(re)leem*, *(re)veem*, *(des)proveem*.

### 3. Trema

- ❖ O trema (ü) foi abolido em todas as palavras: *frequente, consequência, arguir, quinquênio, pingüim, linguíça*; com exceção dos nomes próprios e dos de origem estrangeira: *Müller, Bündchen*.

### 4. Hífen

#### 4.1 Regras gerais

- ❖ Usa-se o hífen diante de palavra iniciada por **-h**: *anti-histórico, bio-história, extra-humano, mini-hotel, super-homem*.
- ❖ Se o prefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa com **-r** ou **-s**, não se usa o hífen e se duplicam as consoantes: *antirreligioso, antissocial, antessala, contrarregra, extrarregular, microsistema, neorrealismo*.
- ❖ Se o prefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa por consoante diferente de **-r** ou **-s**, não se usa o hífen: *autopeça, coprodução, pseudofruto, semicírculo, semideus, ultramoderno*.
- ❖ Se o prefixo termina em vogal diferente daquela com que se inicia o segundo elemento, não se usa o hífen: *agroindustrial, autoafirmação, sobreaviso, autoescola, autoimunizar, contraofensiva, extraoficial*.
- ❖ Se o prefixo termina em vogal, e o segundo elemento começa com a mesma vogal, usa-se o hífen: *anti-inflamatório, aqui-inimigo, contra-ataque, micro-ônibus, micro-ondas*.
- ❖ Se o prefixo termina em consoante, e o segundo elemento começa com a mesma consoante, utiliza-se o hífen. Caso o segundo elemento comece com consoante diferente, não se usa o hífen: *hiper-requintado, inter-racial, sub-bibliotecário, super-resistente, intermunicipal, superproteção, hipermercado*.
- ❖ Se o prefixo terminar em consoante, e o segundo elemento começar com uma vogal, não se usa o hífen: *hiperativo, interestadual, superaquecimento, superexigente*.

#### 4.2 Casos específicos

- ❖ Com o prefixo **sub**, deve-se utilizar o hífen diante de palavra iniciada em **-r** ou **-b**. Com todas as outras palavras, não se usa o hífen: *sub-região, sub-raça, sub-rogação, sub-bibliotecário, sub-base, sub-brigadeiro, subalimentação, suboficial, subitem, subclasse*.
- ❖ Com os prefixos **circum** e **pan**, utiliza-se o hífen diante de palavra iniciada em **-m**, **-n**, **-h** e **vogal**: *circum-mediterrâneo, circum-navegação, circum-hospitalar, circum-ambiente, pan-mágico, pan-negritude, pan-helênico, pan-americano*.
- ❖ Não se usa o hífen em palavras que perderam a **noção de composição**: *girassol, mandachuva, paraquedas, paraquedista, pontapé*.
- ❖ Mantém-se o hífen nas locuções consagradas: *água-de-colônia, arco-da-velha, mais-que-perfeito, cor-de-rosa*.
- ❖ Com os prefixos **vice**, **ex**, **sem**, **além**, **aquém**, **recém**, **pós**, **pré** e **pró**, utiliza-se sempre o hífen: *vice-almirante, ex-marido, sem-número, além-mar, aquém-fronteiras, recém-casado, pós-graduação, pré-histórico*.
- ❖ Deve-se usar o hífen com sufixos de origem tupi-guarani: *amoré-guaçu, anajá-mirim, andá-açu, capim-açu*.
- ❖ Deve-se usar o hífen para ligar duas ou mais palavras que se combinam, formando não propriamente vocábulos, mas encadeamentos vocabulares: *ponte Rio-Niterói, percurso Lisboa-Coimbra-Porto, eixo Rio-São Paulo*.
- ❖ Com o prefixo **co-**, não se utiliza o hífen: *coautor, codevedor, coproprietário, copiloto*.

#### ❖ **Artigo 24 Os “supersalários”: como se escreve o vocábulo?**

De vez em quando, a notícia se espalha: “*pagam-se supersalários aqui*”; “*recebem-se supersalários acolá*”. A palavra, associada àqueles que ocupam os altos escalões do governo, indica privilégios de alguns poucos por aí... E sempre se questiona: quem será que paga a conta?

A resposta dispensa comentários. Pelo menos, para nós, a quem cabe o trabalho – mais prazeroso, diga-se de passo – de verificar um problema de amplitude menor, mas igualmente impactante: a questão da ortografia da

palavra. Escreve-se o vocábulo com hífen ou sem? Usam-se dois “esses” (-ss) ou apenas um? O Acordo Ortográfico alterou, por acaso, a escrita da palavra?

Em primeiro lugar, é importante mencionar que o Acordo Ortográfico não alterou a formação de palavras com o prefixo *super-*. A regra permanece inalterada: haverá o hífen se a palavra posterior iniciar-se por **-h** ou **-r**. Na mesma esteira, seguirão os prefixos *hiper-* e *inter-*. Por essa velha razão, escrevem-se:

1. **Com hífen:** *super-habilidade*, *super-homem*, *super-requintado*, *super-resistente*; *hiper-hidratação*, *hiper-reativo*, *hiper-requintado*; *inter-racial*, *inter-regional*, *inter-resistente*, *inter-relacionado*.
2. **Sem hífen:** *superaquecido*, *superdosagem*, *superfaturado*, *superlotado*, *supermercado*; *hiperativo*, *hipertensão*, *hipertrofia*; *interativo*, *intercâmbio*, *intercessão*, *intermunicipal*, *internacional*.

Entretanto, uma dúvida se impõe: por qual motivo se escreve “supersalário”, com um -s (e sem hífen), se devemos escrever, à luz do Acordo Ortográfico, “suprassumo”, com dois “esses” (e também sem hífen)?

A resposta não é complicada. A regra que leva à hifenização das palavras formadas pelo prefixo *supra-* não se confunde com aquela revelada para o prefixo *super-*. Todas as palavras formadas com o prefixo *supra-* receberão o hífen se o elemento posterior iniciar-se por **-h** ou **idêntica vogal**. É o que dispõe o Acordo Ortográfico: *supra-histórico* e *supra-atmosférico*. Daí a necessidade de se escrever **suprassumo** sem o hífen.

Agora, quanto à duplicação da consoante -s, o problema é outro: o novo Acordo impõe que se dobre a letra quando o segundo elemento iniciar por **-r** ou **-s**, o que ocorre no presente caso (*sumo* inicia-se por -s). Daí escrevermos, com correção: *suprassenso*, *suprassolar*, *suprasssegmental* (e, da mesma forma: *suprarrenal*, *suprarrealismo*, *suprarregional*).

É relevante mencionar que a regra empregada ao prefixo *supra-*, acima detalhada, também o será a vários outros prefixos. As palavras em seguida, conquanto esteticamente estranhas, podem bem ilustrar:

1. **Proto:** *protossolar* e *protorrevolução*;
2. **Extra:** *extrassecular* e *extrarregular*;
3. **Pseudo:** *pseudossábio* e *pseudorreação*;

4. **Semi:** semisselvagem e semirrígido;
5. **Infra:** infrassom e infrarrenal;
6. **Intra:** intrassubjetivo e intrarracial;
7. **Neo:** neossimbolismo e neorrealismo;
8. **Ultra:** ultrassonografia e ultrarromântico;
9. **Contra:** contrassenso e contrarregra;
10. **Auto:** autossuficiente e autorretrato;
11. **Ante:** antessala e anterrosto;
12. **Anti:** antissocial e antirrábico;
13. **Arqui:** arquissacerdote e arquirrival;
14. **Sobre:** sobressaia e sobrerroda.

Uma vez esclarecida a diferença, vale a pena observarmos outras palavras grafadas com o prefixo *super-*, cujo segundo elemento se inicia pela consoante -s:

*Se grafamos **supersalário**, iremos grafar: supersábio, supersafra, supersalgado, supersecreto, supersensibilidade, supersensível, supersimples, supersólido, superstição.*

Dessa forma, fica claro que grafaremos “supersalário”, sem duplicar o -s e sem colocar um hífen indesejado.

Com relação à pergunta que intitula o presente artigo (“*Os supersalários: como se escreve o vocábulo?*”), podemos responder de modo “supersimples”: o vocábulo se escreve com -v (de *vigilância*...).

**Observação:** todas as palavras citadas no artigo foram confrontadas com o Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa (VOLP), em sua 5ª edição (2009), já atualizada com o Acordo Ortográfico.



## Referências

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Bloch, 1981.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1999.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Impronta, 2004.
- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. Rio de Janeiro: Global, 2009.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Dicionário de questões vernáculas*. São Paulo: Caminho Suave, 1981.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 28. ed. São Paulo: Saraiva, 1979.
- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.
- AMARAL, A. *Revista da Academia Paulista de Letras* 26 (73): 171-2, 1969.
- ANDRÉ, Hildebrando A. de. *Gramática ilustrada*. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1982.
- ARISTÓTELES. *Arte retórica e arte poética*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- ARRUDA, Geraldo Amaral Des. *Notas sobre a linguagem do juiz*. São Paulo: Corregedoria Geral de Justiça – TJSP, 1988.
- ARRUDA, Geraldo Amaral Des. *Como aperfeiçoar frases*. São Paulo: Corregedoria Geral de Justiça – TJSP, 1988.
- ASSIS, Machado de. *O alienista*. São Paulo: Ática, 1994.
- AULETE, F. J. C.; GARCIA, H. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.
- BARROS, Jaime. *Encontros de redação*. São Paulo: Moderna, 1967.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática da língua portuguesa*. 22. ed. São Paulo: Nacional, 1977.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa – 1º e 2º graus*. 19. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

- BELLARD, Hugo. *Guia prático de conjugação de verbos*. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BOA VENTURA, Edivaldo. *Como ordenar as ideias*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.
- BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. 2. ed. São Paulo: UNESP, 1991.
- BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Introdução aos estudos linguísticos*. 9. ed. São Paulo: Nacional, 1987.
- BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Instrumentos de comunicação oficial*. São Paulo: Estrutura, 1978.
- BORBA, Francisco da Silva (Coord.). *Pequeno vocabulário de linguística moderna*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1976.
- BROWN, Dan. *O código da Vinci*. São Paulo: Sextante, 2004.
- BUENO, Francisco da Silveira. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1963.
- CALDAS, Aulete. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- CALLADO, Antonio. *Sempreviva*. São Paulo: Circulo do Livro, 1981.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de linguística e gramática*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 2. ed. Rio de Janeiro: J. Ozon, 1966.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1977.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Manual de expressão oral e escrita*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1981.
- CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CAMPEDELLI, Samira Yousseff; SOUZA, Jésus Barbosa. *Português – Literatura – Produção de textos e gramática*. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 2000/2002.
- CARVALHO, Dolores; NASCIMENTO, Manoel. *Gramática histórica*. 7. ed. São Paulo: Ática, 1971.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 43. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2000.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*.

2. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote*. São Paulo: Nova Cultural, 1993.
- CIPRO NETO, Pasquale. *Inculca e bela*. 3. ed. São Paulo: Publifolha, 2000.
- COSTA, José Maria da. *Manual de redação profissional*. Campinas: Millennium, 2002.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1958.
- CRYSTAL, David. *Dicionário de linguística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.
- CUVILLIER, Armand. *Pequeno vocabulário da língua filosófica*. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1961.
- CUNHA, Antonio Geraldo da. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2. ed., 16 reimp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- CUNHA, Celso Ferreira da. *Gramática da língua portuguesa*. 9. ed. Rio de Janeiro: FAE, 1983.
- DAMIÃO, Regina Toledo; HENRIQUES, Antonio. *Curso de português jurídico*. 8. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. Dir. e coord. geral da tradução de Izidoro Blikstein, São Paulo: Cultrix, 1978.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto de. *Gramática nova*. 19. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- FELLIPE, Donaldo J. *Dicionário jurídico de bolso*. 7. ed. Campinas: Julex Livros, 1993.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de regimes de substantivos e adjetivos*. 20. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- FERNANDES, Francisco. *Dicionário de sinônimos e antônimos e dicionário de verbos e regimes*. Porto Alegre: Globo, 1980.
- FERRAZ JR., Tercio Sampaio. *Introdução ao estudo do direito*. 4. tir. São Paulo: Atlas, 1991.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*.

2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOLHA DE S.PAULO. *Manual da redação – Folha de São Paulo*. 3. ed. São Paulo: Folha de S.Paulo, 1992.
- FREIRE, Ricardo. *Xongas. O Estado de S.Paulo*. São Paulo, 16-2-2001.
- GASPARI, Elio. *Jornal Estado de Minas*. Belo Horizonte, 18-3-2001.
- GOBBES, Adilson; MEDEIROS, João Bosco. *Dicionário de erros correntes da língua portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Sales. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JHERING, Rudolf Von. *O espírito do direito romano*. Rio de Janeiro: Alba, 1943.
- LAPA, Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1965.
- LAROUSSE, Ática. *Dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Paris: Larousse, 2001.
- LEME, Odilon Soares. *Tirando dúvidas de português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário gramatical da língua portuguesa*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1971.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 4. ed. Porto Alegre: Globo, 1981.
- LUFT, Celso Pedro. *Novo guia ortográfico*. 8. ed. Porto Alegre: Globo, 1979.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência nominal*. 4. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- LUFT, Celso Pedro. *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo: Ática, 1987.
- MACHADO, José Pedro (Coord.). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Lisboa, Sociedade da Língua Portuguesa, 1965.
- MARTINS, Eduardo (Org.). *Manual de redação e estilo*. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1990.
- MARTINS, Ives Gandra da Silva. *A cultura do jurista – formação jurídica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.
- MARTINS, Ives Gandra da Silva. *A cultura do jurista – formação jurídica*. São Paulo: Revista dos Tribunais, 1999.

- MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- MIRABETE, Julio Fabbrini. *Curso de processo penal*. 2. ed. São Paulo: Atlas.
- MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983.
- NADÓLSKIS, Hêndricas; MARCONDES, Marleine Paula; TOLEDO, Ferreira de. *Comunicação jurídica*. São Paulo: Catálise Editora, 1997.
- NASCIMENTO, Edmundo Dantes. *Linguagem forense*. São Paulo: Saraiva, 1992.
- NICOLA, José de; TERRA, Ernani. *1001 dúvidas de português*. 10. ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
- NISKIER, Arnaldo. *Questões práticas de Língua Portuguesa: 700 respostas*. Rio de Janeiro: Consultor, Assessoria de Planejamento Ltda., 1992.
- NOGUEIRA, Júlio. *A linguagem usual e a composição*. 13. ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas Bastos, 1959.
- O ESTADO DE S. PAULO. *Manual de redação e estilo – Estado de S. Paulo*, Eduardo Martins: São Paulo, 1990.
- OLIVEIRA, Édison de. *Todo o mundo tem dúvida, inclusive você*. 5. ed. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.
- OLIVEIRA, Nélson Custódio. *Português ao alcance de todos*. 23. ed. Rio de Janeiro: Barbero, 1972.
- OLIVEIRA, Ronaldo Alves de. *Escreva bem agora! Manual prático de estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Edicta, 2001.
- PAES, José Paulo; MASSAUD, Moisés. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1969.
- PIMENTA, Reinaldo. *Português urgente*. 7. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1998.
- REALE, Miguel. *Lições preliminares de direito*. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- REALE, Miguel. *Memórias: destinos cruzados*. Rio de Janeiro: Saraiva, 1986. v. I.
- REALE, Miguel. *Memórias: destinos cruzados*. 2. ed. Rio de Janeiro: Saraiva, 1987. v. I.
- REBELO GONÇALVES, R. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. Coimbra: Coimbra Editora, 1966.
- REIS, Otelo. *Breviário da conjugação de verbos*. 38. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

- RODRÍGUEZ, Victor Gabriel de Oliveira. *Manual de redação forense*. Campinas: Jurídica Mizuno, 2000.
- RYAN, Maria Aparecida. *Conjugação dos verbos em português; prático e eficiente*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1989.
- SABBAG, Eduardo de Moraes. *Redação forense e elementos da gramática*. 5. ed. São Paulo: RT, 2012.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Dicionário de pronúncia correta*. Ribeirão Preto: Nossa Editora, 1991.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Minidicionário Sacconi da língua portuguesa*. São Paulo: Atual, 1996.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Não erre mais*. 8. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- SACCONI, Luiz Antonio. *Tudo sobre português prático*. São Paulo: Moderna, 1979.
- SANTOS, Hugo Rodrigues dos. *Latim para o jurista*. 3. ed. Belo Horizonte: Edições Ciência Jurídica, 1996.
- SANTOS, Mario Ferreira dos. *Curso de oratória e retórica*. São Paulo: Logos, 1954. v. I.
- SANTOS, Raquel Aparecida Lemes Bittencourt. *A importância do português no direito*. Monografia, Taubaté, 2001.
- SILVA, De Plácido e. *Vocabulário jurídico*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1978.
- SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras; frases e curiosidades da língua portuguesa*. São Paulo: Mandarim, 1997.
- SILVA, Deonísio da. *De onde vêm as palavras II*. São Paulo: Mandarim, 1998.
- SILVEIRA BUENO, F. *Antologia arcaica*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1968.
- SILVEIRA, Sousa da. *Lições de português*. Rio de Janeiro: Editora Livros de Portugal, 1972.
- SQUARISI, Dad. *Dicas da Dad: português com humor*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- SQUARISI, Dad. *Mais dicas da Dad: Português com humor*. São Paulo: Contexto, 2003.
- TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 19. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- XAVIER, Antonio Carlos dos Santos. *Como se faz um texto; a construção da dissertação-argumentativa*. Campinas: Ed. do autor, 2001.

XAVIER, Ronaldo Caldeira. *Português no direito*. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense, 1991.